



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
STRICTO SENSU INTERDISCIPLINAR EM TERRITÓRIOS
E EXPRESSÕES CULTURAIS NO CERRADO



LARA FERREIRA AMARAL

UM PERCURSO DE MEMÓRIA URBANA E CULTURAL:
Uma análise da Rua Cel. Aquiles de Pina em Anápolis-GO (1900-2023).

Anápolis
2023

LARA FERREIRA AMARAL

UM PERCURSO DE MEMÓRIA URBANA E CULTURAL:

Uma análise da Rua Cel. Aquiles de Pina em Anápolis-GO (1900-2023).

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER) da Universidade Estadual de Goiás, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais e Humanidades.

Linha da Pesquisa: Linha 1 – Dinâmicas Territoriais e Relações de Poder

Orientador(a): Prof. Dr. Jean Carlos Vieira Santos

Coorientador(a): Prof(a). Dr(a). Milena D'ayala Valva

**Anápolis
2023**

LARA FERREIRA AMARAL

UM PERCURSO DE MEMÓRIA URBANA E CULTURAL:
Uma análise da Rua Cel. Aquiles de Pina em Anápolis-GO (1900-2023).

Banca examinadora

Prof. Dr. Jean Carlos Vieira Santos
Presidente - Orientador /UEG – TECCER

Profa. Dra. Milena D'ayala Valva
Membro – Coorientadora /UEG – TECCER

Prof. Dr. Ademir Luiz da Silva
Membro interno/UEG – TECCER

Prof. Dr. Fernando Antônio Oliveira Mello
Membro externo/ FAV- UFG – Goiânia

Profa. Dra. Janes Socorro da Luz
Suplente interno/ UEG – TECCER

Prof. Dr. Anderson Pereira Portuguez
Suplente externo/ Facip – UFU - Campus de Ituiutaba/MG

Anápolis, 2023

De Povoado de Santana das Antas (1819) à cidade de Anápolis (1907), anos de transformações e desejos de modernidade

Minha cidade natal, minha pesquisa de mestrado, minhas memórias, minha história!

Cidade de raízes e vida tranquila. De cidade média boa de viver à cidade desapegada porque a modernidade quer ter

Cidade do coração de todos e por poucos realmente conhecida

Viva Anápolis, nossa cidade querida!¹

¹ Poema autoral feito para o aniversário de 116 anos da cidade de Anápolis.

AGRADECIMENTOS

“Que a tua vida não seja uma vida estéril. - Sê útil. - Deixa rastro.” (Caminho, 1)

Não há como começar esse agradecimento sem antes adentrar com essa frase que me motivou desde o início do trabalho. Era um anseio oferecer todas as palavras escritas a Deus, Aquele que me deu todas as oportunidades e dons para elaborar essa pesquisa. Um conteúdo útil aos leitores, esse era meu desejo, e espero que possa conquistar isso a cada leitura. São Josemaria Escrivá, obrigada por seu apoio do céu.

Agradeço também a todos aqueles que me apoiaram e incentivaram. Ao meu marido Gustavo que sempre viu em mim a força necessária para finalizar o mestrado mesmo em meio a gravidez, que apesar de ser um momento lindo, teve seus desafios e cuidados. Você Gustavo me encorajou com seu amor. E também à Olívia, minha filha, desde a barriga parceira de leituras e estudos.

À minha irmã, Luana que sempre me apoiou e ajudou com as leituras e dicas textuais, além de todo suporte quando eu precisava. Aos meus pais por todo ensinamento, carinho e ajuda. Aos meus parceiros de mestrado, especialmente ao arquiteto mestre Jovanir que compartilhou de perto matérias e projetos. Também aos amigos da faculdade que a todo momento me incentivaram a crescer profissionalmente. Obrigada!

Por fim, mas não menos importante, aos meus queridos orientadores Jean e Milena que enriqueceram meus conhecimentos, cada orientação e aula eu levarei sempre comigo. A todos que compõe o TECCER, um programa maravilhoso que me fez enxergar a beleza, riqueza, diversidade e importância do Cerrado. Gratidão!

RESUMO

Percorre-se a Rua Cel. Aquiles de Pina, setor central de Anápolis/GO, através de um trajeto contemplado por reminiscências históricas. A paisagem da rua é marcante pois abriga uma ambiência repleta de memórias e edifícios que refletem cronologicamente a história de Anápolis. Esse lugar torna-se exemplo de resiliência em meio a falta de pertencimento por parte da população. As transformações desmedidas feitas pelos próprios anapolinos são ações recorrentes, principalmente no setor central. Entretanto, é possível observar alguns vestígios históricos relevantes que permanecem na Rua Cel. Aquiles de Pina, mesmo em meio às mudanças, vestígios estes que podem ser catalisadores da memória anapolina. O objetivo, portanto, foi capturar este lugar de memória de forma a enaltecer a relevância desse trajeto para Anápolis. Metodologicamente, a pesquisa se divide em pesquisa bibliográfica e documental - onde apreende-se histórias e fotografias que contaram como esta paisagem se formou; e a pesquisa de campo - de forma a observar as transformações através da permanência dos edifícios no tecido urbano. A fotografia foi o método de análise escolhido para melhor demonstrar o objeto, tanto no tempo como atualmente. Além do mais, relatos retirados das redes sociais através de comentários, foi importante para entender mais sobre a percepção dos anapolinos sobre a rua. A Rua Cel. Aquiles de Pina é um museu vivo para a cidade, aos olhares atentos, passar nessa rua é visualizar as marcas do tempo não só nos edifícios, mas em sua própria existência. Dos fluxos de tropeiros à correria das emergências do Hospital Evangélico Goiano - presente em seu entorno -, sua vivacidade perpassa pelo coreto e a Praça James Fanstone, pelos demais serviços de saúde e comércios locais. A rua Cel. Aquiles de Pina materializa vivências históricas e memórias que vêm se perdendo no tempo, esquecidas e pouco percebidas. De forma geral, conclui que o resgate desse trajeto se faz necessário para que mais anapolinos sintam-se pertencentes a esse local, e, conseqüentemente, contribuindo para a salvaguarda deste lugar.

Palavras chaves: Memória, Paisagem Urbana, Patrimônio, Espaço Urbano.

ABSTRAT

Cel. Aquiles de Pina Street, in the central area of Anápolis/GO, is traversed along a route full of historical reminiscences. The street's landscapes are striking because it houses an ambience full of memories and buildings that chronologically reflect the history of Anapolis. This place becomes an example of resilience in the midst of the population's lack of belonging. The unreasonable transformations made by locals themselves are recurrent, especially in the central areas of the town. However, it is possible to see some relevant historical vestiges remaining at Cel. Aquiles de Pina street, even in the midst of modifications, those vestiges can be catalysts for the local memory. The purpose, therefore, was to capture this place of memory in order to highlight the importance of this route for Anapolis. Methodologically, the research is divided into bibliographical and documentary research - where stories and photographs are seized that tell how this landscape was formed; and field research - in order to observe the transformations through the permanence of the buildings in the urban environment. Photography was the analysis method chosen to better demonstrate the object, both through time and today. In addition, reports taken from social media through comments were important to understand more about locals' perception of the street. Cel. Aquiles de Pina street is a living museum for the city; to the attentive eyes, passing along this street is to visualize the marks of time not only in the buildings, but in their very existence. From the flow of muleteers to the rush of emergencies at the Hospital Evangélico Goiano - present in its surroundings - its liveliness runs through the bandstand and James Fanstone Square, the other health facilities and local shops. Cel. Aquiles de Pina street materializes historical experiences and memories that have been lost in time, forgotten and barely noticed. In conclusion, it is necessary to rescue this route so that more citizens of Anapolis can experience a sense of belonging and, consequently, contribute to safeguarding this place.

Key words: Memory, Urban Landscape, Heritage, Urban Space.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de Anápolis delimitando o setor central e o centro pioneiro. ...	19
Figura 2: Rua Cel. Aquiles de Pina à esquerda, e a Praça James Fanstone, antiga Praça João Pessoa, na década de 1950.....	27
Figura 3: Mapa que demonstra como a localização de Anápolis (GO) sempre fora estratégica.....	33
Figura 4: Reprodução de Natércia de Siqueira mostrando a Vila de Santana das Antas em 1888.	36
Figura 5: Cidade de Anápolis em 1904, com demarcação dos fluxos das estradas de minério e cursos d' água, adaptação do desenho de Paulino Horácio Barbosa.....	37
Figura 6: Vila de Santana das Antas em 1902-1904, adaptação do desenho de Paulino Horácio Barbosa.....	39
Figura 7: Recorte do texto publicado por Haydée Jayme Ferreira contando relatos da Rua Manoel D' Abadia em 1981.....	40
Figura 8: Intendência Municipal em 1926 e 1934, ambas no mesmo local na atual Rua Manoel D' Abadia.....	41
Figura 9: Vista da sede do GOIAZBANC em 1947, atual Hotel Itamaraty.....	41
Figura 10: Loja A Rainha da Barateza em 1912.....	54
Figura 11: Propagandas da casa comercial "A Rainha da Barateza" em Jornal Voz do Sul, 1931.....	55
Figura 12: Antiga casa comercial "Rainha da Barateza" na Rua Cel. Aquiles de Pina, sem data.	56
Figura 13: Antiga casa comercial "Rainha da Barateza" na Rua Cel. Aquiles de Pina, em 2011.	56
Figura 14: Antiga Praça Senador Ramos Caiado em 1929.....	57
Figura 15: Jornal Voz do Sul anuncia a reinauguração do coreto na Praça João Pessoa em 6 de março de 1932.....	58
Figura 16: Desfile de 7 de setembro na Praça João Pessoa em 1940.....	59
Figura 17: Novo coreto da Praça João Pessoa em 1949.	60
Figura 18: Coreto na Praça James Fanstone, sem data.	61
Figura 19: Coreto da Praça James Fanstone em 2013.....	62

Figura 20: Coreto da Praça James Fanstone em 2019.....	62
Figura 21: Hospital Evangélico Goiano em 1936.	63
Figura 22: Praça James Fanstone com a casa do doutor ao fundo.	64
Figura 23: Hospital Evangélico Goiano com a praça em 1948.....	65
Figura 24: Hospital Evangélico Goiano com a praça e o coreto em 1951.....	65
Figura 25: Conjunto do Hospital Evangélico Goiano, à esquerda o anexo criado, sem data.....	66
Figura 26: Manchete do Jornal O Anápolis em 1949.	67
Figura 27: Propagandas do jornal Voz do Sul em 1931 sobre o HEG.	67
Figura 28: Rádio Imprensa no Edifício Dona Dayse na década de 1960.....	68
Figura 29: Hospital Evangélico Goiano, sem data.....	69
Figura 30: Hospital Evangélico Goiano em 2019.	69
Figura 31: Edifício Dona Dayse em 2019.....	70
Figura 32: Inauguração do Cine Teatro Imperial em 1936.....	71
Figura 33: Imponência do Cine Teatro Imperial em 1948.	72
Figura 34: Destaque do jornal O Anápolis em 1948 destacando os marcos da paisagem para a cidade.	73
Figura 35: Cine Teatro Imperial na década 1960.....	74
Figura 36: Cine Roxy em 2007 na Rua Cel. Aquiles de Pina.....	75
Figura 37: Restaurante Chão Cerrado em frente à Praça James Fanstone em 2011.	76
Figura 38: Parte interna do Restaurante Chão Cerrado em 2011.....	76
Figura 39: Companhia Comercial de Automóveis (CCA) na década de 1960..	77
Figura 40: Propaganda da Companhia Comercial de Anápolis no Jornal O Anápolis em 1956.....	78
Figura 41: Revista Vida na GM Brasil publicada em janeiro/ fevereiro de 1960.	79
Figura 42: Rua Cel. Aquiles de Pina na década de 1960 com os caminhões da GMC.....	80
Figura 43: O edifício e suas duas fachadas, a histórica na Rua Cel. Aquiles de Pina e a do estacionamento na Rua 7 de Setembro, em 2019.	81
Figura 44: Planta do edifício da CCA na década 1940.....	81
Figura 45: Dona Dayse Fanstone e James Fanstone.	83
Figura 46: HEG e Casa de Manoel Francisco D' Abadia em 1942.....	84

Figura 47: Hospital Evangélico Goiano com a Casa de Manoel D' Abadia já em estilo eclético em 1949.	84
Figura 48: Paisagem da praça James Fanstone na década de 1970.	85
Figura 49: Entorno da Casa de Graciano Antônio da Silva em 1934.	86
Figura 50: Casa de Graciano Antônio da Silva na década de 1940.	87
Figura 51: Rua Cel. Aquiles de Pina e relevantes edifícios históricos em 1934.	88
Figura 52: Antiga residência de José Fernandes Valente em 2011.	88
Figura 53: Antigo edifício sendo demolido permanecendo apenas a fachada em 2013.	89
Figura 54: Antiga casa de José Fernandes Valente após a demolição, em 2021.	89
Figura 55: Cel. Aquiles de Pina.	90
Figura 56: Fotografia de 1928 que mostra a esquina onde ficava a Casa de Tônico de Pina.	91
Figura 57: Rua Cel. Aquiles de Pina em 1940 mostrando o entorno.	92
Figura 58: Casa de Tônico de Pina em 1948.	93
Figura 59: Casa de Tônico de Pina na década de 1960.	93
Figura 60: Antiga Casa de Tônico de Pina abrigando uso de consultórios médicos em 2011.	94
Figura 61: Antiga Casa de Tônico de Pina em 2018 sem uso.	95
Figura 62: Antiga Casa de Tônico de Pina em 2018 na mostra Kzulo.	95
Figura 63: Planta de situação do terreno com as edificações em 2018.	96
Figura 64: Fotografias da antiga Casa Tônico de Pina mostrando seu estado de conservação.	97
Figura 65: Fotografias de alguns ambientes da mostra Kzulo em 2018.	98
Figura 66: Fotografias da fachada pós a mostra em 2019.	99
Figura 67: Antiga casa de Tônico de Pina demolida em 2020.	99
Figura 68: Fotografias que mostram uma mesma perspectiva do final da rua em 1937 e 1942.	100
Figura 69: Casa em estilo tradicional, a mais antiga da rua em 2011.	101
Figura 70: Imagens em satélites que mostram a evolução da rua a partir de 2003 até 2020.	102

Figura 71: Localização da Rua Cel. Aquiles de Pina e entorno, mostrando os ângulos das fotografias, 2022.	109
Figura 72: Fotografias do coreto na Praça James Fanstone, 2022.....	110
Figura 73: Mapa com a localização do Hospital Evangélico Goiano e seu entorno através de fotografias.....	111
Figura 74: Rua Cel. Aquiles de Pina e seu entorno no domingo.....	112
Figura 75: Fotografias da casa de Manoel D' Abadia em 2022.....	113
Figura 76: Mapa com da Rua Cel. Aquiles de Pina e fotografias que mostram edifícios de interesse histórico.	114
Figura 77: Permanência e transformação do muro da antiga Casa de Tonico de Pina.....	115
Figura 78: Mapa com a localização da Rua Cel. Aquiles de Pina e fotografias que mostram edifícios de interesse histórico.....	116
Figura 79: Calçada da casa modernista, à esquerda em junho com itens que mostram abrigo de pessoas em situação de rua; e à direita, em agosto com uma grade limitando esse abrigo.	117
Figura 80: Mapa com a localização da Rua Cel. Aquiles de Pina e fotografias que mostram edifícios de interesse histórico.....	118
Figura 81: Calçada do Edifício José M. Vasconcelos.....	119
Figura 82: À esquerda, o antigo edifício referente à Rainha da Barateza em 2011. À direita o mesmo local já com outro edifício em 2022.	119
Figura 83: Mapa com a localização da Rua Cel. Aquiles de Pina e fotografias que mostram edifícios de interesse histórico e entorno.	120
Figura 84: Pontos de comércio no fim da Rua Cel. Aquiles de Pina com a Av. Xavier de Almeida em 2023.	121
Figura 85: Demonstração dos usos na Rua Cel. Aquiles de Pina.....	122
Figura 86: Postagem no Instagram com a fotografia da Praça James Fanstone em 2022.	124
Figura 87: Postagem do facebook da foto da Praça James Fanstone com o Coreto em 2017.....	125
Figura 88: Postagem da foto do Cine Roxy em 2021 no Facebook.	125
Figura 89: Postagem com foto da Casa Tradicional na Rua Cel. Aquiles de Pina no Instagram em 2021.	126

Figura 90: Postagem no Facebook mostrando a Casa Tradicional na rua em 2013.	127
Figura 91: Postagem no Instagram falando do Hospital Evangélico Goiano em 2023.	128
Figura 92: Postagem no Instagram mostrando a Praça James Fanstone com a Casa de James Fanstone ao fundo em 2020.....	128
Figura 93: Postagem no Facebook mostrando a transformação da antiga Casa de José Valente em 2013.....	129
Figura 94: Postagem relatando a demolição da antiga Casa de Tônico de Pina em 2020 no Instragram.	130
Figura 95: Postagem mostrando a demolição da antiga Casa de Tônico de Pina em 2020 no facebook.....	131
Figura 96: Placa de identificação com QR Code na Praça James Fanstone em 2023 elegendo-a como um atrativo turístico da cidade.....	132
Figura 97: Busto do Coronel Aquiles de Pina construído em 1975 na Praça James Fanstone.....	133
Figura 98: Espaço de acervos e imagens históricas do HEG e família Fanstone no edifício do hospital em frente à Praça.	134

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACIA - Associação Industrial e Comercial de Anápolis

CANG - Colônia Agrícola Nacional de Goiás –

CCA - Companhia Comercial de Automóveis

CIAM - Congresso Internacional de Arquitetura Moderna

EFG - Estrada de Ferro Goiás

GM - General Motors

GOIAZBANC - Banco Comercial do Estado de Goiás

HEG - Hospital Evangélico Goiano

ICOM - Centro Internacional para o Estudo da Preservação e Restauração da Propriedade Cultural

ICOM - Conselho Internacional de Museus

ICOMOS - Conselho Internacional de Monumentos e Sítios

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SCA - Sociedade Comercial de Automóveis

SPHAN - Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

UESA - União Evangélica Sul-Americana

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1. PRIMEIROS PASSOS: OS FLUXOS MIGRATÓRIOS COMO FORMADORES DOS ESPAÇOS URBANOS	23
1.1 Dinâmica urbana: a cidade, a praça e a rua.....	23
1.2 Anápolis no caminho dos migrantes.....	28
1.3 O centro pioneiro e seus traçados	35
2. PARADA OBRIGATÓRIA: HISTÓRIA, MARCOS E SÍMBOLOS NA RUA CEL. AQUILES DE PINA	43
2.1 Patrimônio histórico cultural: dos discursos às práticas.....	43
2.2 A história de Anápolis refletida na Rua Cel. Aquiles de Pina.....	53
2.3 Vultos e reminiscências da paisagem na Rua Cel. Aquiles de Pina	82
3. PARA ONDE SEGUIR? REMINISCÊNCIAS, TRANSFORMAÇÕES E PERCEPÇÕES DA PAISAGEM ATUAL	104
3.1 Análise da paisagem: entre a forma e o conteúdo	104
3.2 A rua e seu entorno: percepções e entendimento da paisagem atual	107
3.3 Narrativas sobre a rua: memórias e perspectivas	123
REFERÊNCIAS	139
ANEXOS	146

INTRODUÇÃO

Ao olhar a cidade é perceptível a diversidade das produções humanas materializadas nas paisagens, ricas em expressividade e marcas culturais, que as diferenciam umas das outras. Assim somos nós, seres humanos, indivíduos que têm como objetivo ser no mundo cada um à sua maneira.

Anápolis, localizada no estado de Goiás, está enraizada na minha vivência desde o meu nascimento e faz parte do meu olhar cotidiano. Após a graduação, em Arquitetura e Urbanismo, a inquietude sobre os espaços urbanos, suas relações e produções, sempre me chamaram a atenção. Esta pesquisa visa uma análise sobre esses espaços com a contribuição de olhares interdisciplinares, com interesse em novas descobertas e valorização das histórias e memórias coletivas e individuais.

De Povoado Santana das Antas (1819), à Cidade de Anápolis (1907), qual seria a paisagem que reflete todo esse processo de desenvolvimento urbano? O que se vê usualmente é uma história oculta aos seus cidadãos. Seus vestígios históricos ainda permanecem na paisagem local e frequentemente passam despercebidos pela sociedade. Esse estudo tem como premissa entender essas construções, lugares, memórias, que podem dizer muito sobre Anápolis. Para o recorte da pesquisa foi selecionado o centro pioneiro², local onde se inicia o núcleo urbano de Anápolis mais especificamente a Rua Cel. Aquiles de Pina e seu entorno imediato que tem como início meados de 1900.

A Rua Cel. Aquiles de Pina é o objeto de estudo por possuir um acervo de significância para a história da cidade. É um local que chama atenção, não só pela sua relevância histórica, mas também por possuir uma ambiência urbana atípica para um centro de uma cidade média,³ com comércios familiares de

² O centro das cidades na maioria das vezes é caracterizado por abrigar diversas funções econômicas e sociais em seu espaço, por ser um local complexo no espaço-tempo das cidades pode ser denominado por diversos termos. Nesta pesquisa, o Centro Pioneiro é identificado como o início do núcleo urbano de Anápolis, tendo como base o trabalho de SILVA (2019) e o Plano Diretor de 2016, que delimita esse local no mapa de zoneamento. Disponível em: http://www.anapolis.go.gov.br/anexos/MapsPlanDir/ANEXO_XIII-FL_03_06_ZONEAMENTO_2016.pdf

³ Cidades médias são aquelas que intermeiam relações entre as grandes e pequenas cidades. Não se classifica cidade média de acordo com habitantes ou território, mas sim por suas relações

pequeno porte, pela Praça James Fanstone de 1926, cujo desenho é de Osvaldo Verano famoso artista da cidade, e seu Coreto. E também no seu entorno, em frente a pracinha, com o imponente Hospital Evangélico Goiano, local que marca meu nascimento e que conseqüentemente fixa firmemente essa paisagem em minha memória individual.

E é assim que se encontra um importante gancho para a pesquisa, a ligação efetiva que há entre a história e memória nas cidades. Nesse sentido, se entende a história como o ato de guardar por narrativas e discursos os acontecimentos e a memória, quando se utiliza dessa historicidade, dá ao acontecimento pertencimento, significado, portanto, reconhecimento, algo que é preciso para a valorização das paisagens históricas nas cidades (PESAVENTO, 2005).

É na Rua Cel. Aquiles de Pina onde podemos encontrar não só minhas memórias, mas a de muitos anapolinos, porém sua potencialidade histórica e carga simbólica é cada dia mais apagada da paisagem. O descuido da população e dos gestores públicos, a falta de ações preservacionistas e cumprimento de legislações são visíveis nesse lugar. A paisagem está repleta de propagandas que prejudicam as fachadas históricas, edifícios abandonados que agravam o desgaste e as demolições. Essas e outras ações fazem com que as gerações futuras possam não compreender e perceber esse lugar.

Foi importante resgatar por meio desta pesquisa, cujo objeto tem poucos estudos publicados, a importância da paisagem histórica da Rua Cel. Aquiles de Pina para a cidade, os diálogos e lacunas que fizeram suas edificações marcantes no espaço e na história. É um estudo sobre a rua que teve edifícios e usos de suma relevância para a cidade, como o Coreto, um dos primeiros cinemas, o primeiro hospital do estado com elevador, e ainda variadas reminiscências de estilos arquitetônicos que se produziu na cidade. Foi considerável resgatar essa memória não só para nosso conhecimento de cidadão e parte dessa história, mas também ressaltar a importância de se preservar para as futuras gerações e ainda para resguardar uma qualidade histórica dessa paisagem urbana.

e “urbanização, funções, influências, cotidianos, inserção regional, organização territorial do trabalho, qualidade de vida” (SILVA, 2019, p. 37).

Para direcionar a pesquisa, buscou-se em Pesavento (2005) a compreensão de que as cidades são temporalidades que encontram forma e sentido no espaço, produções humanas cumuladas de sentido que a individualizam na história. Analisar cidades é compreender quais símbolos e discursos que a fizeram existir no mundo para traduzi-las no presente.

Os seres humanos são os produtores da história em todo seu aspecto cultural⁴. Deste modo, se evidencia o valor humano na construção da sociedade, onde “a existência é, nessa acepção, uma relação entre o ser e mundo, não fazendo sentido desvincular o homem do ambiente em que vive” (CARSALADE, 2014, p.29).

Os agentes formam os espaços que são produtos dessas ações no tempo. Essas produções podem se materializar de diferentes formas, sendo elas as cidades, seus espaços urbanos, edifícios, e também na cultura, costumes, entre outros. Tudo isso fica efetivamente na história e quando ligado à memória, ganha significado para a sociedade.

Nesse sentido, ao tratar da história das cidades é possível se deparar com um dilema, passado e desenvolvimento, como lidar? E é visível nas paisagens, principalmente nos centros tradicionais, as transformações materializadas nos edifícios, costumes e no geral, mudanças que apagam as histórias.

Anápolis, localizada entre Goiânia (GO) e Brasília (DF), sempre fora marcada por transformações que modifica constantemente sua paisagem e contexto. Sua aglomeração inicial em 1870 se dá por servir de “pouso das comitivas que realizavam o transporte de mercadorias entre os antigos núcleos mineradores goianos (Jaraguá, Meia Ponte - atual Pirenópolis, Corumbá, Pilar, etc.)” (LUZ, 2009, p.177).

A cidade já desempenhava essa ligação de passagem e já se tornava cada vez mais um local de atrativo para os tropeiros, esses fluxos proporcionavam novas relações sociais e conseqüentemente lugares de troca, onde surgiram assim as primeiras casas comerciais. Seu rápido desenvolvimento, muito pela sua localização, é marcante e já em 1907 se torna cidade. Entre 1870 e 1935, Anápolis teve um crescimento populacional

⁴ Tendo como sentido antropológico de cultura um conjunto de sentidos partilhados (PESAVENTO, 2005, p.10).

expressivo ocasionado por esses fluxos, não só de goianos, mas de variadas localidades proporcionando à cidade ser um “entreposto comercial” (MENEZES, 2009, p.57).

É relevante também adentrar ao fato religioso que culminou também no processo de urbanização da cidade, onde uma dessas comitivas decide fundar uma capela (1871) em honra a Sant’Ana, definindo mais ainda a aglomeração urbana nesse local (LUZ, 2009). As principais ruas e casas surgiram assim no entorno dessa capela, sendo que os primeiros edifícios comerciais desenvolveram e se estabeleceram muito pelas influências dos tropeiros que ali passavam (MACHADO, 2009). As ruas como espaços públicos têm um papel primordial na construção das cidades e das histórias, “a rua, historicamente e em diversas civilizações, sempre assumiu um importante papel no cotidiano das pessoas” (FERREIRA, 2002, p.14).

Portanto, é evidente a importância da Rua Cel. Aquiles de Pina, um local marcado por guardar em sua paisagem elementos culturais relevantes para a história da cidade. Essa rua fez parte do traçado inicial da cidade, como se identifica na figura 1, e teve grande destaque no comércio e também sendo “o berço do reduto da família de Pina” (ARIMATHÉIA, 2007, p.46), personagens políticos importantes para a cidade. No plano diretor de 2016, o centro pioneiro (figura 1) foi delimitado, e esta rua faz parte desse setor. Por pertencer a esse início, abriga diversificados e relevantes bens culturais históricos materializados na paisagem.

Nesse local se encontra um acervo rico na história de Anápolis, com edifícios de interesse históricos culturais que ainda permanecem na paisagem. Os edifícios serão tratados aqui como patrimônio e que não remontam a categorias de bens tombados⁵, como usualmente o termo é associado, mas como edifícios históricos cumulados de significados no passado de muitos Anapolinos onde se materializam no espaço-tempo da Rua Cel. Aquiles de Pina. Muitas histórias, trabalhos e contos já puderam ser vividos nesses lugares⁶,

⁵ “O tombamento é o instrumento de reconhecimento e proteção do patrimônio cultural mais conhecido, e pode ser feito pela administração federal, estadual e municipal.” IPHAN. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/126>

⁶ Lugar é caracterizado por Suess e Bezerra (2015, p.330) como “espaço que é vivido, construído e reconstruído por meio dos indivíduos na relação que cada um tem com o espaço, dotando-o de significados e afetividade”

criando vivências de significados para Anápolis, mas que atualmente se encontra esquecida, nesse sentido podemos compreender esse lugar como um conjunto histórico urbano cuja relevância faz parte do processo de entendimento desse estudo.

Figura 1: Mapa de Anápolis delimitando o setor central e o centro pioneiro.



Fonte: Plano diretor de Anápolis em 2016. Mapa Google Earth, intervenções: Amaral, 2021.

As transformações nas cidades e em seus edifícios são comuns, tratando-se desse espaço que flui como um 'organismo vivo', onde barrar as renovações seria algo utópico (CASTRIOTA, 2009, p.88). Porém, a problemática se dá pelas perdas drásticas de edifícios históricos que atravessam o tempo e ainda afetam a paisagem desses lugares de memória⁷. E é nesse contexto que se encontram muitos edifícios históricos de Anápolis.

Com toda essa perspectiva, torna-se importante lembrar que “é impossível estabelecer uma relação com o meio em que vivemos se não reconhecemos a necessidade de perceber e dialogar com os lugares da memória” (VALVA, 2020, p.108). Os arquivos materiais, fotos, textos de jornais, histórias relatadas, tudo que engloba a conservação e perpetuação desses objetos históricos são relevantes para a perenização da memória. Aqui se vê a importância dos lugares, que tem como premissa de uso, dar voz a história como

⁷ “Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica.” (NORA, 1993, P.21)

é o caso dos Museus, bibliotecas, entre outros, que podem ser importantes para a visibilidade histórica das cidades.

É relevante mencionar que Anápolis possui o Museu Histórico “Alderico Borges de Carvalho” um importante lugar de memória que surge em 1975 como primeiro diretor o Professor Jan Magalinski. Sua ação na cidade se torna de extrema importância para todo o âmbito do estudo histórico da cidade. Localizado também no setor central será uma parada significativa para compreender a Rua Cel. Aquiles de Pina em Anápolis, a maioria dos materiais adquiridos para essa pesquisa passou pelo acervo no Museu, um lugar rico de memórias e conhecimentos.

Sendo assim, esta pesquisa busca reconhecer a relevância histórica da Rua Cel. Aquiles de Pina e resgatar as histórias e memórias que engloba esse lugar, visando sua preservação e aglutinando o pertencimento de muitos anapolinos. Além do que, demonstrar através de imagens, passadas e atuais, as transformações que a rua viveu e ainda vive sobre sua paisagem histórica urbana. Um estudo que abrange todas as marcas e usos que perpassaram nesse conjunto histórico urbano para entender como se deu esse lugar de memória, que é um laboratório vivo em relação à história de Anápolis.

Esta pesquisa é de caráter qualitativo, pois visa analisar os processos dinâmicos vividos na Rua Cel. Aquiles de Pina. Essa escolha se baseia, segundo Minayo (2002) em uma pesquisa onde a teoria é criada para se explicar e entender fenômenos por meio de investigação de domínio empírico. E “[...] essa discussão foi subsidiada por autores com formação intelectual, acadêmica e investigativa de várias áreas do saber com tendências interdisciplinares” (SANTOS, 2013, p. 10).

Desse modo, esta metodologia tem como objetivo obter resultados profundos e enriquecedores onde a experiência pessoal é um aspecto essencial para a investigação e formulação da interpretação sobre a problemática. Nesse contexto, “fez-se também uma investigação de caráter descritivo, com ênfase no uso da rede de Internet como plataforma de divulgação, marketing e compartilhamento de informações”. (BARBOSA; SANTOS, 2022, p. 75).

No âmbito desse caminho se fez essencial a pesquisa documental, sendo elas coletadas em livros, revistas, artigos e anais científicos, jornais, teses e dissertações, cartas patrimoniais, cujo tema e assunto estejam relacionados a

história da cidade com foco no setor central. Os documentos históricos, sendo eles fotografias e relatos sobre a rua, foram obtidos em sua maioria no acervo do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho, biblioteca da Universidade Estadual de Goiás e ainda em acervos particulares.

Ao se tratar de rua, a primeira palavra que se vem na mente, normalmente são fluxos, independente da via escolhida. Nesse sentido se buscou subdividir os três capítulos como uma forma de caminhabilidade sobre o objeto de pesquisa. Sendo que no primeiro capítulo, **“Os primeiros passos: os fluxos como formadores dos espaços urbanos”**, busca-se entender esses processos migratórios como parte da história de Anápolis e da rua. As migrações têm um papel importante como entendimento da cidade, de sua cultura e paisagem, a Rua Cel. Aquiles de Pina é fruto disso, tanto porque fez parte do trajeto principal dos fluxos de tropeiros, de acordo com o mapa de 1902, como também foi importante para a vocação comercial nesse período.

A metodologia utilizada nesse capítulo foi a bibliográfica e documental, compreendendo, de maneira sucinta, o processo histórico que se deu os espaços urbanos, em especial a rua e a praça, seguindo para a história breve das migrações em Goiás e conseqüentemente o surgimento de Anápolis. E por fim na apreensão da origem dessa paisagem urbana na Rua Manoel D' Abadia, antiga Rua Comercial, local de ligação direta com a Rua Cel. Aquiles de Pina, onde possui suas histórias conectadas. Obtendo como base, Ferreira (2002), Lamas (2002), Corrêa (1898), Vainer (1986), Estevam (1997), Lefebvre (2000), França (1973); Machado (2009); Vargas (2015).

O segundo capítulo, **“Parada obrigatória: história, marcos e símbolos na Rua Cel. Aquiles de Pina”** abrange todo aspecto histórico dessa rua, tendo como início cronológico 1900, quando se data a primeira menção de nome à rua. Neste, tratou de esclarecer conceitos teóricos de patrimônio histórico cultural para o entendimento das reminiscências do local e sua relevância como conjunto histórico para a cidade, além dos personagens e marcos que fizeram a rua ter uma relevância histórica. Na história, em livros e documentos, e principalmente, fotografias, procurou entender a formação desse local e seu passado tão presente.

A metodologia adotada foi a bibliográfica e documental, e ainda o objetivo foi seguir a ordem de surgimento de cada edifício relevante na história, por isso,

não se seguiu uma ordem cronológica. A coleta de dados local ocorreu principalmente no acervo do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho e livros, tendo como base os estudos de Carsalade (2014), Castriota (2009), Choay (2014), Le Goff (1990), Halbwachs (1990), Nora (1993), Borges (2011), Ferreira (2011), Moura (2012), Alves (2014), Silva (2019), Machado (2009), Gonçalves (2021).

No terceiro capítulo, **“Para onde seguir? Reminiscências, transformações e percepções da paisagem atual”** o objetivo foi de compreender essa paisagem atual, a percepção urbana desse espaço, diálogos e discursos de um cenário histórico visivelmente importante para Anápolis, porém, muitas vezes invisível as ações de preservação. Teve como principal discussão a apreensão desse lugar atualmente, as histórias comunicadas pelos anapolinos através das redes sociais e ainda os lugares de memória que se refletem na rua.

Como processo metodológico terá como base pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, com base nos estudos de paisagem e percepção de Lynch (2018), Santos (2006), Panerai (2006), Cullen (2006), Sauer (1925), Miyazaki (2013) e ainda, Pesavento (2005), Halbwachs (1990), Nora (1993). Teve como objetivo demonstrar imagens da rua através de mapas do Google Earth, intervenções fotográficas e comentários apreendidos das redes sociais, facebook e instagram.

CAPÍTULO 1

-

1. PRIMEIROS PASSOS: OS FLUXOS MIGRATÓRIOS COMO FORMADORES DOS ESPAÇOS URBANOS

1.1 Dinâmica urbana: a cidade, a praça e a rua

As cidades, em si mesmas, são locais de relações complexas que envolvem diversas dimensões que as estruturam. São caracterizadas por fornecer uma variedade de usos da terra e formam locais complexos em sua estrutura, chamados de espaços urbanos. O espaço urbano é fragmentado, articulado, reflexo social e condicionante onde a sociedade vive e se reproduz, e isso ecoa em monumentos, lugares de todos os tipos, em bairros, ruas, praças, entre outros (CORRÊA, 1989).

Esse espaço, materializado, tem como entendimento o tempo, o mundo, como processo de sua realidade. Santos (2006, p.33) exemplifica claramente como o espaço necessita de agentes, físicos ou não, para se concretizarem, onde a sociedade humana tem um papel importante na realização desse processo; “Essa realização se dá sobre uma base material: o espaço e seu uso; o tempo e seu uso; a materialidade e suas diversas formas; ações e suas diversas feições.”

No decorrer do tempo, esses espaços vão se tornando diferentes por seus usos e apropriações, revertendo em espaços públicos de convívio e encontros que dão sentido à vida coletiva das cidades. Além de serem locais de experiências humanas, as cidades são lugares de registros que funcionam como livros que traduzem a história da sociedade (ROLNIK, 1995). Além do que, armazena vida em abundância, que por meio de sua existência, conta culturas e construções.

Em verdade, a partir de suas origens, a cidade pode ser descrita como uma estrutura equipada para armazenar e transmitir os bens da civilização e suficientemente condensada para admitir a quantidade máxima de facilidades num mínimo de espaço, mas também capaz de

um alargamento estrutural que lhe permite encontrar um lugar que sirva de abrigo às necessidades mutáveis e às formas mais complexas de uma sociedade crescente e de sua herança social acumulada. (MUMFORD, 1998, p.39)

Sempre na história os espaços urbanos públicos se deram por ser locais de encontro, manifestações sociais e religiosas, expressões de festas e dores, ali se dá as cidades, em suas ruas, praças, bairros, entre outros. As ações humanas nesses locais são explicitamente necessárias para que se ter vivacidade latente nos espaços públicos, que se tenha uma dinâmica urbana de qualidade. O que se vê atualmente, cada vez mais, é a transformação desses lugares de encontro substituídos por espaços privados que ferem a conexão principal entre cidade e cidadãos.

Nesse sentido, pode-se destacar sobre esses espaços públicos a rua e a praça, elementos importantes na história da sociedade. A praça, segundo Lamas (2000, p. 100), “é um elemento morfológico das cidades ocidentais e distingue-se de outros espaços, sendo resultados acidental de alargamento ou confluência de traçados”, esse local é onde propicia o encontro, práticas sociais, funções e até mesmo edifícios significativos. Os largos medievais ainda eram considerados praças, somente após o renascimento, que esses locais tomam estrutura urbana definitiva.

Lamas (2000), define a rua como o traçado urbano mais fácil de se identificar em uma cidade, além de ser um elemento essencial de orientação em função de sua mobilidade, tem hierarquias de fluxos que definem o traçado e crescimento dos espaços urbanos. Na história esse espaço é imprescindível, sempre esteve presente de diferentes formas, comumente servindo de fluxos entre pessoas, animais, automóveis, entre outros.

Segundo Ferreira (2002), as ruas nos últimos cinco séculos, passaram por conceitos e ideologias que a transformaram, porém, o autor caracteriza que algumas noções permaneceram, um elemento de forma limitada, intermediária ao edifício e o espaço que o rodeia, acessível para a circulação de bens e pessoas que mantêm as atividades urbanas e que por fim se dá como um fato social. O autor ainda menciona que o uso desse espaço foi mudando de sentido, principalmente, após a revolução burguesa no século XIX, onde ocorre a nítida

separação de classes, de modo que agora, os espaços privados têm mais valor de segurança e conseqüentemente segregação.

É interessante mencionar o marco de transformações que a revolução industrial no século XIX causou nas cidades, além do inchaço populacional, outras problemáticas, como a insalubridade, ocasionou medidas urgentes no meio urbano. Eram necessárias novas propostas de cidades, de convívio e vivência para amenizar os problemas. Porém, o que se via era uma cidade antiga necessitando de novas soluções, manifestava ali o embate da cidade moderna x cidade antiga. Com isso, alguns planos importantes surgiram para o debate urbanístico, como o Plano de Haussmann (1852-1870), para Paris e de Cerdà (1860), para Barcelona.

De um lado o plano de Paris toma forma com a demolição de inúmeros prédios históricos para dar lugar a vias grandes denominadas de bulevares, sendo feito um rasgo no centro da cidade medieval para criar novos edifícios que representassem a inédita Paris. E o de Cerdà, que implementa uma nova e reorganizada Barcelona fora dos muros medievais, um projeto quadriculado e homogêneo que visa a qualidade de vida entre quadras (GONSALES, 2005). Apesar desses elementos urbanísticos se tratarem do passado, o que se vê atualmente é a reprodução desses planos em variadas escalas, tanto como em demolições sem precedentes, apenas para o embelezamento, tanto para cidades novas que visam representar ideologias.

A rua, é um elemento imprescindível no urbanismo, tanto para a forma como para a vivência e uso dos meios urbanos. É perceptível que em todos os inúmeros planos urbanísticos a rua era fundamental para a estruturação urbana (GONSALES, 2005). As transformações ao longo do tempo, sempre passaram por esse elemento que tem por si só muitas funções, um espaço público, de encontro, de movimento, vivências, entre outros.

O urbanismo (do latim *urbs*, cidade) teve muita importância na delimitação das ruas como próprias à circulação apenas. O termo, propriamente dito, iniciou-se em 1910 pelos franceses que tem sobre plano de fundo a crítica as conseqüências urbanas das cidades pós a Revolução Industrial (MORENO, 2002). Porém, as discussões e planos já eram dispostos nos pensamentos de Haussmann e Cerdà. As cidades precisavam ser reformuladas e higienizadas, as ruas antes tortuosas e que proporcionavam vivacidade são substituídas por

avenidas extensas e perigosas ao pedestre, do centro se dissipa o pobre e cada vez mais se funcionaliza os espaços públicos (AZEVEDO, 1992).

Não obstante, o ápice de toda a descaracterização da rua como espaço de vivências tem como base o movimento moderno⁸. A carta de Atenas, redigida em 1933 pela Assembleia do CIAM (Congresso Internacional de Arquitetura Moderna), visava minimizar pelo desenho urbano, os efeitos da problemática do dito maquinismo, males da revolução industrial, que trouxeram mudanças drásticas para as cidades. Nesta carta, exemplificam soluções práticas e modernas para as cidades e seu espaço urbano em especial no aspecto da circulação, onde a função da rua muda com o tempo e necessidades, priorizando o fluxo rápido dos carros gerando assim, como se percebe atualmente, várias problemáticas nas cidades.

O espaço público deixa de ser o lugar onde se forja a cultura e se transforma em puro espaço de circulação. Público e privado são desenhados pelo imaginário como estando drasticamente separados e passam a definir os novos padrões de conduta na cidade. A rua passou a ser apresentada – agora sem movimentos parasitas, sem superfícies rugosas, sem inércias – como puro espaço de circulação, que remete apenas as esferas de consumo e do trabalho (FERREIRA, 2002, p.18).

O arquiteto Le Corbusier⁹, o grande idealizador do urbanismo moderno, deixa um legado que perdura até hoje, que no geral tinha como anseio a higienização e modernização das cidades. Tinha como desejo, abertura de grandes vias para o tráfego rápido de automóveis, com isso excluía o pedestre desses espaços. A monumentalização dos espaços públicos, afetando novamente a escala humana e suas relações. A relação entre passado e futuro se tornava um dilema em alguns casos, pois o novo era imprescindível para a novo urbanismo. Além da divisão sistemática das cidades tendo como funções habitar, trabalhar, recrear-se e circular.

⁸ Movimento que surge no início do século XX com intuito de reformular comportamento da sociedade e que teve influências em todos os âmbitos das artes. No urbanismo se materializou mais formalmente com intuito de dar mais salubridade às cidades, com princípios básicos sendo divididos em quatro funções: habitar, trabalhar, recrear-se, circular. (CARTA DE ATENAS, 1933, p.29).

⁹ O principal arquiteto modernista que difundiu os cinco pontos da arquitetura moderna: Fachada livre, janelas em fita, pilotis, terraço jardim e planta livre. No Brasil suas ideias se difundiram principalmente por Oscar Niemeyer e Lúcio Costa.

Segundo BERMAN (1999) seria a erradicação de ruas e povo nesse local, além do que um processo de total segregação da função da cidade, as contradições sociais e psíquicas da vida moderna que se enraizaram no meio urbano. Jane Jacobs, jornalista, escreve em seu livro lançado em 1961, uma crítica contundente sobre a morte e vida desses espaços públicos e como o planejamento urbano, em vez de aprenderem com os erros, estavam matando a humanização e vivacidade de cada um desses lugares proporcionando a desertificação e insegurança em prol de uma utópica cidade jardim moderna.

No geral, os espaços públicos são impregnados de memórias e significações, modos de viver e sentir das pessoas, que se materializam na paisagem urbana das cidades, e a cada processo evolutivo da sociedade é perceptível a produção espacial (FERREIRA, 2002, p. 81). Passado e presente, andam juntos na conformação das cidades. As áreas centrais, “espaços intra-urbanos que concentram as mais diversificadas atividades comerciais e de serviços, principal polo de atração e circulação de pessoas” (FERREIRA, 2002, p.82), se concentram também as maiores diversidades de símbolos da cidade, principalmente se fazem parte do núcleo urbano inicial. Porém, os núcleos urbanos iniciais, são as áreas que mais sofrem com o descaso e exploração econômica, onde muitas vezes, são afetadas em qualidade urbana.

Figura 2: Rua Cel. Aquiles de Pina à esquerda, e a Praça James Fanstone, antiga Praça João Pessoa, na década de 1950.



Fonte: Arquivo Nacional.

Para adentrar ao objeto de estudo, se fez necessário o entendimento de como a dinâmica urbana nos espaços públicos se alteram de acordo com os períodos, anseios de cada época e sociedade. A Rua Cel. Aquiles de Pina e seu entorno (figura 2), se trata de um espaço rico em diversidade cultural histórica, com funções que trazem vivacidade para esse local no centro da cidade de Anápolis. Nesse lugar, rico em memória, os fluxos formam seu passado, a pequena praça, tem em sua essência ares de passado e modernidade. A rua, via única para carros com um lado para estacionamento, traz certa segurança ao pedestre que perambula entre os comércios locais, e o famoso Hospital Evangélico Goiano, sem o fluxo rápido de automóveis. É aqui que se inicia o percurso sobre o entendimento desse espaço urbano repleto de memórias.

1.2 Anápolis no caminho dos migrantes

As cidades se tornam o *locus* do modo de produção capitalista a “própria condição desse processo” (CARLOS, 2011, p. 106). Não há como adentrar a qualquer objeto de pesquisa social que não passe pelo estudo deste modo econômico que permeia, direta ou indiretamente, todas as relações no meio urbano.

O espaço, “um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos” (SANTOS, 1998, p.25), se torna o meio dessa produção e um elemento estratégico para a acumulação do capital (BOTELHO, 2007). O capital é um processo social e a acumulação capitalista se dá em detrimento da aplicação da mais-valia. Segundo Marx (2011, p. 364), é o capitalista que “suga trabalho não pago diretamente dos trabalhadores e o fixa em mercadorias.” Esse processo é detido à classe dominante, “seja qual for a proporção de mais-valor que o produtor capitalista retenha para si mesmo ou ceda a outros, ele sempre será o primeiro a se apropriar dela.”

Transformações, novas percepções e acelerado progresso, fazem parte dos anseios deste modo econômico. O sistema capitalista é, “muito dinâmico e

inevitavelmente expansível; esse sistema cria uma força permanentemente revolucionária, que, incessante e constantemente, reforma o mundo em que vivemos” (HARVEY, 2005, p. 43).

O consumo dos espaços tem suas particularidades, está ligado intimamente com o tempo e suas transformações, consumido nas estratégias de acumulação (BOTELHO, 2007). As mutações e características do espaço são destacadas por Lefebvre (2000, p.460 – 461):

O consumo do espaço se dá de modos específicos. Ele difere do consumo das coisas no espaço, mas não se trata de uma simples diferença de signos e significações. O espaço envolve o tempo. Cinde-se-o: descarta-se o tempo; este não se deixa reduzir. Através do espaço, um tempo social se produz e reproduz; mas esse tempo social se reintroduz com seus traços e determinações: repetições, ritmos, ciclos, atividades. A tentativa para conceber o espaço separadamente traduz uma contradição suplementar, o esforço para fazer entrar forçadamente o tempo no espaço e governar o tempo a partir do espaço, esse tempo reduzido a um emprego prescrito e a interditos.

O capitalismo ganha forma nas cidades, locais de expressão de domínio sobre um território, produção de mitos e símbolo, uma obra coletiva (ROLNIK, 1995), que se tornam espaços de anseio da maior parte da população. No Brasil, a partir da metade do século XX, a vida urbana passa a ser predominante, visando a atender o modo de produção capitalista (MEDEIROS, 2005). Aspecto esse relevante, pois a formação desses espaços urbanos, se dão por pessoas que estão dispostas a ser e viver nesses locais:

O espaço urbano capitalista – Fragmentado, articulado, reflexo, condicionante social, cheio de símbolos e campo de lutas – é um produto social, resultado de ações acumuladas através do tempo, e engendradas por agentes que produzem e consomem espaço. São agentes sociais concretos, e não um mercado invisível ou processos aleatórios atuando sobre um espaço abstrato. A ação destes agentes é complexa, derivando da dinâmica de acumulação de capital, das necessidades mutáveis de reprodução das relações de produção, e dos conflitos de classe que dela emergem. (CORRÊA, 1989, p.11)

As cidades são locais primordiais para os sujeitos em ação, ali se dá os processos e relações econômicas em suas variadas formas, tendo em vista que a maioria da sociedade atual se desenvolve nesses centros urbanos, tornando-os assim lugares atrativos tanto para grupos e pessoas, como para o Capital.

Rolnik (1995, p.12) ao pensar sobre as cidades as caracteriza como ímãs, “um campo magnético que atrai, reúne e concentra os homens.” São nesses espaços urbanos que a população busca qualidade de vida, emprego, moradia e muita das vezes a felicidade, que erroneamente é, almejada no dinheiro.

Esse atrativo de vida, mobiliza pessoas de todos os lugares para esse *locus* de novidade. Esse fluxo populacional é caracterizado por Vainer (1986) por migração, que nada mais é que a distribuição de pessoas em deslocamentos no espaço. Mais especificamente, “está se falando de localização, distribuição e deslocamento de trabalho/trabalhadores no espaço” (VAINER, 1986, p.11).

Nesse aspecto, é de grande relevância entender como o modo capitalista influencia diretamente nesses fluxos. Gaudemar (1975, p.125) caracteriza esses movimentos como, “a mobilidade da força de trabalho” que define o capital o principal motivo desses deslocamentos, onde o trabalhador sai em busca de emprego e melhora de vida para o sustento, e essa, segundo o autor, é uma condição necessária para a “gênese do capitalismo”.

As migrações foram essenciais para o povoamento em Goiás, a princípio pelo anseio do Ouro em 1722 com a chegada das bandeiras, e posteriormente a decadência da produção aurífera em 1809, a exploração da agropecuária passa a ser uma alternativa importante para a economia da Capitania, que contava nesse período com a predominância de migrantes de Minas Gerais além de um número significativo de pessoas do nordeste brasileiro (ESTEVAM, 1997).

É relevante mencionar que o povoamento em Goiás foi particularmente específico no âmbito nacional, pois obteve seu movimento e ritmo próprio, de acordo com progressos, retrocessos, heterogeneidade, discursos e contradições específicas (ESTEVAM, 1997). Por muito tempo, esse território era visto como um sertão, inóspito, na visão ainda palpável, dos muitos que visualizavam o centro do Brasil. Sempre fora alvo de singularidade pela falta de conhecimento. Se torna assim por um longo período objeto de atenção para que novas produções e explorações pudessem ser realizadas.

Com isso, o processo de urbanização de Goiás sofre com muitos discursos de promessa sobre um território ainda “novo” ao Capital. Segundo

Estevam (1997) a construção de Goiânia (1933-1938), a Marcha para o Oeste¹⁰, a evolução dos meios de transporte, os novos comércios, tudo isso possibilitou novos deslocamentos de migrantes que buscavam oportunidades de melhora de vida.

Emprego e terras, eram e ainda são, a grande motivação das pessoas por optarem a saírem dos seus lugares de origem em busca de inovação e qualidade de vida. Muitas dessas migrações são incentivadas pelo governo com ações que estimulam a população nesse movimento. Como é o exemplo da Colônia Agrícola Nacional de Goiás – CANG na década de 1940, que prometera terras gratuitas aos imigrantes em Ceres, e foi responsável por proporcionar a “terra prometida” aos que se movimentavam pelos campos (ESTEVAM, 1997, p.91).

Assim, o período de 1930 a 1960 esteve caracterizado por modificações relevantes na ordem estrutural de Goiás. A edificação de Goiânia e a localização estratégica de Anápolis intensificaram a exploração e a ocupação do centro-sul; a imigração no pós-guerra avançou sobre parte do médio norte e a abertura da Belém Brasília rearticulou o quadro dos núcleos urbanos no norte facilitando sua integração aos centros comerciais goianos; a construção da capital federal acarretou a abertura de estradas e novas frentes de imigração para o planalto central facilitando a efetiva integração da região ao comércio nacional. (ESTEVAM, 1997, p. 169)

É perceptível como os deslocamentos são motivados inteiramente pelos anseios que o modo de produção capitalista insere nas pessoas na necessidade de sempre se adaptarem à busca de melhoria de renda e mudança de vida. Esses são apenas alguns dos inúmeros fatos que ocorreram na história e assim nortearam as migrações no Estado de Goiás proporcionando urbanização efetiva. O discurso é sempre o mesmo, mude a sua vida para melhor com empregos, terras, renda, felicidade.

Anápolis, cidade no centro de Goiás, também se insere nesse contexto de urbanização capitalista. Sua cronologia histórica, baseada em Chiarotti (2010), se dá como Fazenda à Povoado de Santana das Antas (1819-1873); Freguesia de Santana das Antas (1873-1887); Vila de Santana das Antas (1887-1907); e por fim Cidade de Anápolis (1907). E muito do que se estuda sobre a

¹⁰ Projeto político lançado em 1938 pelo governo de Getúlio Vargas, e regionalmente, pelo interventor de Goiás Pedro Ludovico Teixeira, para a ocupação do Planalto Central (ESTEVAM,1997; SOARES, 2019).

sua ocupação se dá pela sua localização estratégica que sempre servira de passagem de tropeiros e viajantes, no início entre os núcleos de mineração.

Grande massa de aventureiros, escravos, mercadores e autoridades do fisco, movendo-se de um para outro lugar, cortava o futuro território de Santana das Antas admirando, os campos ricos, o mato grosso, águas abundantes e a excelência do clima. Fartos do rude labor, desencantados, um desbravador aqui, outro além, se deixaram ficar na bela paragem, seduzidos por atividades agropastoris. (BORGES, 2011, p. 21)

A cidade sempre obtivera narrativas de progresso, modernização e promessa, sua história é marcada pelo comércio e fluxos, o primeiro relato de um viajante nesse local se deu por Saint-Hilaire, em uma passagem à Fazenda das Antas em 1819 (VARGAS, 2015). E é possível encontrar também outros relatos de outros viajantes que mostram, através de seus textos, esse local no século XIX.

Anápolis já desempenhava essa ligação de passagem e já se tornava cada vez mais um local de atrativo para os tropeiros, esses fluxos proporcionavam novas relações sociais e conseqüentemente lugares de troca, onde surgiram assim as primeiras casas comerciais. Entre 1870 e 1935, Anápolis teve um crescimento populacional expressivo ocasionado por esses fluxos, não só goianos, mas de variadas localidades¹¹ proporcionando à cidade ser um “entrepasto comercial” (MENEZES, 2009, p.57). Segundo Borges (2011), os locais de mineração que tinha influência sobre a cidade era Santa Luzia atual Luziânia, Corumbá de Goiás, Bonfim atual Silvânia, Santa Cruz, Anicuns sendo Palmeiras de Goiás, Vila Boa a Cidade de Goiás, Jaraguá e Meia Ponte sendo Pirenópolis (figura 3).

Dentre os imigrantes que vinham para a cidade, muitos se espalharam pelos territórios em busca de prosperidade. Segundo Vargas (2015) os italianos se fixaram predominantemente na colônia de São João, atual Nova Veneza, os japoneses na colônia agrícola, atualmente Nerópolis e os libaneses permaneceram no núcleo urbano de Anápolis, se destacando por seus dons comerciais.

¹¹ Segundo Vargas (2015), os principais imigrantes que se encontrava na cidade eram os libaneses, italianos e japoneses. Advindos do Brasil, eram principalmente mineiros e paulistas.

Figura 3: Mapa que demonstra como a localização de Anápolis (GO) sempre fora estratégica.



Fonte: Google Earth, intervenções: Amaral, 2022.

A vocação comercial de Anápolis é evidenciada mais ainda a partir de 1913 pela chegada dos imigrantes sírios e libaneses, que vinham de outras cidades já servidas pela Estrada de Ferro Goyaz, em busca de emprego e novos ares, eles se instalaram próximo a parte mais central constituindo casas de comércio que dinamizavam a economia e a vida urbana (VARGAS, 2015).

Miguel João Alves, transferindo-se de Catalão para Anápolis, em 1913 fundou uma casa comercial, sendo o primeiro elemento de nacionalidade síria a fixar-se na cidade. Logo iniciou-se a formação da colônia sírio-libanesa cujos membros, em números sempre crescentes, contribuíram decisivamente para a expansão comercial de Anápolis. (FRANÇA, 1973, p. 648)

Vargas (2015), relata em sua pesquisa, que os imigrantes sírios viram na cidade um local próspero, espalhando assim a fama de desenvolvimento aos conhecidos, que vinham também com esse intuito. “Na década de 1920 o comércio em geral apresentava-se dominado pelos árabes em um sistema quase de monopólio” (VARGAS, 2015, P.43).

Mas finalmente com a chegada da Estrada de Ferro Goiás ¹² na cidade em 1935, todo o processo migratório e também o fluxo de novas mercadorias,

¹² A Estrada de Ferro Goiás (EFG) estava nos planos do Governo Federal, que visava a integração econômica entre os Estados de São Paulo e Minas Gerais e o mercado produtor agrícola em expansão em Goiás (VARGAS, 2015, P.67).

se intensificou. Foi mais um fomento para oportunidades, tanto de emprego como investimentos além também de modificar a paisagem¹³. Na tabela abaixo, Vargas (2015) ressalta que apesar de haver mais Japoneses, os Sírios eram quem dominavam a economia local, os outros se encontravam com trabalho no campo.

Tabela 1: Total de imigrantes em Anápolis até 1939, registrados pela chefatura de polícia.

Nacionalidade	Quantidade	Porcentagem %
Japoneses	102	42,68
Sírios	72	30,13
Italianos	23	9,62
Outras	42	17,57
Total	239	100,00

Fonte: ROCHA, 2007, p.53 *apud*. VARGAS, 2015, p.46.

Os trilhos trouxeram à cidade novos ares de modernidade, prosperidade e a paisagem da cidade se alterava conjuntamente com essas perspectivas. Sua população ansiava por desenvolvimento “era uma maneira de garantir o crescimento da cidade que exigia novos comportamentos e uma nova identidade, uma postura de metrópole, núcleo de pessoas empreendedoras e progressistas” (SOARES, 2019, p.51). Além ainda da construção de Goiânia, cidade planejada e construída no início da década de 1930 (1933-1937) e a Capital Federal, Brasília, também uma cidade planejada, inaugurada em 1960, também foram importantes para a integração da cidade com novos fluxos.

Entre 1940 a 1950, Anápolis fora alvo da mídia nacional e estrangeira e se tornara foco de artistas, pesquisadores e aventureiros interessados no rápido desenvolvimento regional de Anápolis, entre outros fatores (DUTRA E SILVA, 2017). Pode-se destacar passagens de artistas como Joan Lowell (1952), Virginia Prewtt (1953), Janet Gaynor (1906-1984) e Mary Martin (1913-1990) motivadas pelo discurso de prosperidade e progresso, entre outros (DUTRA E SILVA, 2017). Esses imigrantes também mostravam suas percepções sobre esse território motivando mais deslocamentos e imagens sobre a cidade.

¹³ “Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc” (SANTOS, 1988, p.21).

Por volta de 1950 a população urbana, já havia ultrapassado a rural, o comércio já estava estabelecido e os imigrantes davam a cidade uma nova leitura. Esse processo migratório não é característico apenas de Anápolis, porém, para a compreensão desse território, é necessário mencionar esse processo que faz parte da formação da cidade, na composição cultural e social desse local.

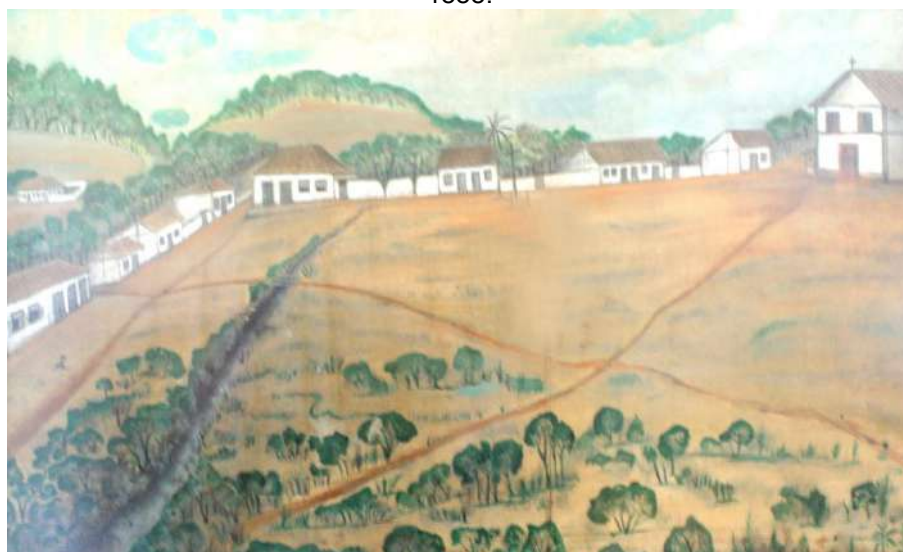
1.3O centro pioneiro e seus traçados

Os fluxos e migrações tem um papel essencial na história da cidade, como já mencionado nessa pesquisa, e é relevante mencionar um fato marcante, dado também pelas migrações entre as cidades auríferas, sobre a passagem da comitiva de Dona Ana das Dores, advindos de Jaraguá, onde em 1871, por seu filho Gomes de Sousa Ramos, se dá a construção da primeira capela do local em honra a Sant'Ana (BORGES, 1975) (LUZ, 2009).

É fato que mesmo antes da construção já existiram fazendas no local e que também alguns já tinham a devoção à Santa'Ana (BORGES,1975). Porém, a capela foi de grande relevância para a aglutinação urbana, pois como já percebido em muitos territórios do Brasil, a construção de igrejas favorecia o desenvolvimento urbano ao redor das mesmas. Em 1871 já havia 7 casas no local, mas em 1872 o número aumentara para 20 casas (POLONIAL, 2007, p.18). Tanto que em 1873 já se torna Freguesia de Santana da Antas.

A construção da capela de Sant'Ana das Antas simbolizava, então, a legalidade do povoado vez que, perante aos "olhos" do Estado e da Igreja, essa edificação reunia as pessoas ao seu derredor por ser a institucionalização estatal, além de oferecer conforto espiritual aos antenses, antigo gentílico dos moradores de Sant'Ana das Antas. (CHIAROTTI; CHIAROTTI, 2011, p.12)

Figura 4: Reprodução de Natércia de Siqueira mostrando a Vila de Santana das Antas em 1888.



Fonte: GONÇALVES, 2021, p.21.

Em 1887, se torna Vila de Santana das Antas onde a figura acima demonstra bem como se deu a composição urbana ao redor da capela nesse período, a ação de Gomes de Souza Ramos e de Zeca Batista forma importantes para a consolidação da Vila por meio da Lei Provincial nº 811, de 15 de dezembro de 1887 (VARGAS, 2015), porém a efetivação ocorre somente em 10 de março de 1892, por conta de atrasos políticos e crises sociais no Brasil.¹⁴

Segundo Vargas (2015) o traçado da cidade ia acompanhando as curvas de nível e se afastando do córrego, pelo fato dos alagamentos que ocorriam próximo ao curso d' água. As casas também iam surgindo por entre os fluxos e caminhos criados entre as vilas de mineração. O autor cita que a rua que pôde desempenhar todo esse processo de trocas comerciais era a chamada Rua do comércio, sendo a atual Rua Manoel D' Abadia e a Rua 6 de agosto¹⁵, atual Rua Cel. Aquiles de Pina (figura 5).

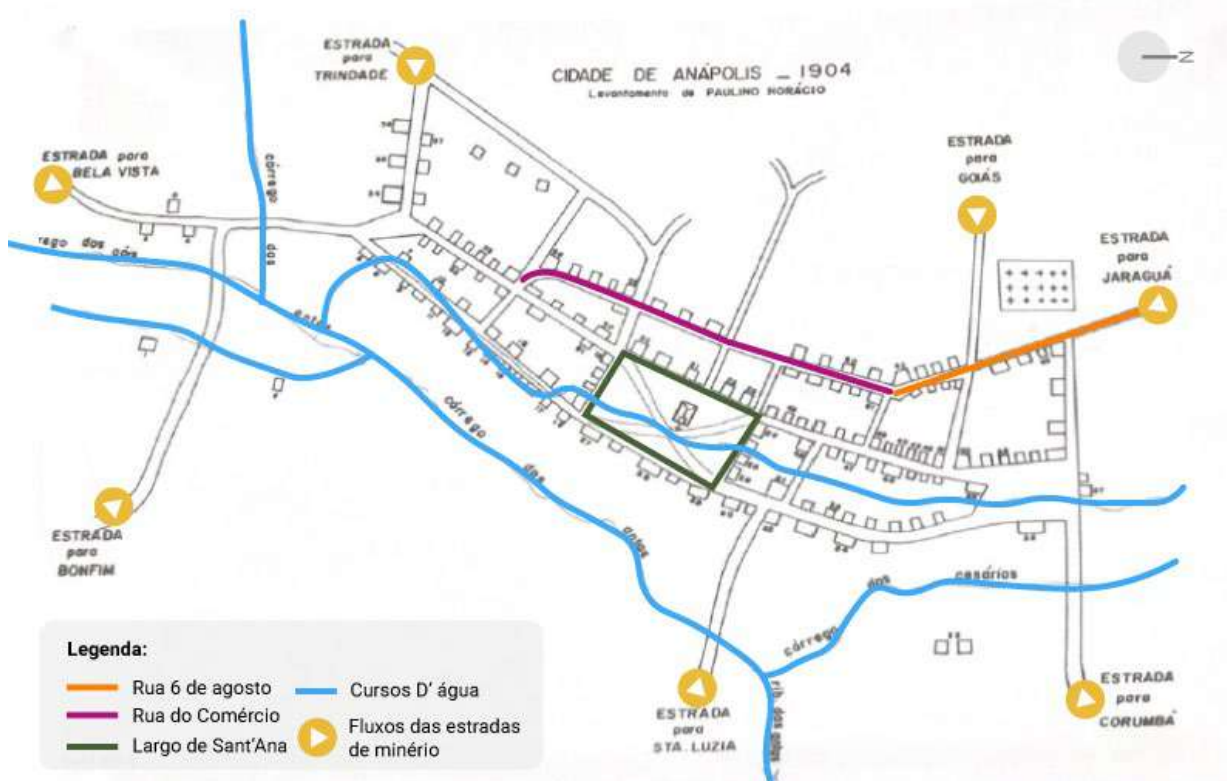
A referência à rua Manoel D'Abadia como a rua do comércio nos mapas, reforça a tradição de ocupação das cidades de mineração, apesar da cidade de Anápolis não ter surgido no viés da busca do ouro. Esta rua encontra-se paralela ao curso

¹⁴ Segundo Vargas (2015), um dos fatores nacionais que afetaram a cidade, foram as mudanças após a abolição da escravatura em 1888 e a Proclamação da República em 1889, que afetaram a política e economia, e ainda a baixa representatividade política da Vila.

¹⁵ A cronologia de nomes da Rua Cel. Aquiles de Pina será abordada no capítulo 2.

d'água, em uma cota levemente inclinada, mas seguindo o alinhamento do córrego. (VARGAS, 2015, p. 35)

Figura 5: Cidade de Anápolis em 1904, com demarcação dos fluxos das estradas de minério e cursos d' água, adaptação do desenho de Paulino Horácio Barbosa.



Fonte: Borges (2011, p.56), intervenções: Amaral, 2022.

Anápolis despontava em um ambiente propício ao setor agrário e ainda como ponto importante na rota comercial de Goiás, sendo que em 1900 já se possuía uma população de 6.296 habitantes (FRANÇA, 1973). Tanto que pela Lei n.º 320, de 31 de julho de 1907, se eleva à cidade de Anápolis e a separação efetiva da cidade de Pirenópolis. Muitos autores separam a cidade em períodos para a compreensão de seu desenvolvimento urbano, onde destacam que 1907 à 1935 foram anos importantes, principalmente, tendo como o ápice, a chegada da Estrada de Ferro Goiás (FRANÇA, 1973; MACHADO, 2009; VARGAS, 2015).

É importante mencionar que nesse tempo a cidade inicia-se seu processo modernizador e também a expansão do comércio, porém a passos lentos. O aspecto rústico do local ainda era marcante, com casas de “paredes de adobes e esteio de madeira. A ausência de serviços urbanos era completa” (FRANÇA, 1973, p.648). Somente em 1910 com a perspectiva da EFG, que a cidade

começa a se desenvolver em sua estrutura urbana como menciona França (1973, p. 648).

A cidade, já no início do segundo decênio deste século, tornou-se ponto de atração para os comerciantes tropeiros, nela fixando-se e instalando estabelecimentos comerciais. Asseguravam com tais iniciativas, oportunidades de expansão dos negócios não só porque a cidade estava no projeto do percurso da via térrea, mas também pela grande afluência de pessoas, que já estava se processando, atraídas para o município.

Com isso, França (1973) destaca algum desses interessados economicamente em se estabelecer na cidade. Antônio Luiz de Pina em 1911 funda a loja "Rainha da Barateza", local que se encontrava na Rua Cel. Aquiles de Pina e que será mencionada mais à frente. Miguel João Alves, em 1913 fundou uma casa comercial, cuja nacionalidade era síria. Os irmãos Américo e Albérico Borges de Carvalho; este fundou a "Casa ABC" em 1919. Também a criação da comarca em 1915, alavanca a obtenção de recursos para o desenvolvimento urbano de Anápolis.

Nesse sentido, é interessante mencionar como, que a partir do Largo de Santa'Ana, a cidade cresce e se desenvolve para outros pontos. Tomando base em Villaça (2001) que exemplifica que as cidades conforme vão se desenvolvendo na conformação capitalista, tendem a criar sempre novos espaços que buscam expandir o lucro, e com isso, afetam a formação das cidades propiciando novos centros, ou sub-centros.

Em Anápolis também nesse período, após essa ampliação econômica através do comércio, a Praça de Sant'Ana e a Rua Manoel D' Abadia, abrangem esse primeiro centro tradicional das atividades comerciais. Segundo SILVA (1997), houve o deslocamento desse centro para a Av. Miguel João propriedade do Sr. Miguel João, posteriormente para a Praça Americano do Brasil e por fim para a Praça Bom Jesus, o atual centro principal da cidade.

O entendimento da conformação desse núcleo inicial, denominado aqui através do primeiro mapa da cidade, figura 6, é importante para margear a relevância para a história da cidade da Rua Cel. Aquiles de Pina, com ligação direta com a Rua Manoel D' Abadia em seu traçado. Brevemente cabe ressaltar os feitos da antiga Rua do comércio, pois com certeza, teve influência sobre a Rua Cel. Aquiles de Pina.

Figura 6: Vila de Santana das Antas em 1902-1904, adaptação do desenho de Paulino Horácio Barbosa.



Fonte: Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho, intervenções: Amaral, 2022.

Na figura acima, percebe-se em um desenho adaptado e que mostra a configuração das residências e quintais¹⁶, e também uma percepção sobre as ruas que atualmente são de grande relevância para a dinâmica urbana do setor central da cidade. Aqui cabe destacar os números 4 e 5, atuais Rua Manoel D' Abadia e Rua Cel. Aquiles de Pina, como já citado no texto, são locais que pertencem ao traçado inicial da cidade. Relatos iniciais classificam que a Rua Manoel D' Abadia tem origem por volta de 1897 e a Rua Cel. Aquiles de Pina em 1900 com o nome Rua Intendente Abadia (GONÇALVES, 2021; ALVES, 2014). Essa cronologia é importante para delimitar onde começa a divisão desses traçados.

Segundo Haydée Jayme Ferreira (Figura 7) em seu texto para o Jornal Correio do Planalto em 1981, a autora traz relatos da Rua Manoel D' Abadia falando que era comum achar que o traçado iria até a Av. Xavier de Almeida, porém, esclarece que terminava na Praça James Fanstone, e finaliza dizendo que muitos não sabiam dessa separação. Por isso, em muitos relatos históricos

¹⁶ "Quintal urbano é concebido como um elemento primordial de formação, tanto do espaço residencial quanto da paisagem urbana, como reflexo de um padrão construtivo e cultural de outros tempos" (BARBOSA; SANTOS, 2022, p. 74). Normalmente eram espaços murados que predominavam plantações e locais de trabalhos.

é difícil delimitar de qual rua se trata, pois, no imaginário popular eram um só traçado.

No texto, menciona-se que a Rua do Comércio, também conhecida como 15 de Novembro e atualmente chamada Manoel D'Abadia, ganhou destaque no início do século XX e, com a elevação de Vila Santana à categoria de cidade, tornou-se a rua mais importante da região. Nessa rua, surgiram as primeiras casas comerciais, o primeiro cinema, o Clube Líteo Recreativo Anapolino, o primeiro jornal, o Hotel Cardoso e até mesmo o primeiro Carnaval da cidade.

Figura 7: Recorte do texto publicado por Haydée Jayme Ferreira contando relatos da Rua Manoel D'Abadia em 1981.



Fonte: Museu Histórico de Anápolis "Alderico Borges de Carvalho".

A Rua Manoel D'Abadia, segundo Gonçalves (2021), tem o nome inicial de Rua Comercial ou 15 de novembro, em 1930 se torna Rua Antônio Carlos ficando até 1950. A primeira prefeitura, chamada Intendência Municipal (Figura 88), com sede própria na cidade fora construída nesse lugar em 1924 e permanece ali até 1938, nesse local também funciona por um tempo a comarca.

Figura 8: Intendência Municipal em 1926 e 1934, ambas no mesmo local na atual Rua Manoel D' Abadia.



Fonte: Gonçalves (2021, p.55 e 72).

Um dos grandes marcos da época fora a inauguração do primeiro cinema da cidade, o Cine Bruno, sob supervisão de José Bruno Filho em 1923, onde a partir de 1929 dá lugar ao Cine Goianás, posteriormente mudou-se a Lojas Pernambucanas em 1933 e então em 1942, dá lugar ao imponente prédio do Banco Comercial do Estado de Goiás (GOIAZBANC) (Figura 9) sendo o primeiro banco de gerenciamento de capital anapolino. Ambos os marcos se localizam onde hoje se encontra o Hotel Itamaraty, que utiliza o prédio feito para o banco (FERREIRA, 2011; GONÇALVES, 2021).

Figura 9: Vista da sede do GOIAZBANC em 1947, atual Hotel Itamaraty.



Fonte: Gonçalves (2021, p.149).

Nesse sentido, é possível perceber que para o real entendimento da Rua Cel. Aquiles de Pina, é necessário voltar, entender os processos que fazem esse espaço urbano ser um grande potencial histórico para a cidade. O entendimento de rua sempre nos remete a fluxos, sejam eles de pedestres, carros, e em uma parte da história, por trocas, experiências e vivências. Nesse capítulo o objetivo foi demonstrar como esses fluxos fizeram não só a cidade de Anápolis, mas em especial, a Rua Cel. Aquiles de Pina.

Esse espaço urbano vem se transformando cada dia mais ocasionando, muitas vezes, mudanças drásticas em sua paisagem em decorrência ao espírito capitalista de mecanização do espaço, onde a história se não dá lucro é descartável, e também do modernismo que acomete mudanças sociais desde o renascimento, e que tem grande influência sobre o descarte do passado sobre um futuro promissor.

Mais adiante, será possível absorver mais a história e símbolos materializados nessa rua, que hoje, traz tantas lembranças para quem consegue perceber a paisagem. Personagens e fotografias que contam a importância no passado desse local, que esteve ligado ao início urbano de Anápolis.

CAPÍTULO 2

-

2. PARADA OBRIGATÓRIA: HISTÓRIA, MARCOS E SÍMBOLOS NA RUA CEL. AQUILES DE PINA

2.1 Patrimônio histórico cultural: dos discursos às práticas

Para adentrar ao objeto de estudo propriamente dito é necessário compreender a dimensão teórica que abarca o termo Patrimônio Cultural. Atualmente, a amplitude do termo abrange muito mais do que apenas o caráter estético e histórico, os tempos mudaram, porém, há várias percepções obsoletas no que tange estratégias em relação às cidades e seus bens históricos, materiais ou imateriais. É inevitável olhar para os espaços históricos das cidades, com cautela e interdisciplinaridade para haver uma assimilação coerente.

É impossível tratar dos bens materiais sem antes lidar com a dimensão imaterial, não há como dissociar matéria e sujeito. Como cita Rossi (2001), as cidades são artefatos humanos, obras de arte que se modificam conforme as necessidades e concepções de cada época, onde “a forma da cidade é sempre a forma de um tempo da cidade, existem muitos tempos na forma da cidade” (ROSSI, 2001, p.57). A forma como o sujeito e tempo se relacionam é importante para a compreensão dos espaços urbanos e seus bens materiais e imateriais.

As expressões comportamentais das sociedades, produzem nos locais, características próprias de suas culturas, definida como padrões comportamentais complexos, transmitidos coletivamente, e típicos de uma sociedade (FERREIRA, 2000). Essa formulação da existência no espaço cria seus lugares culturais, caracterizado por Norberg-Schulz (1984) como criações humanas e que se traduz na maneira como esse lugar se coloca e se articula na formulação de significados.

Normalmente a arquitetura se comunica com o lugar, sendo que “o espaço criado pelo homem se diferencia e se individualiza pelo que ele expressa e como se expressa na sua arquitetura” (CARSALADE, 2014, p.79), sendo assim

possível dialogar com o tempo na paisagem materializada. A arquitetura permeia muitas das vezes o tempo e marca anseios e épocas no presente. “Nesta medida, arquitetura, memória e história poderiam ser definidas como atividades humanas marcadas pelo enfrentamento com o tempo, assegurando registros voltados para a durabilidade” (PESAVENTO, 2005, P.15).

A arquitetura permite a leitura da história nas cidades, os valores e significados ganham corpo ao se tratar dos bens históricos materiais e imateriais. Além do que, a memória garante pertencimento e elo necessário para a construção de uma identidade patrimonial. Segundo Carneiro (2017, p.59) “Conhecer a história é entender o cenário da vida do homem, é saber a origem, o significado e o porquê das tradições perpassadas pelas sociedades”.

Le Goff (1990) cita que história é a “ciência do passado” sabendo que esse passado se torna objeto da história colocando assim, um diálogo expressivo entre passado e presente. Compreender, com precaução, os fatos históricos ocorridos e a ligação com o presente, seriam assim a “função social do passado ou da história”. O autor ainda menciona sobre a existência de duas histórias sendo elas, a memória coletiva e a dos historiadores, onde, a primeira é falsa diante dos fatos verídicos e se constitui deformada. O autor ainda cita que o papel do historiador é saber conciliar a memória e a história para certificar-na na realidade.

A memória, sem dúvidas é um elemento chave para a compreensão de muitas histórias. Tratar desse termo é essencial para o entendimento do tema acerca de patrimônio histórico, já que é um elemento importante de conexão entre o indivíduo e o objeto. Le Goff (1990, p. 366), caracteriza memória como “propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas.”

Le Goff (1990) ainda usa os conceitos dados por Leroi-Gourhan para tratar a classificação de memória específica, memória étnica, memória artificial, sendo a primeira para definir os comportamentos de espécies animais; O segundo que determina a continuidade de comportamentos humanos e o terceiro que assegura uma duração de fatos por meios eletrônicos. Le Goff, se debruça sobre a memória étnica que é mais cara à memória coletiva na perpetuação de

comportamentos sociais, sendo esses transmitidos não só pela escrita, mas antes mesmo pelas famílias, e mitos de origem.

Um exemplo concreto da importância da memória coletiva para a perpetuação da tradição, do latim *traditio* referência a transmitir ou entregar, é a doutrina da Igreja Católica que se baseia em três pilares, tradição, magistério e sagrada escritura. Sendo que a tradição vem como uma base importante para a consolidação do cristianismo. Segundo estudiosos do tema, o novo testamento, livros nos quais se baseiam a história de Jesus Cristo, só foram escritos após 25 anos de sua morte e ressurreição. O antigo testamento, conjunto de textos que fundamentaram a fé judaica, já eram lidos pelos cristãos após a partida de Jesus, porém, a Igreja se consolida nesses anos por testemunhos e memórias vivas antes da escrita. São Paulo em seus escritos na bíblia já anunciava a comunidade de Tessalonicenses: "Assim, pois, irmãos, ficai firmes e conservai os ensinamentos que de nós aprendestes, seja por palavras, seja por carta nossa" (2 Ts 2, 15).

A memória, mesmo sendo individual inicialmente, se torna coletiva, pois segundo Halbwachs (1990, p.26), "nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros... É por que, em realidade, nunca estamos sós". Essa memória coletiva é importante para o pertencimento, já que as lembranças, transmitidas coletivamente, perpetuam os acontecimentos passados e faz com que as lembranças evoquem memórias, mesmo que as não tenha vivido diretamente.

Com isso, a memória coletiva garante não só pertencer a algum acontecimento, mas, cultura, grupo social, família, entre outros. O pertencimento faz parte desse processo ocasionado pela memória que antes individual, se torna coletiva por meio de um grupo. Segundo Halbwachs (1990, p.51) "a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante, eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo". Sendo assim, a memória é um importante exercício para a perpetuação de tradições, monumentos, modos de vida, e tudo que envolve a continuidade de grupos e elementos culturais.

E para verificar mais de perto a relação da memória coletiva com o ato de pertencimento e desapego dos indivíduos, Halbwachs (1990) vem elencar um estudo relevante para entender com mais profundidade essa relação tão

importante da memória coletiva e identidade. O autor menciona como as lembranças e vivências estão intimamente ligadas às memórias, “como se a lembrança fosse um ponto de referência que nos permitisse situar em meio à variação contínua dos quadros sociais e da experiência coletiva histórica” (HALBWACHS, 1990, p.14).

Isto posto, Le Goff (1990, p. 378) reforça que a memória “é o antídoto do Esquecimento”. O autor define como a memória pode se materializar através de formas, sendo elas, comemorativas, monumentos que celebram datas ou acontecimentos; de inscrição e epigrafia. No oriente antigo essas memórias comemorativas tomaram forma como estetas e obeliscos, símbolos de perpetuação de seus feitos de poder. Esses elementos físicos, além dos variados tipos de documentos, auxiliam ativamente na concretização de um passado que culmina em identidade.

Para Candau (2011), a memória coletiva é uma representação, uma forma de metamemória¹⁷, se trata de como um grupo vai produzir uma memória comum a todos os membros desse grupo. O autor trata bem da complexidade que se tem desse conceito relacionado à identidade coletiva. Como a individualidade é algo muito próprio, não daria para homogeneizar todo um grupo, pois a própria essência seria a diversidade que cada ser acrescenta ao grupo. Para Candau (2011, p.26) “membros de uma mesma sociedade compartilhem as mesmas maneiras de estar no mundo” que “contribuem a defini-los e que memorizaram sem ter consciência, o que é o princípio mesmo de sua eficácia”.

Carsalade (2014) também enriquece o tema ao falar que a história e memória constituem como um elemento de continuidade e de identidade. Além do que, a saúde mental do indivíduo carece desses sentidos na construção de uma orientação, e a memória é um importante veículo que confere identidade. A memória é um importante componente de transmissão e conservação da cultura. Assim, os bens patrimoniais, que merecem atenção por seus significados e relevância, são também elementos de identidade. Para Carsalade (2014, p.151) “o lugar criado pelo patrimônio, por sua presença no espaço e pelo lastro

¹⁷ Metamemória, “a representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, o conhecimento que tem dela e, de outro, o que diz dela, dimensões que remetem ao modo de afiliação de um indivíduo a seu passado e igualmente, a construção explícita da identidade. A metamemória é, portanto, uma memória reivindicada, ostensiva” (CANDAU, 2011, p.23).

histórico que traz consigo, permite que o ser lançado ao mundo o ordene, identificando-se e orientando-se”.

Ao tratar a arquitetura que permeia o tempo é possível enxergar edifícios, que formam o acervo do patrimônio histórico e cultural, cheios de memórias vivas de uma sociedade. Choay (2014, p.16) caracteriza o termo base, patrimônio histórico, como “um fundo destinado ao usufruto de uma comunidade alargada a dimensões planetárias” com vasta diversidade de objetos que fazem parte de um passado comum.

Deste modo, é possível adentrar ao conceito de patrimônio cultural, importante para a compreensão da pesquisa. O termo deriva do latim, *pater* que tinha relação aos bens passados entre famílias como heranças. Perpassa por muitos períodos até ser conhecido atualmente como bens materiais e imateriais de cunho significativo que detêm símbolos sociais e culturais de uma sociedade e por isso merecem ser preservados e conservados. Aqui cabe ressaltar, que a memória, a conservação da história e identidade sempre estiveram unidos ao se tratar de bens patrimoniais, pois, para se preservar é relevante esse pertencimento histórico.

A modernidade, usualmente, é um termo ligado a mudança e ruptura, a era moderna vai negar toda e qualquer afirmação existente, o foco não é mais o passado nem o presente, mas o futuro. O tempo passa a ser pensado como “contínuo transcorrer”, valorizando assim a mudança (CASTRIOTA, 2009, p.47), é o eterno *slogam* de Marx “tudo que é sólido se desmancha no ar”.

Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor — mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos (BERMAN, 1986, p.15).

Esse conceito moderno permeia o século XV através do Renascimento e de suas estratégias urbanas de mudança e embelezamento no meio urbano e também em outros campos artísticos. Entretanto, é na Revolução Francesa (1789-1799), culminada pelas ideias Iluministas de ruptura com a autoridade e seus modelos de poder do passado, que a essência do moderno atinge o ápice com a degradação de edifícios e bens culturais. Nesse período o Papa Gregório I realizou ações de preservação em bens culturais e começava ali o que se chamaria de preservação patrimonial (CHOAY, 2014).

Ao longo do tempo, o ser moderno foi abrangendo e perpetuando ideias e conceitos de ruptura que perduram até hoje. Tem uma profunda raiz na negação da tradição como fonte de normatividade, tudo se torna abstrato, “a modernidade em sua incessante busca do novo estaria condenada a não ter identidade” (CASTRIOTA,2009, p.58). O interessante é notar que foi desses movimentos que surge também um desejo de busca de identidade, de estabelecer conexão com os clássicos que se fixam no tempo.

Assim, segundo Carneiro (2017, p.59) “o conceito de patrimônio surgiu à medida em que os países europeus começaram a entender que muitos monumentos possuíam capacidade de representar a nação”. Essa busca de identidade e símbolos de um povo se intensifica na década de 1930 com ações de arquitetos, intelectuais de diversas áreas que visam discutir sobre a história herdada, sempre ligados ao progresso. Para Choay (2014), o conceito de monumento e monumento histórico tem sua transformação no século XX, onde se começa a estabelecer forçosamente elementos históricos para a rememoração.

Desde os anos sessenta do século XX, os monumentos históricos constituem apenas parte de uma herança que não para de aumentar, por via de anexação de novos tipos de bens e através do alargamento do quadro cronológico e das áreas geográficas no interior dos quais se inscrevem estes bens (CHOAY, 2014, p. 12).

Monumento tem um caráter primitivo de recordar, ligado a memória e assim “contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade, étnica ou religiosa, nacional, tribal ou familiar” (CHOAY, 2014, p.17). A autora faz uma crítica sobre o conceito e sua obra se torna um clássico por evidenciar a importância do bem histórico como elemento de recordação, porém, dotado de significado coletivo.

A formulação da carta de Atenas em 1931¹⁸, se torna o primeiro documento a se tratar de patrimônios e a ação do estado como detentor dessa organização. No Brasil o movimento da arte moderna, que se consolida em 1922, também é importante para buscar essa identidade brasileira em seus bens e

¹⁸ Essa carta faz parte de um conjunto de normas feitas para as ações administrativas sobre a conservação de bens históricos, planos, preservação e tudo que envolve a abrangência dos patrimônios históricos culturais, a Carta de Atenas foi a primeira dessas cartas. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/226>

ainda formar novas identidades. Desse modo, na área da arquitetura e afins, surge o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) (1937-1946) sendo o primeiro órgão do governo de proteção ao patrimônio cultural brasileiro e que posteriormente seria o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) que atua até hoje.

Por um longo período, patrimônios foram tratados como bens isolados e que definiam certos e pequenos grupos. A identidade nacional que tanto se almejava, com o passar do tempo, percebe-se que não representava a todos. A cultura em si, base para a formulação dos patrimônios históricos culturais, abrange vários tipos de elementos que variam não só conforme o tempo, mas principalmente com as comunidades que delas fluem.

O movimento moderno, não somente no Brasil, mas no mundo, tinha por objetivo construir novas cidades com novas arquiteturas. O anseio pela identidade nacional, além da construção de novos edifícios de caráter moderno, ocasionou uma busca em seu passado por elementos que fossem importantes culturalmente. Na época, para os militantes e arquitetos atuantes no SPHAN, entre eles Lucio Costa e Oscar Niemeyer que tomavam frente na causa de preservação desta arquitetura brasileira, apenas exemplares do ciclo mineiro do século XVIII mereciam ser preservadas, sendo obras anteriores a esse período, resquícios de arquiteturas europeias e assim falsos históricos (CASTRIOTA, 2009). A polêmica gerou em torno de que a maioria dos tombamentos em busca da identidade, se baseava apenas por critérios estilísticos, excluindo assim variados exemplares de outras épocas e comunidades.

Durante muito tempo se discutiu tais ações, já que muitas dessas arquiteturas não representavam todos os brasileiros, e também se percebia a falta de abrangência de patrimônios que caracterizavam a diversidade do povo brasileiro na história. O termo sofre uma ampliação durante os anos, sendo hoje usado por diversas expressões como, patrimônio arquitetônico, patrimônio histórico e artístico, patrimônio cultural, patrimônio imaterial, onde cada um desempenha um tipo diferente de preservação e conservação para a sociedade (CASTRIOTA, 2009).

A Constituição Federal de 1988, em seu Artigo 216 em 1937, conceitua patrimônio cultural os bens “de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação,

à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”. Ainda hoje, muito de ações preservacionistas se baseiam por seu valor artístico, porém é possível destacar que houve uma evolução sobre a abrangência de bens considerados patrimônios culturais brasileiros.

Gustavo Giovannoni, arquiteto, engenheiro e historiador da arte, se torna importante nessa ampliação, sendo que em 1931, em sua obra *Vecchie Città ed Edilizia Nuova*, já cita o termo “patrimônio urbano” e sua complementariedade em abranger os bens históricos com os novos bens no espaço urbano (CARNEIRO, 2017, p.60). Ou seja, já se notava a importância de sair do modo isolado de se analisar as paisagens históricas.

Outro momento importante é a carta de Veneza de 1964 em uma atualização das recomendações iniciais da carta de Atenas (1931) e o aperfeiçoamento dos termos, conservação e restauração de monumentos e sítios. Surge assim, além das organizações existentes ao nível mundial, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization – UNESCO), Conselho Internacional de Museus (ICOM) e o Centro Internacional para o Estudo da Preservação e Restauração da Propriedade Cultural (ICROM), o Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS).

Outro momento importante aconteceu nas reuniões dos compromissos de Brasília (1970) e compromisso de Salvador (1971), recomendava-se a ampliação e medidas que abrangesse a proteção do entorno dos bens, buscando assim, preservar a ambiência; “Recomenda-se a criação de legislação complementar no sentido de proteção mais eficiente dos conjuntos paisagísticos, arquitetônicos e urbanos de valor cultural e de suas ambiências” (COMPROMISSO DE SALVADOR, 1971, p.2). Posto isto, na Recomendação de Nairóbi em 1976, definem-se alguns termos relevantes para o estudo do patrimônio urbano, sendo um deles a ambiência.

Entende-se por ambiência dos conjuntos históricos ou tradicionais, o quadro natural ou construído que influi na percepção estática ou dinâmica desses conjuntos, ou a eles se vincula de maneira imediata no espaço, ou por laços sociais, econômicos ou culturais. (RECOMENDAÇÃO DE NAIRÓBI, 1976, p. 3)

Sendo assim, o termo ambiência se torna essencial para o entendimento da importância do contexto em que se insere conjuntos urbanos de interesse históricos. O ambiente, o entorno, as vivências que se materializam nesses espaços e costumes, dão vida para os patrimônios. Não é possível falar sobre um bem isoladamente, e ao longo do tempo, as autoridades do patrimônio compreenderam isso.

Obtém aqui um destaque para o documento da carta de Amsterdã de 1975 que amplia exatamente esse modo de ver os patrimônios edificados nas cidades, lidando com uma conservação integrada sobre esses conjuntos urbanos. Essa conservação se baseia na complexidade desse espaço, e que por isso merece uma atenção ampla sobre essa paisagem diversificada, necessitando de olhares interdisciplinares e ainda com a cautela em relação à preservação, pois não se trata mais de bens isolados, mas de conjuntos urbanos.

Os conjuntos urbanos são formados através de agrupamentos de edificações e seus entornos, cujos graus dos valores históricos arquitetônicos, estéticos e socioculturais concebem uma expressividade à cidade. A percepção estática ou dinâmica do conjunto se vincula à sua ambiência, seja natural ou construída. (CARNEIRO, 2017, p.17)

Sabendo que o termo lugar, em sua definição, é um local que está imbuído com valores humanos, é interessante perceber a ação desses lugares de memória na sociedade, sua vocação de rememorar vivências em suas paisagens e modos de vida. Para Nora (1993, p.12) “os lugares de memória são, antes de tudo, restos”, vestígios de histórias que permaneceram, “marcos testemunhas de uma outra era”, locais de significados. A abrangência do termo de patrimônio cultural abarca essa perspectiva de lugares como detentores de memória. Para Castriota (2009, p. 128), preservar a memória dos lugares requer uma “perspectiva que reúne a história social e a preservação urbana e arquitetônica” em uma ação que salvasse a memória dos variados grupos.

Nesse sentido, é importante sempre relacionar as diversas formas de se tratar os variados patrimônios culturais. Para Castriota (2009), é de extrema necessidade um trato interdisciplinar com a cidade e seus bens de interesse histórico, atentar-se para os processos de interferência e mudanças que os espaços urbanos requerem e com isso, aplicar de maneira adequada, ações de

conservação que sejam compatíveis com cada tipo de bem. Cabe então, segundo o autor, que o governo oriente as transformações, principalmente sobre a preservação do meio ambiente urbano, de maneira equilibrada, “não se trata, portanto, de congelar a vida, ou de transformar as cidades em museus, mas em pensar na preservação e na melhoria de sua qualidade de vida” (CASTRIOTA, 2009, p. 89).

Carlos Nelson Ferreira dos Santos em seu texto “Preservar não é tomar, renovar não é por tudo abaixo” de 1985, traz um necessário diálogo sobre as cidades e seus bens históricos, para ele “nas cidades o espaço fala” e ainda, faz sua crítica ao rompante de tombamentos sem ligação com a memória ocasionado pelo movimento moderno¹⁹, o autor menciona “ a falta de afetividade pelos lugares e polo que representam é um caminho reto para a pobreza cultural” (SANTOS, 1985, p. 9).

Do jeito que vem sendo praticada, a preservação é um estatuto que consegue desagradar a todos: o governo fica responsável por bens que não pode ou não quer conservar; os proprietários se irritam contra as proibições, nos seus termos injusta: de uso pleno de um direito; o público porque, com enorme bom-senso, não consegue entender a manutenção de alguns pardieiros, enquanto assiste à demolição inexorável e pouco inteligente de conjuntos inteiros de ambientes significativos (SANTOS, 1985, p.11).

Nora (1993, p.7) ressalta que esses lugares são locais onde “a memória se cristaliza”, tal autor busca sobre esse conceito interligar o espaço físico com as memórias, termo importante para tratar a Rua Cel. Aquiles de Pina, objeto que culmina histórias materializadas na paisagem e em muitas vivências de personagens importantes para a cidade, entre eles ex-prefeitos e empresários, além da própria sociedade que usufruiu de tantos espaços nesse lugar.

As diversidades dos lugares contam muito em cidades que estão marcadas pela globalização desenfreada que conduz a uma homogeneização das paisagens urbanas. O diálogo entre os tempos, os cidadãos e seus espaços, tudo isso contribui para um espaço urbano rico em continuidades e descontinuidades que aferem transformações que preservam os ritmos do tempo. A Rua Cel. Aquiles de Pina, é a tradução de um espaço diversificado com

¹⁹ No Brasil um fato interessante nesse período foi o tombamento de vários edifícios recém-construídos de caráter moderno considerados parte da identidade nacional, “o tombamento da arquitetura moderna deu-se concomitantemente à sua produção” (CHUVA, 2009, p. 364).

uma ambiência única em meio a cidade média de Anápolis (GO). Seus ritmos arquitetônicos preservam uma diversidade rica em conteúdo que merece atenção como um conjunto histórico urbano relevante.

2.2 A história de Anápolis refletida na Rua Cel. Aquiles de Pina

Ao estudar os espaços urbanos é necessário olhar a temporalidade que se faz cada um desses locais. Pesavento (2005, p.10) cita que “a história faz da memória uma de suas marcas de historicidade”, que culmina significados e materialidades únicas de cada lugar. Olhar a Rua Cel. Aquiles de Pina hoje é conseguir perceber, ainda que superficialmente, uma paisagem regada de histórias e memórias. De início, é necessário voltar aos relatos encontrados para a compreensão desse lugar.

A rua surgiu por volta de 1900 com o nome Rua Intendente Abadia. Posteriormente se chama Rua 6 de agosto em 1903 em homenagem à data da fundação da Freguesia de Santana em 1973. Em 1926, denomina-se Rua Cel. Pedro Dias de Campos, em honra ao líder policial na defesa da cidade “após a passagens dos homens da coluna prestes, o Coronel Pedro Dias e seus homens paulistas vão em confronto para expulsá-los” (GONÇALVES, 2021, p.55). Torna-se Rua Getúlio Vargas em 1930, referência ao líder da Revolução de 30 sendo presidente do Brasil por longos mandatos (1934 - 1945 | 1951 - 1954). Novamente muda o nome para Rua General Xavier Curado em 1946, personagem que nasceu em Pirenópolis e foi governador de Santa Catarina. E por fim, em 21 de novembro de 1968, pela Lei nº 143²⁰ denomina-se Rua Cel. Aquiles de Pina (GONÇALVES, 2021; BORGES, 2011; FERREIRA, 2011; ALVES, 2014).

Foi necessária essa cronologia da toponímia para a coleta de dados segundo o nome de cada período. Aqui vale ressaltar que a metodologia abordada para exemplificar essa paisagem no tempo, foi a seleção de cada

²⁰ Disponível em <https://leismunicipais.com.br/a/go/a/anapolis/lei-ordinaria/1968/14/143/lei-ordinaria-n-143-1968-muda-nome-de-rua-que-menciona-e-da-outras-providencias>

edifício/ elemento, de acordo com sua data de criação, seguindo assim, cada edifício, sua própria ordem cronológica tendo base as imagens encontradas. Sendo assim, o texto traz nuances temporais para que o elemento estudado e suas transformações, sejam melhor compreendidas.

Em 1900, quando acontece a separação do traçado da famosa Rua do Comércio, e a Rua obtêm o nome de Rua Intendente Abadia, a cidade já possuía 6.296 habitantes, duas praças e oito ruas (GONÇALVES, 2021; SILVA, 1997). Em pouco tempo altera-se o nome para Rua 6 de agosto e nesse período surge uma importante casa comercial muito mencionada em textos por sua relevância e pioneirismo de comércio para época. A casa comercial “A Rainha da Barateza” (Figura 100), foi criada em 1911 por Antônio Luiz de Pina. Ele e outros membros da família Pina eram oriundos de Pirenópolis e vieram em busca de mais ganho econômico e político sabendo do potencial da cidade (SILVA, 1997).

Figura 10: Loja A Rainha da Barateza em 1912.



Fonte: Acervo Iconográfico do Museu Histórico “Alderico Borges de Carvalho”, fotografia de Garcez.

A casa foi construída segundo as técnicas da época seguindo o modo de produção das cidades em Goiás no início do século XX. De construção simples, térreas, com aberturas diretas para as ruas, fachadas sem ornamentos, duas ou quatro águas revestidas de cerâmicas de barro, ou argila (VARGAS, 2015). A

Rainha da Barateza era de taipa de pilão e funcionava como um armazém com diversas mercadorias: “charqueada, torrefação e moagem de café, indústrias, representante bancário” (FERREIRA, 2011, p. 439). É possível perceber a precariedade dos serviços urbanos ainda nesse período através dessa fotografia, os carros de boi e os modos de usos ainda muito tradicionais.

Figura 11: Propagandas da casa comercial “A Rainha da Barateza” em Jornal Voz do Sul, 1931.



Fonte: Museu Histórico “Alderico Borges de Carvalho”.

Considerada uma das maiores do estado de Goiás até os anos 1940 por sua variada gama de produtos (MACHADO, 2009). Em 1930, passa a ser correspondente bancária do Banco do Brasil, do Banco Agrícola do Estado de Minas Gerais e da Casa Bancária Amorim & Cia, sendo a primeira a oferecer serviços bancários para a cidade (GONÇALVES, 2021). Na figura 11, percebe-se que as propagandas encontradas no Jornal Voz do Sul em 1931, mostram os serviços anunciados pela loja e sempre mencionando a data de fundação para evidenciar a experiência no mercado, pois isso gera confiança aos consumidores.

Foi possível encontrar duas fotografias que mostram o edifício posteriormente. A figura 12, mostra que, provavelmente na década de 1980, já não servia como casa comercial, e ainda se conservava em bom estado. Na rua já existia asfaltamento e estava em construção o prédio ao lado que permanece

até os dias atuais. Na Figura 13, vê o edifício em 2011 já com certas precariedades arquitetônicas mostrando que o tempo já influenciava sua conservação. Certamente estava em desuso, pois atualmente esse edifício já não existe na rua e no local se encontra um estacionamento.

Figura 12: Antiga casa comercial “Rainha da Barateza” na Rua Cel. Aquiles de Pina, sem data.



Fonte: Acervo Iconográfico do Museu Histórico “Alderico Borges de Carvalho”.

Figura 13: Antiga casa comercial “Rainha da Barateza” na Rua Cel. Aquiles de Pina, em 2011.



Fonte: Acervo Iconográfico do Museu Histórico “Alderico Borges de Carvalho”, fotografia de Daniel Araujo.

Graciano Antônio da Silva (1923-1927), intendente de Anápolis em três mandatos, faz um processo de embelezamento na cidade, incluindo então a

criação do primeiro jardim público, desapropriando alguns proprietários de terra para ajustar o traçado das ruas (FERREIRA, 2011). Em 1924, a Companhia Faria & Collemann inaugura a rede elétrica com sede na Rua 6 de agosto em frente A Rainha da Barateza (GONÇALVES, 2021). Surge, em 2 de agosto de 1926, a praça Senador Ramos Caiado com um coreto redondo (FERREIRA, 2011).

Segundo Gonçalves (2011), o projeto e desenho da praça é do famoso artista local, Osvaldo Verano. Haydee Jayme Ferreira, uma ilustre moradora da cidade, traz em seu livro memórias desse lugar: “Lembro-me perfeitamente do primitivo jardim: muito florido com um coreto redondo, de dois pavimentos, onde aos domingos, a banda de música deleitava os anapolinos com suas retretas” (FERREIRA, 2011, p.50). Na figura 14, a fotografia mais antiga encontrada da Praça, percebe-se seus jardins floridos meio desordenados sem podas e o coreto com uma espécie de estrutura que provavelmente sinaliza algum evento que ocorreu ali. É interessante mencionar que os coretos sempre serviram como locais aptos a discursos e apresentações.

Figura 14: Antiga Praça Senador Ramos Caiado em 1929.



Fonte: Gonçalves (2021, p.57).

Em novembro de 1930 torna-se a Praça João Pessoa, e nesse período o coreto sofre algumas alterações em sua estrutura sendo destaque em uma matéria no Jornal Voz do Sul em 1932 (Figura 155). No texto é exaltado as ações do prefeito, na época João Luís de Oliveira, para o embelezamento e história da cidade, além de mencionar as bandas que irão se apresentar no evento. Em Anápolis, nessa rua também era recorrente a passagem do desfile de 7 de

setembro e discursos na praça como mostram a figura 16. Verifica-se, nesta imagem, que havia um desenho paisagístico com arborização e pouco adensamento urbano na cidade.

Figura 15: Jornal Voz do Sul anuncia a reinauguração do coreto na Praça João Pessoa em 6 de março de 1932.

Corêto do Jardim Publico

Realisar-se-á, hoje, a inauguração do corêto do jardim publico, recentemente reconstruido pelo prefeito João Luiz de Oliveira, com a presença da banda de musica municipal, que executará excellentes peças de seu repertorio.

O novo corêto, mais elegante e distincto que o antigo, deixará, na historia de Annapolis, uma nota bem frisante da administração do actual prefeito, que se tem esforçado por beneficiar esta terra com os melhoramentos a que tem direito.

São as seguintes as peças que serão executadas pela banda de musica municipal, competentemente dirigida pelo exímio maestro Antonio Branco.

1.ª PARTE

- 1.º—N. 5—Dobrado, por A. Branco
- 2.º—Polaca—por A. Opa.
- 3.º—Primavera de beijos-valsa—por Z. Abreu.
- 4.º—Sargento Bercó—Dobrado, por J. Pirahy.
- 5.º—O Destino—Dobrado, por J. C.

2.ª PARTE

- 6.º—Sebastião Guimarães — Dobrado, por A. Branco.
- 7.º—Astro Apagado—Tango, por Z. Abreu.
- 8.º—E' triste o meu soffrer — valsa, por L. Marques.
- 9.º—15 de fevereiro—Dobrado, por A. Branco.
- 10.º—Honorato Vieira—Dobrado, por H. V.

Espera-se a maior assistencia á inauguração.

O punhal de "La dação d'O

Em sua edição "O Malho" p da visita ao pu "Lampeão" á r vista, trazido que o apreende bate que a pe com o facino

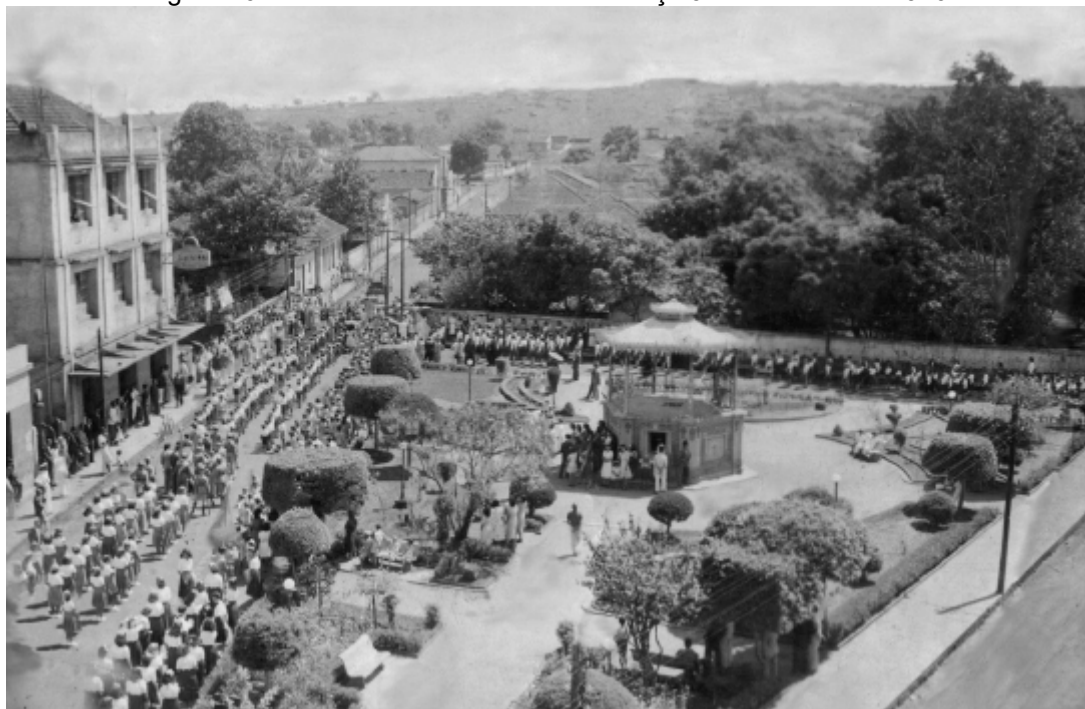
Além disso, semana ainda fias dos pro espanhoes, v ges" e anede conto da s Botânico" e nhos de Yar com écos c val, reportag tumes guar com Mariet do concurs secções de pagina com mulher nã

Soci

—Dr. Al Vindo do tal, aqui illustre g:

Fonte: Museu Histórico "Alderico Borges de Carvalho".

Figura 16: Desfile de 7 de setembro na Praça João Pessoa em 1940.



Fonte: Gonçalves (2021, p.107).

Em 1948, o emblemático coreto redondo de dois pavimentos é demolido para dar lugar ao novo estilo arquitetônico *art déco*²¹ (figura 17). Aqui é relevante mencionar fatos históricos para a compreensão desse período na cidade. Primeiramente, com a nova construção da cidade planejada e nova capital de Goiás, Goiânia entre 1933 – 1937, grandes influências de modernização adentraram em Anápolis, muito porque a cidade serviu de suporte para essa construção. Outro fator decisivo, era a Estrada de Ferro Goiás, que chega na cidade em 1935 e é um importante transporte que acarretou a chegada de novos migrantes e materiais construtivos.

A partir da década de 1930, há um destaque para *art déco*, uma vez que o período histórico da chegada da ferrovia coincidiu com o da sua difusão pelo Brasil e por suas características estarem conceitualmente ligadas à ideia da modernidade e a racionalidade construtiva. A presença de técnicos da construção civil e os novos materiais que chegavam com a ferrovia, principalmente a do concreto armado, permitiram que os modelos vistos apenas nas grandes cidades pudessem finalmente serem construídos no interior (VARGAS, 2015, p.94).

²¹ Estilo arquitetônico difundido no pós-guerra por se tratar da utilização de elementos construtivos de fácil e rápido acesso. Tinha como estrutura formal basicamente jogo de formas geométricas com encaixes e recuos sem muita ornamentação e serviu como um estilo da representação do progresso. Em Anápolis esse estilo foi muito difundido por seu símbolo de poder e modernidade (VARGAS, 2015).

O interessante é analisar a matéria do Jornal Voz do Sul em 1932 (Figura 155), que deixava a mensagem “deixará na história de Annapolis” uma perspectiva que seria um bem importante sobre a cidade. Porém, o que se vê posteriormente é de fato um descaso total para com esse marco que deixa apenas registros fotográficos. Essa ação foi feita no governo de Carlos de Pina, (1947- 1951), o mesmo que construiu em seu mandato o Mercado Municipal Carlos de Pina que foi o primeiro bem tombado da cidade na Lei Municipal nº 025, de 10 de julho de 1984, também com estilo *art déco*.

Figura 17: Novo coreto da Praça João Pessoa em 1949.



Fonte: Gonçalves (2021, p.191).

O novo coreto, figura 17, reflete bem os desejos modernos da época, tendo como estilo arquitetônico o *art déco*, possui um aspecto semelhante ao de máquina, objetivo desse estilo, na sua parte frontal tem colunas que servem como ornamentos, elementos que são marcantes até hoje. Com nível térreo, diferente do outro coreto que parecia um palco aberto, esse tende a possuir uma sensação de fluidez entre a praça. A demolição tinha o desejo de mudança, da apropriação do novo, e assim foi, o coreto transmitia, naquele momento o que os anapolinos queriam.

Em 1959, a praça passa a ter a denominação atual, Praça James Fanstone, em homenagem ao fundador do Hospital Evangélico Goiano, no qual será

mencionado mais adiante. Sob a Lei nº 2725 ²² de 05 de abril de 2001, o edifício do coreto na área interna da praça é considerado patrimônio histórico e cultural da cidade de Anápolis. O artigo 2 dessa lei declara:

Como consequência desta Lei, fica todo o espaço físico construído protegido de forma especial, sendo vedada qualquer utilização, reforma ou ampliação, que venha a comprometer sua integralidade, da mesma forma como ficam proibidas a alienação, destruição, demolição ou mutilação de todos os elementos, naturais ou não, que constituam o conjunto de sua construção.

Isto posto, nas figuras 18, 19 e 20, percebe que mesmo após o tombamento do bem, transformações significativas aconteceram, não só no edifício, mas também na praça, com a mudança na vegetação e iluminação. As cartas patrimoniais já trazem alguns avisos sobre a importância da ambiência do bem tombado, “recomenda respeitar, na construção dos edifícios, o caráter e a fisionomia das cidades, sobretudo na vizinhança dos monumentos antigos” (CARTA DE ATENAS, 1931); “A conservação de um monumento implica a preservação de um esquema em sua escala” (CARTA DE VENEZA, 1964); entre outras. Pois, é necessário prever o valor de se pensar no conjunto em relação aos bens tombados.

Figura 18: Coreto na Praça James Fanstone, sem data.



Fonte: Acervo Iconográfico do Museu Histórico “Alderico Borges de Carvalho”, fotografia de Demian Duarte.

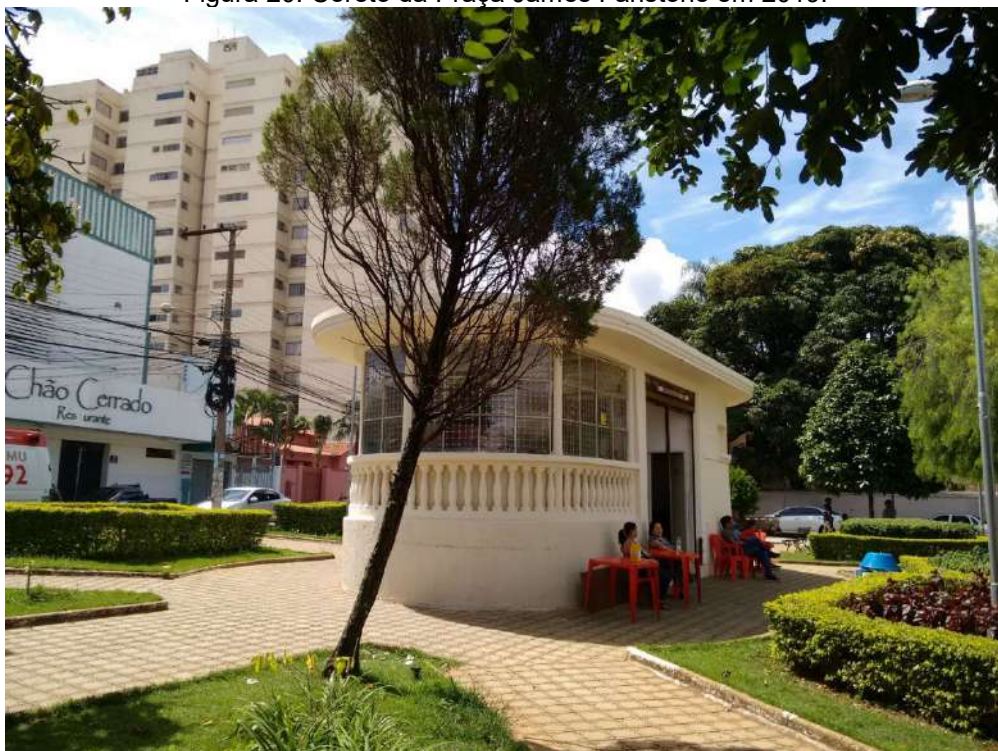
²² Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/go/a/anapolis/lei-ordinaria/2001/273/2725/lei-ordinaria-n-2725-2001-considera-como-patrimonio-historico-e-cultural-da-cidade-de-anapolis-o-edificio-que-menciona-e-da-outras-providencias>

Figura 19: Coreto da Praça James Fanstone em 2013.



Fonte: Fotografia de Thiago Patah.

Figura 20: Coreto da Praça James Fanstone em 2019.



Fonte: Fotografia de José Luiz Salustrino Bezerra.

Seguindo a cronologia de construções na Rua Cel. Aquiles de Pina, em 1927, quando ainda se denominava Rua Cel. Pedro Dias de Campos, surge o

atual Hospital Evangélico Goiano (HEG). O casal James Fanstone e Ethel Marguerite Pastefildem (Dona Dayse), vieram para a cidade em 1925 com intuito missionário de propagar o protestantismo, pois eram ligados à União Evangélica Sul-Americana (UESA) (MATOS, 2010).

Dr. James Fanstone era de família inglesa, nascera em Recife e com três meses voltou para Inglaterra onde lá cursou medicina, e em 1922 retorna ao Brasil (DI PAOLI; SERRA; 2013). O doutor serviu no exército britânico como capitão médico. Sua importância histórica é como pioneiro da propagação da religião protestante, fundador do primeiro hospital da cidade e a escola de Enfermagem “Florence Nightingale”, a terceira do Brasil. Dr. James Fanstone tinha o sonho de ajudar e curar os males físicos das pessoas, mesmo em meio as dificuldades da época, funda a Casa de Saúde de Anápolis em 1926 (figura 21), que posteriormente seria o Hospital Evangélico Goiano (GONÇALVES, 2021).

O hospital é simplesmente uma casa brasileira, com três grandes salas, que haviam sido transformadas em enfermarias. Uma sala menor é a sala de operações, com paredes caiadas de branco e assoalho de madeira, cheio de buracos. Um outro cômodo pequeno é usado como consultório. As camas são bastante agradáveis, cobertas com colchas tecidas em casa e os criados mudos são caixotes. Tudo isso tem um delicioso aspecto primitivo e simples. (Mary Hamilton em seu Diário de uma Enfermeira *in*: FERREIRA, 2011, p.196)

Figura 21: Hospital Evangélico Goiano em 1936.



Fonte: Acervo Iconográfico do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho.

Figura 22: Praça James Fanstone com a casa do doutor ao fundo.



Fonte: Acervo Iconográfico do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho.

Na Figura 22, vê a casa do Dr. James Fanstone em frente à Praça em 1934, já é possível apreender um estilo arquitetônico distinto aos anapolinos com traços de uma arquitetura inglesa. Já em 1936, inicia-se a construção de um novo edifício inovador para época, pois foi o primeiro prédio de andares (figuras 25 e 26) e com elevador do Estado de Goiás, é denominado Edifício Dona Dayse, em homenagem a sua esposa. Nos relatos de Ferreira (2011) ela menciona que em 1937 ficara espantada com a construção desse novo prédio.

Nesse prédio, um verdadeiro assombro, um incalculável avanço, para a época, pois foi o primeiro prédio “de tantos andares” construído no Estado de Goiás, passaram a funcionar o consultório, laboratório e quase todas as dependências médicas do hospital, tudo no primeiro pavimento. No subsolo ficava a cozinha. No último andar residia a família Fanstone. Nos demais pavimentos residiam as enfermeiras da já então fundada Escola de Enfermeiras Florence Nightingale (FERREIRA, 2011, p.197).

Figura 23: Hospital Evangélico Goiano com a praça em 1948.



Fonte: Gonçalves (2021, p.167), fotografia de Garcez

Figura 24: Hospital Evangélico Goiano com a praça e o coreto em 1951.



Fonte: Gonçalves (2021, p.218).

Já nessas imagens (figuras 23 e 24) é possível perceber o ambiente favorável que era o entorno da praça já com o prédio do hospital. Os pedestres, os automóveis, bicicletas, fluxos comuns em uma época que o centro fazia parte da rotina dos anapolinos. De acordo com Gonçalves (2021), no início da década

de 1940 o Dr. James Fanstone inicia a ampliação do hospital na Rua Desembargador Jayme. Não foi encontrado relatos específicos de qual fachada seria a construção desse anexo, porém, é provável que seria o anexo de 2 pavimentos do hospital (figura 25) que também possui o mesmo estilo de vedação em tijolo aparente.

Figura 25: Conjunto do Hospital Evangélico Goiano, à esquerda o anexo criado, sem data.



Fonte: Acervo Iconográfico do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho.

O imponente Hospital é um marco na paisagem e foi concebido com “a nova tendência de construção hospitalar da época, conhecida como Monobloco, uma vez que a administração do hospital se mantinha em sintonia com os centros médicos norte-americanos e europeus” (DI PAOLI; SERRA, 2013). Sempre foi alvo de manchetes dos jornais como um marco para o desenvolvimento da cidade, no jornal O Anápolis na matéria que trata a cidade como “Terra da promessa” (Figura 26), cita o hospital e escola de enfermagem como estabelecimentos que honram não só o Brasil, mas o continente. Além das propagandas dos aparelhos e serviços do hospital (figura 27), enfim, esse edifício, frequentemente, tem algo a dizer sobre a cidade.

Figura 26: Manchete do Jornal O Anápolis em 1949.



Fonte: Museu Histórico "Alderico Borges de Carvalho".

Figura 27: Propagandas do jornal Voz do Sul em 1931 sobre o HEG.



Fonte: Museu Histórico "Alderico Borges de Carvalho".

Em 1959, inaugurava-se a Rádio Imprensa tendo como slogan "o imã sonoro", em 1964 foi teve seu controle acionário adquirido por Henrique Fanstone. Segundo Gonçalves (2010, p.58), "a Rádio Imprensa instalou o seu primeiro estúdio na Avenida Goiás, mudado pelos novos proprietários para o

edifício D. Dayse, na Praça James Fanstone” permanecendo até 1992 (Figura 28). A Rádio Imprensa no comando da família Fanstone foi de grande importância para a cidade.

Nas décadas de 70 e 80, a Rádio Imprensa viveu momentos de vitoriosas realizações. Assessorada por profissionais do ramo, de São Paulo, e contando no estúdio local da emissora com o comando artístico de Luiz Carlos Cecílio, um dos maiores ícones da radiofonia anapolina em todos os tempos, foram ao ar atrações de sucesso nacional, como o “Programa Sílvio Santos”; “Bom Dia”, com Omar Cardoso; “O Crime não Compensa”, com Gil Gomes; “A Hora do Rei”, com Lilian Loi e a participação de Roberto Carlos, além de cinco radionovelas diárias que eram campeãs de audiência em outras emissoras do País (Gonçalves, 2010, p.60).

Figura 28: Rádio Imprensa no Edifício Dona Dayse na década de 1960.



Fonte: Acervo Iconográfico do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho.

O conjunto do Hospital Evangélico Goiano passou por algumas modificações durante o tempo, e nas figuras 29, 30 e 31 percebe-se que ocorreram mudanças principalmente na pintura e também no prédio Dona Dayse. Segundo Di Paoli e Serra (2013), as alterações foram as perdas de janelas do primeiro andar, mudança da entrada principal para a lateral do prédio, instalação de ar-condicionado que afeta a fachada, remendo em tijolos na antiga

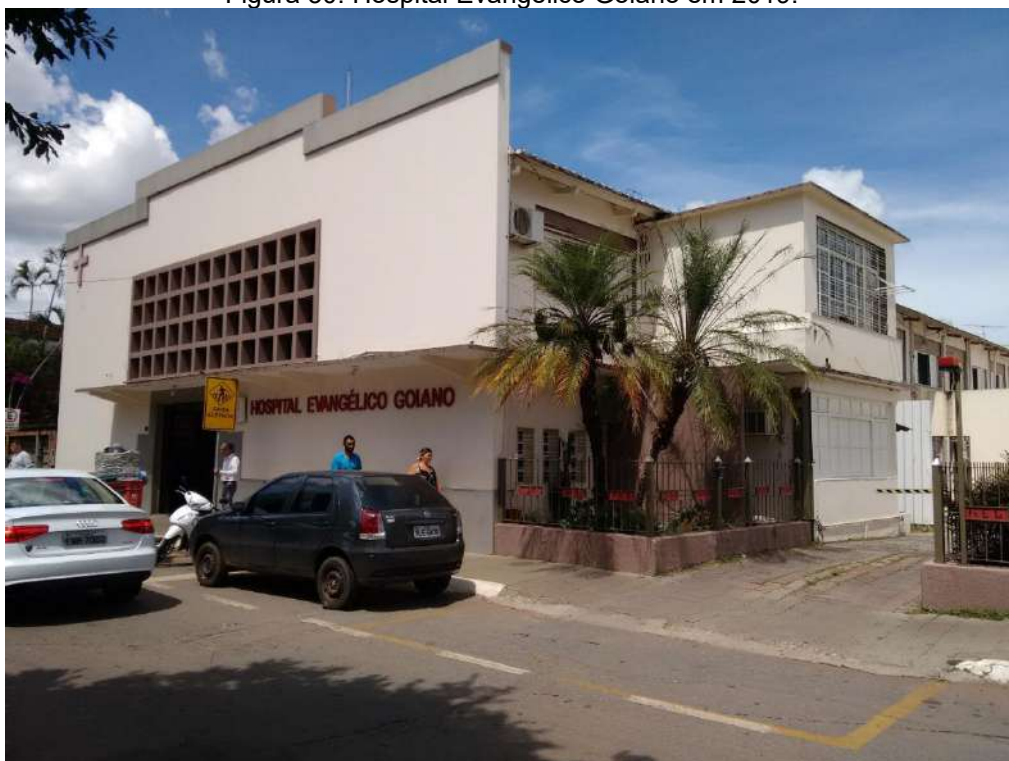
cobertura com a criação de um novo pavimento, faixa de tijolos do topo foi coberta e pintada, entre outros. Porém, a estrutura do edifício permanece.

Figura 29: Hospital Evangélico Goiano, sem data.



Fonte: <https://mapio.net/pic/p-18565161/>

Figura 30: Hospital Evangélico Goiano em 2019.



Fonte: Fotografia de José Luiz Salustrino Bezerra.

Figura 31: Edifício Dona Dayse em 2019.



Fonte: Fotografia de José Luiz Salustrino Bezerra.

Em 1936, no período em que a Rua se chamava Rua Getúlio Vargas, surge o Cine Teatro Imperial no dia 14 de dezembro empreendimento coordenado por Graciano Antônio da Silva e Jonas Duarte. Em sua noite de estreia (Figura 32) conquistou cerca de 1.000 pessoas e para a época era um edifício que chamava bastante atenção pelo tamanho e estrutura (FERREIRA, 2011).

Às 20 horas, nas proximidades do majestoso edifício que se eleva na Praça João Pessoa, comprimia-se grande massa popular, aguardando o momento em que fosse admitida ao público e franquia de entrada, para conhecer, de perto, as suas instalações e compartimentos.

Às 20 horas e 30 minutos, as vastas portas que se destacam à frente da sala de espera se abriram, expondo os encantos artísticos do acabamento do suntuoso edifício que se apresenta, externamente, todo iluminado por poderosos holofotes, presos sob as longas janelas dos diversos andares (Jornal O Anápolis em 1936 *in*: FERREIRA, 2011, p.257).

Figura 32: Inauguração do Cine Teatro Imperial em 1936.

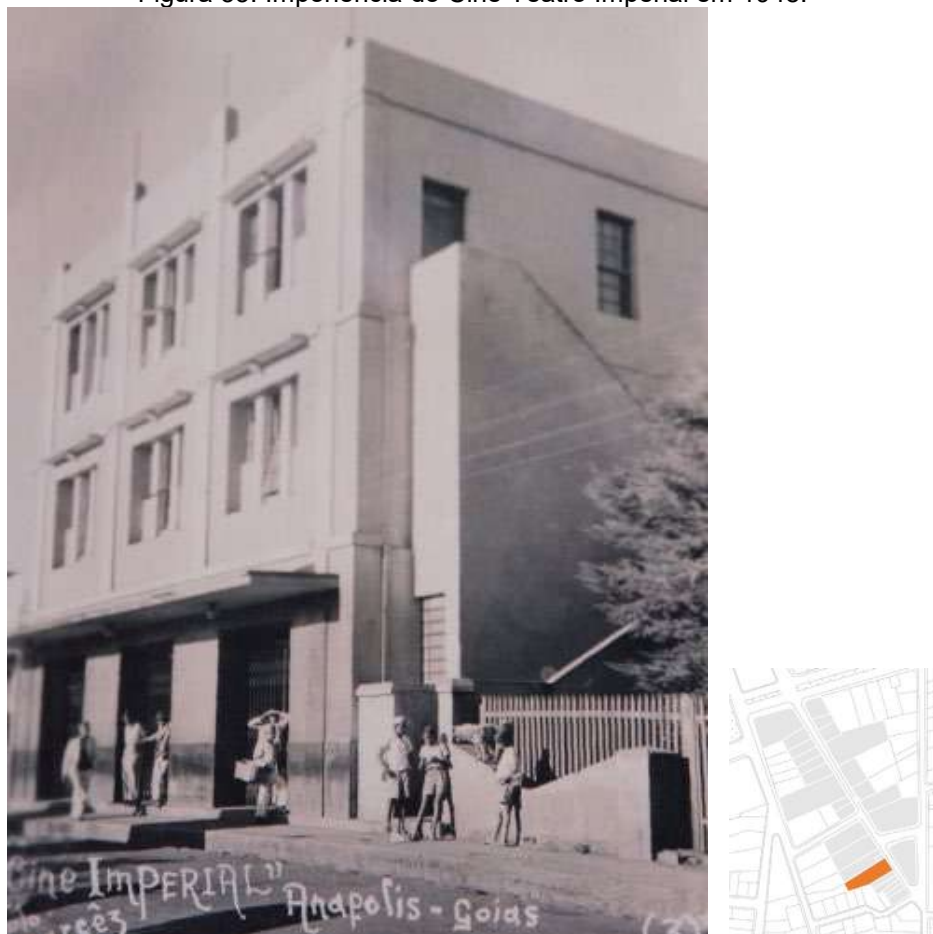


Fonte: Borges (2011, p.302).

É relevante mencionar como a década de 1930 foi importante para a cidade, pelas influências arquitetônicas advindas de Goiânia e também dos novos imigrantes que chegavam à Anápolis através da ferrovia e assim surgia novas tendências artísticas e construtivas. Era um prédio imponente para época em seu estilo *Art Déco* (Figura 33) e contava com muitos telespectadores em suas sessões. Hayde Ferreira, conta sobre suas memórias em relação ao cinema:

Havia diariamente as sessões noturnas, e as matinês, apenas aos domingos. Na quinta-feira era dia de Sessão das Moças, em que as mulheres pagavam apenas quinhentos réis pelo ingresso. No sábado – e depois parece-me que passou a ser na terça-feira – além do filme, havia os seriados, entre os quais Flash Gordon no Planeta Mongo, Flash Gordon no Planeta Marte, em que todas as mocinhas se apaixonaram pelo Buster Crab, O Aranha Negra e outros mais. Havia filmes que contavam com lotação certa, como os de Tarzã, os famosos filmes da Dorothy Lamou, tais como Princesa das Selvas, Idílio nas Selvas, Furacão, etc (FERREIRA, 2011, p.258).

Figura 33: Imponência do Cine Teatro Imperial em 1948.



Fonte: Acervo Iconográfico do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho, fotografia de Garcez.

Em 1942, fundado por Abelard Velasco, inaugura a Amplificadora Cultural de Anápolis, primeiro rádio da cidade, e que funcionava no segundo pavimento do Cine Teatro Imperial. Foi um marco e um dos programas mais famosos da época, segundo Haydee Ferreira, era o “Discoteca às suas ordens” correio amoroso dos namorados onde se oferecia músicas aos apaixonados; “Além dos programas musicais, Abellard promovia bailes e matinês dançantes no vasto salão onde era instalada a Amplificadora” (FERREIRA, 2011, p.263).

Em um recorte do Jornal O Anápolis em 1948 (Figura 34), é elucidado a relevância dos edifícios do hospital e do cinema para a cidade, destacando como uma “marcha para frente do nosso povo”. Esses prédios, além de revelar uma importante imponência na paisagem para época, eram marcos de desenvolvimento nesse período. A Rua Cel. Aquiles de Pina juntamente com o entorno da praça, sempre foram palcos desses monumentos de memória aos cidadãos anapolinos e migrantes.

Figura 34: Destaque do jornal O Anápolis em 1948 destacando os marcos da paisagem para a cidade.



Fonte: Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho.

É relevante abordar a trajetória dos Cines Teatros Brasileiros que tinham o objetivo de possuir uma “sala com um cinematógrafo dedicada para a finalidade única de exibição de filmes” (SILVA, 2019, p.15), e a rua era o palco dessas atrações. Silva (2019) menciona que a localização desses empreendimentos eram ruas que eram consideradas como triângulo, vias que funcionavam como suporte de diversidade comercial e de serviço para a cidade, essas eram consideradas “ruas-vitrines” (SOUZA, 2016, *apud*, SILVA, 2019, P.17), locais de fluxos intensos e que davam suporte para variadas necessidades.

O interessante é observar que realmente, a possibilidade de escolha para o local do Cine Teatro Imperial seria a Rua Cel. Aquiles de Pina, pela proximidade com as ruas que tinham essa diversidade de usos, a Rua Manoel D’ Abadia e a Rua Dr. Genserico²³. O cinema de rua era o auge do lazer em

²³ Nesta rua também existiu o Cine Santa Maria em 1959.

Anápolis até 1950²⁴, ali se podia enxergar “um mundo globalizado e perspectivas para além das barreiras de condição social, de gênero e cultural” (SILVA, 2019, p. 91). E na Rua Cel. Aquiles de Pina tem sua particularidade com a Praça James Fanstone, é possível apreender nas imagens e alguns relatos pessoais, que o ponto de encontro e saída para o cinema era a praça.

Uma problemática que se tem da perda de funções do espaço urbano é a privatização dos usos. Os cinemas agora se encontram em shopping centers, um local cujo objetivo principal é o incentivo ao consumo. O que antes era vivacidade, experiência urbana, contato com a paisagem e temporalidades, hoje se vive as vitrines, lojas e praça de alimentação que manipulam os desejos de consumo.

Figura 35: Cine Teatro Imperial na década 1960.



Fonte: Acervo Iconográfico do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho.

O cine Teatro Imperial muda de nome em 1971 e passa a ser o Cine Roxy e assim perdura até 2007 (Figura 36) quando fecha definitivamente. Nessa mesma data inicia-se o Restaurante do grupo Chão Goiano (figuras 37 e 38),

²⁴ Declínio do cinema devido aos televisores que começam a ser comuns nas residências mudando assim o comportamento da sociedade (SILVA, 2019).

que até então, possuem duas unidades na cidade, e permanece como restaurante até 2020. É perceptível quantas alterações o edifício sofreu com o passar do tempo. Sua fachada inicial foi totalmente modificada se tornando plana, sem os ritmos do estilo *art déco* da década de 1930, é um prédio aparentemente comum aos olhos dos transeuntes. Na figura 35, que mostra o edifício já alterado na década de 1960, verifica as alterações, e pode se deduzir que a arquitetura modernista, influenciada por Brasília na cidade de Anápolis, tenha crédito nessas transformações. No próximo capítulo essas mudanças serão apreendidas no cenário atual da Rua Cel. Aquiles de Pina.

Figura 36: Cine Roxy em 2007 na Rua Cel. Aquiles de Pina.



Fonte: Fotografia de Luis Fabio.

Figura 37: Restaurante Chão Cerrado em frente à Praça James Fanstone em 2011.



Fonte: Chão Cerrado Restaurante.

Figura 38: Parte interna do Restaurante Chão Cerrado em 2011.



Fonte: Chão Cerrado Restaurante.

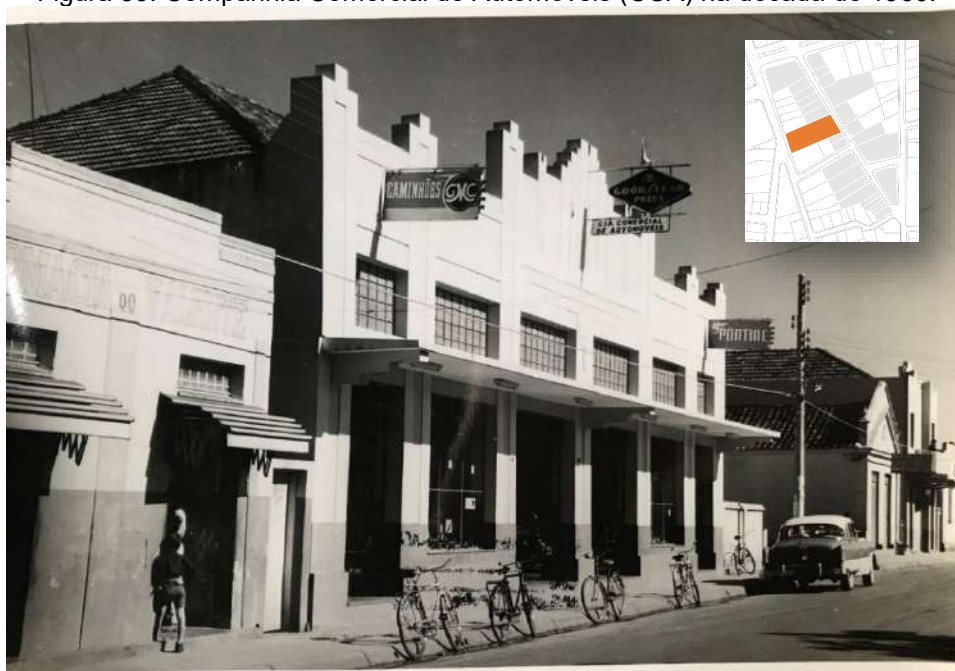
O que se vê nas imagens é claramente que as mudanças mais drásticas, como a perda total dos seus elementos *art déco*, a pintura foi algo que se

destacou. Internamente, já no restaurante, o ambiente era agradável fazendo suscitar elementos que remetiam o cerrado e a rusticidade que o grupo traz como identidade. O edifício estava em bom estado, mesmo com as alterações, e ainda era visível alguns elementos antigos como a diferenciação dos pés direitos que o cinema proporcionava. Porém, em nenhum momento era visível que ali já teria sido um cinema aos olhos dos desconhecidos.

Já em 1945, inaugura-se na Rua Getúlio Vargas, a Sociedade Comercial de Automóveis (SCA) (Figura 39). Um empreendimento cuja autoria é de José Abdala e revende marcas Opel, GMC, e Pontiac, e também móveis e eletrodomésticos (GONÇALVES, 2021). Dentre os sócios estavam “Antônio Luiz de Pina, Dr. José Elias Isaac, Aquiles de Pina, Edwirges Soares, Milton Propício de Pina, Joaquim Propício de Pina e Elizeu Jorge Campos” (GONÇALVES, 2021, p.136).

Localizada em imponente edifício com mais de mil metros quadrados de área construída, entre a Rua Getúlio Vargas e a Praça Gomes de Souza Ramos, no centro da cidade, a Sociedade Comercial de Automóveis Ltda possuía amplos salões para exposição de produtos, além de uma grande e moderna oficina. Ocupava-se da revenda de eletrodomésticos (rádios, geladeiras, etc.), além de automóveis e caminhões fabricados pela General Motors (GM) (FERNANDES, 2019, p.49).

Figura 39: Companhia Comercial de Automóveis (CCA) na década de 1960.

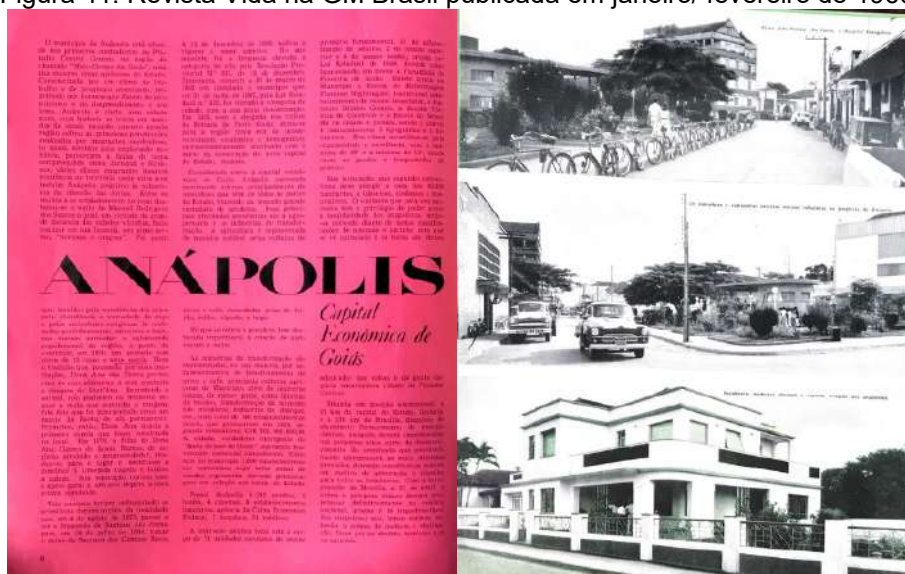


Fonte: Acervo Iconográfico do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho.

A partir de 1951, o nome altera para Companhia Comercial de Automóveis (CCA) e nesse momento começa a comercializar pequenos caminhões da GMC (caminhões da companhia General Motors), é nesse “momento em que, no Brasil, as rodovias começavam a suplantar as ferrovias” (FERNANDES, 2019, p.49). Em 1960, a General Motors do Brasil S/A lança uma revista de anúncio (figura 41) do Grande Concurso Chevrolet na Companhia Comercial de Automóveis com slogan GCC na CCA. Os festejos eram para a inauguração da nova sede CCA na cidade, e o mais interessante da propaganda é que a GM mostra a cidade de Anápolis e toda sua estrutura moderna para acolher mais de seus produtos.

A revista destaca Anápolis como capital econômica de Goiás, destacando sua estrutura urbana “moderna”. Ressaltam a inauguração de Brasília no dia 21 de abril e projetando um cenário próspero à cidade, “a ativa e próspera cidade deverá projetar-se definitivamente no cenário nacional, graças à fé inquebrantável dos anapolinos” (VIDA NA GM BRASIL, 1960, p. 8). A propaganda continua mostrando fotos de lugares e edifícios da cidade que faz jus a modernidade almejada e em uma página tem três fotos de lugares, todos na Rua Cel. Aquiles de Pina, com legendas evidenciando suas potencialidades para Anápolis, sendo a primeira, “Praça João Pessoa. Ao fundo, o Hospital Evangélico”, a segunda, “Os caminhões e camionetes exercem notável influência no progresso de Anápolis”, e a terceira, “Residências modernas atestam o espírito arrojado dos anapolinos.”

Figura 41: Revista Vida na GM Brasil publicada em janeiro/ fevereiro de 1960.



Fonte: Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho.

Figura 42: Rua Cel. Aquiles de Pina na década de 1960 com os caminhões da GMC.



Fonte: Acervo Iconográfico do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho.

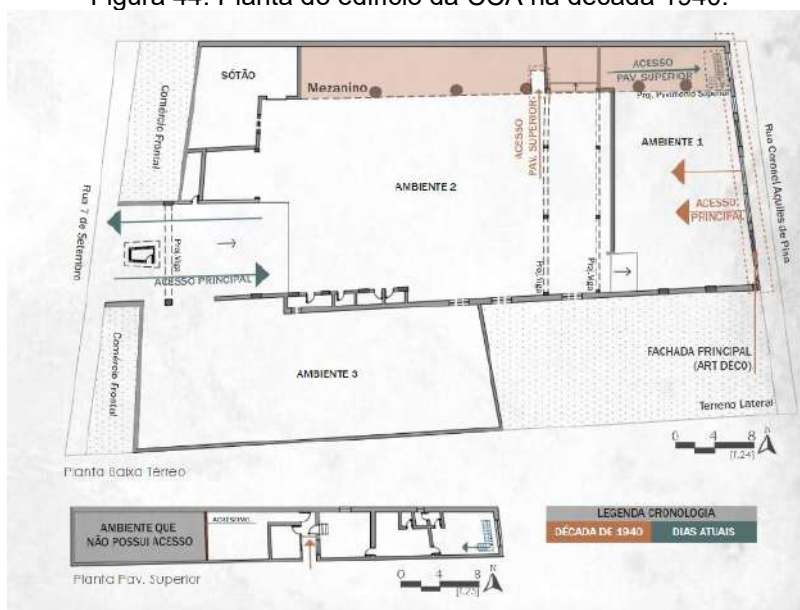
Não há relatos bibliográficos que confirmem até quando o edifício permanece como CCA. Porém, já nos anos 2000 o prédio se torna um estacionamento e que possui entrada por outra fachada na rua de trás (Figura 43). De acordo com o trabalho de conclusão de curso feito por Freitas (2019), a planta do edifício era livre e dispunha de um mezanino pequeno na lateral (figura 44). A fachada histórica permaneceu, com alguns danos visíveis de infiltração e outras deteriorações causadas pela falta de manutenção. Porém, persistiu bem preservada durante todos os anos em seu aspecto geral. Por se tratar de um uso comum nos centros das cidades, os estacionamentos tomam conta dos edifícios históricos pela lucratividade e fácil adaptação e em especial nesse caso, o lugar proporcionou amplo espaço para os carros.

Figura 43: O edifício e suas duas fachadas, a histórica na Rua Cel. Aquiles de Pina e a do estacionamento na Rua 7 de Setembro, em 2019.



Fonte: Freitas (2019, p.17).

Figura 44: Planta do edifício da CCA na década 1940.



Fonte: Freitas (2019, p.17).

Ademais, esses são apenas algumas das edificações relevantes desse conjunto urbano da Rua Cel. Aquiles de Pina. Tais bens apresentados são os mais expressivos na história no âmbito de reportagens e acervos, por seus usos comerciais e de serviços que ocasionaram mais fluxos e usuários. Com isso foi necessário apresenta-los, pois, seus relatos estão materializados nas memórias de muitos anapolinos. Adiante, serão apresentados personagens significativos

que moraram nesta rua e ainda edificações pouco abarcadas em jornais, porém, com consideráveis relevância para essa paisagem histórica. Nesse sentido será possível entender um pouco sobre as continuidades e discontinuidades de um espaço histórico marcado pelas transformações comuns dos centros das cidades.

2.3 Vultos e reminiscências da paisagem na Rua Cel. Aquiles de Pina

Cada indivíduo traz em sua essência particularidades, experiências relevantes para o meio coletivo e essas diferenças enriquecem as relações. As pessoas, cada uma com suas ambições singulares, migram²⁵ e como consequência deixam suas histórias e na maioria das vezes a exprimem significativamente aonde se instalam.

Em Anápolis, a partir da década de 1930, a paisagem muda significativamente, muito pelo espírito de modernidade que se instalava tanto com a ferrovia e mais ainda com a construção da nova capital do estado, Goiânia (1933). Mas foi também de suma relevância a intervenção dos migrantes, e é na arquitetura que podemos visualizar melhor essas “imagens constantes da passagem da história” (VARGAS, 2015, p.19).

Nesse tópico o objetivo é compreender alguns desses personagens históricos que fizeram esta rua, e também captar imagens que mostram as transformações na paisagem e edifícios. Alguns novos exemplares desta arquitetura vão se apresentados por se tornar relevante na paisagem atual, e possui poucos registros escritos, com isso, a fotografia ajudará a mapear essa análise histórica.

Alguns vultos são importantes para o entendimento histórico da rua, dentre eles já citados no texto, são o casal fanstone (Figura 45) e família. Vieram para a cidade em 1925 e teve papel relevante nesse local instituindo o HEG, a Escola de Enfermagem “Florence Nigthingale” e a influência decisiva na

²⁵ Compreende-se, dessa forma, que os processos migratórios são “fenômenos complexos cuja correta compreensão requer o aporte de diferentes áreas do conhecimento. Eles trazem em seu cerne amplos e complexos processos de desterritorialização e reterritorialização”. (NICOLI; GENOVEZ; SIQUEIRA, 2013, p. 372).

disseminação do protestantismo em Anápolis. Todo o seu espírito de coragem causa impactos positivos até hoje pelos seus feitos, tanto que a Praça em frente ao seu Hospital leva uma homenagem ao seu nome.

Figura 45: Dona Dayse Fanstone e James Fanstone.

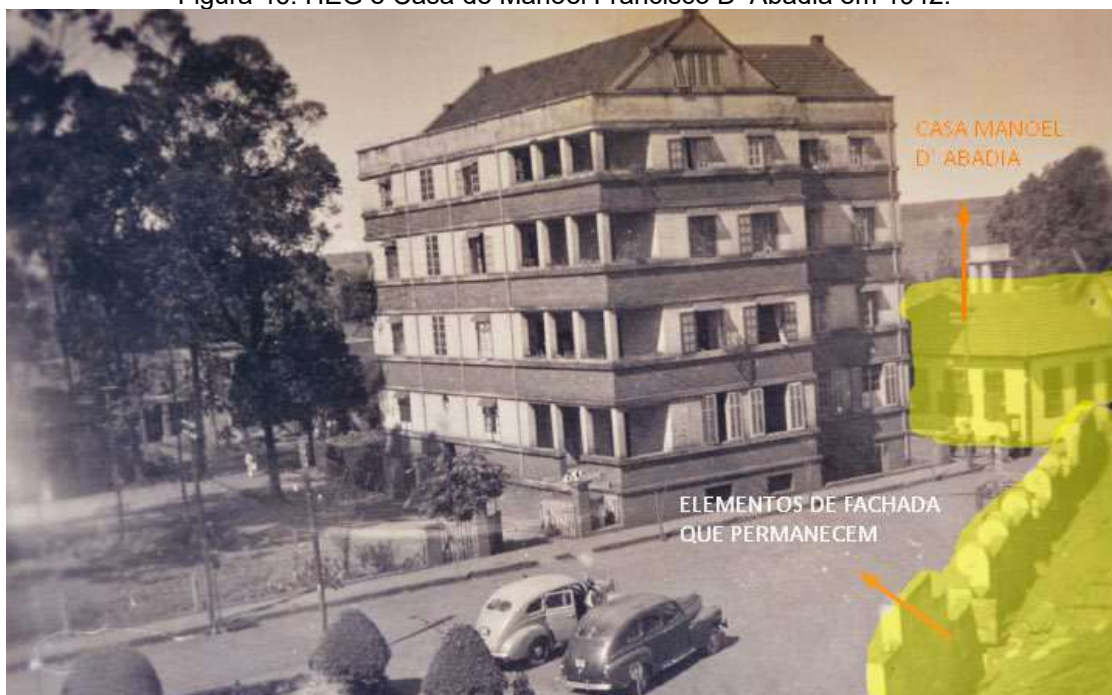


Fonte: Acervo Iconográfico do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho.

Anápolis sempre fora marcada por migrantes, principalmente no início de sua formação. Muitos desses vinham das cidades vizinhas em busca de novas oportunidades. Na Rua Cel. Aquiles de Pina foi mapeado três homens que moraram e foram prefeitos da cidade, logo suas residências valem ser mencionadas e alguns de seus feitos, todos não nasceram na cidade, mas se doaram e construíram muito do espírito anapolino.

Manoel Francisco D' Abadia (1861-1945), nascido em Paracatu-MG, era cafeicultor, delegado e eleito por duas vezes Intendente, sendo 1897-1899 e 1911-1915 (ARIMATHÉA, 2007; BORGES, 2011). Sua residência não se encontra sob a Rua Cel. Aquiles de Pina, porém, causa influência na paisagem imediata do entorno, pois se encontra na esquina ao lado do HEG (figura 46). Sobre esses edifícios residenciais que serão estudados não há relatos de construção, então foi utilizado fotografias para entender essas transformações.

Figura 46: HEG e Casa de Manoel Francisco D' Abadia em 1942.



Fonte: Gonçalves (2021, p.113), intervenções: Amaral, 2022.

Figura 47: Hospital Evangélico Goiano com a Casa de Manoel D' Abadia já em estilo eclético em 1949.



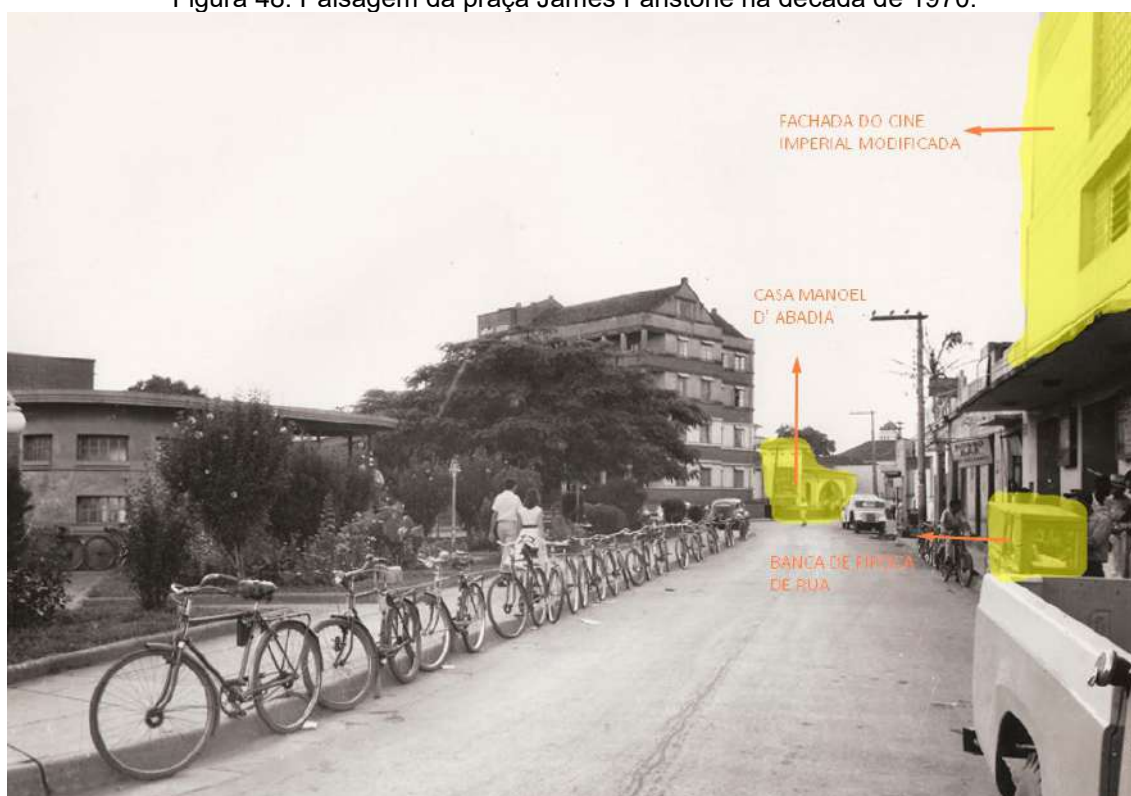
Fonte: Gonçalves (2021, p.202), intervenções: Amaral, 2022.

A casa de Manoel D' Abadia foi citada no livro de Haydee Jayme Ferreira, cuja menção cita que a casa pertenceu a Manoel e que seria agora de Dr. Bonfim D' Abadia, na época da publicação do livro em 1981. A residência, de caráter inicial tradicional, passa a ser de estilo eclético, como mostra a figura 47. É um

edifício marcante no entorno até os dias atuais que permanece com seu estilo eclético sem alterações. Importante avaliar sua construção muito devido à chegada da ferrovia (1935) e a possibilidade de novos materiais como o ferro.

Na figura 48, é possível apreender os ares da Rua Cel. Aquiles de Pina na década de 1970. O estacionamento de bicicletas, deduzia que esse transporte ainda era querido nessa época, talvez porque a cidade detinha pouco espraçamento e que sua dimensão era favorável para o pedestre. Apesar de que, o automóvel já estava com bastante força impulsionado pelas rodovias e vias de fluxos rápidos. Anápolis, geralmente absorvia tardiamente os modelos modernos que eles tanto almejavam. Na praça um casal, em frente o cinema, uma banca de pipoca, era ali na rua, que surgia inúmeras vivências e memórias, pós-cinema, ou após uma consulta no hospital, ou um passeio romântico na praça.

Figura 48: Paisagem da praça James Fanstone na década de 1970.



Fonte: Acervo Iconográfico do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho, intervenções: Amaral, 2022.

Outro personagem significativo para cidade foi Graciano Antônio da Silva, o Sanito, assumiu a Intendência Municipal em três mandatos, 1923-1927, 1945, 1946-1947. Em seu governo fez grandes melhorias para a cidade com a construção de sarjetas e calçadas, principalmente na Rua do Comércio, criação

do Cemitério São Miguel, o antigo era na atual Praça Americano do Brasil, instalação da luz elétrica, primeiro Jardim público sendo a atual Praça James Fanstone, e o primeiro Grupo Escolar Dr. Brasil Caiado (ARIMATHÉA, 2007).

Sua residência eclética (figura 49 e 50) ainda tem alguns traços na paisagem atual apenas pelos detalhes da fachada superior. O interessante é analisar que muito das melhorias que a Rua Cel. Aquiles de Pina sofreu foi no governo de Sanito²⁶, cuja moradia também era nesse local, sendo assim, os aperfeiçoamentos eram para seu próprio usufruto.

Figura 49: Entorno da Casa de Graciano Antônio da Silva em 1934.



Fonte: Acervo Iconográfico do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho, intervenções: Amaral, 2022.

²⁶ O primeiro jardim público (1926), a instalação de uma empresa de rede elétrica na mesma rua (1924) e construção de sarjetas e calçadas na rua em 1923.

Figura 50: Casa de Graciano Antônio da Silva na década de 1940.

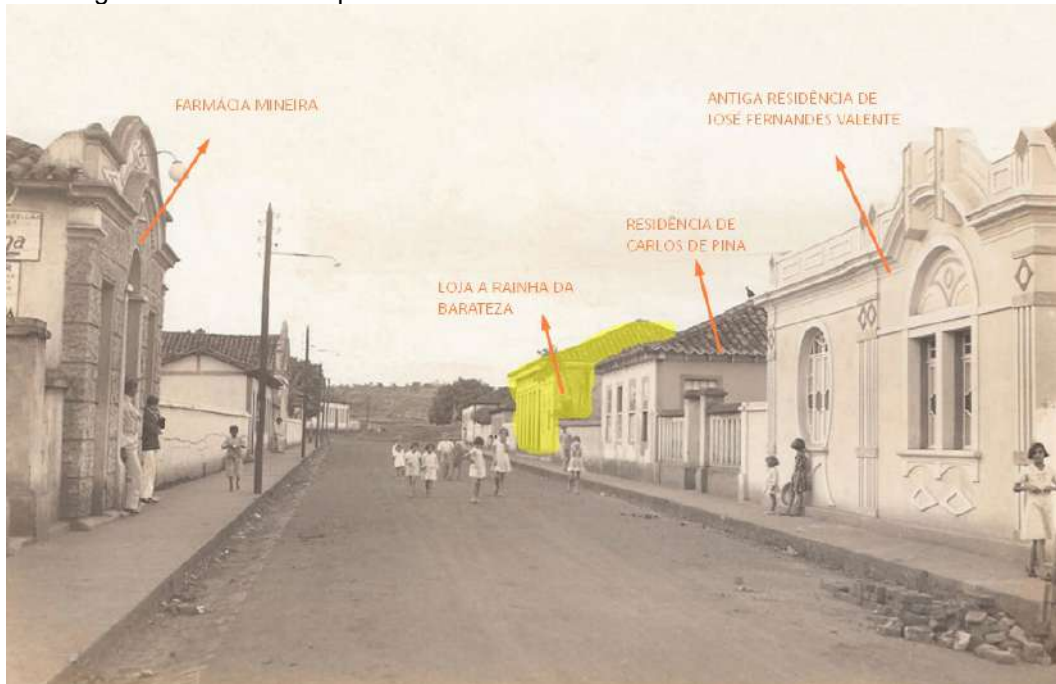


Fonte: Acervo Iconográfico do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho.

Outro personagem significativo à cidade que morou na Rua Cel. Aquiles de Pina foi José Fernandes Valente (1897-1974), que foi intendente de Anápolis de 1934 a 1940, obtendo o maior mandato. Segundo Arimathéa (2007), ele era farmacêutico e nasceu em Descalvado (SP), em seu governo criou o primeiro ginásio municipal, sendo hoje o Colégio São Francisco e também a fundação da colonização do Distrito de Cerrado por japoneses, hoje Nerópolis.

Sua profissão de farmacêutico fez com que criasse a famosa Farmácia Mineira na Rua Cel. Aquiles de Pina, e em frente ficava sua residência (figura 51). Sua farmácia era “referência em saúde na cidade por muitas décadas” (GONÇALVES, 2021). O edifício da farmácia não existe mais juntamente com a maioria das casas apresentadas na figura 51. Sua casa, de estilo eclético, passou por muitas transformações em 2013, onde foi alvo de um projeto que demoliu sua estrutura, permanecendo apenas sua fachada (figura 53 e 54).

Figura 51: Rua Cel. Aquiles de Pina e relevantes edifícios históricos em 1934.



Fonte: Acervo Iconográfico do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho, intervenções: Amaral, 2022.

Figura 52: Antiga residência de José Fernandes Valente em 2011.



Fonte: Acervo Iconográfico do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho, fotografia de Daniel Alves.

É relevante analisar como a intervenção sobre esse edifício causa estranheza nessa paisagem (figura 54). Aqui vale ressaltar o embate em torno do modo como se preserva tais bens de interesse histórico. É comum discussões

que permeiam esse debate, porém, conclusões prontas não são a solução já que cada bem está ligado ao seu conjunto, que possuem determinadas particularidades e merecem atenção antes mesmo de qualquer intervenção. Como diz Castriota (2009, p.89), se trata muito mais do que apenas tombar e limitar as alterações, é sobre saber “preservar o equilíbrio da paisagem”.

Figura 53: Antigo edifício sendo demolido permanecendo apenas a fachada em 2013.



Fonte: Fotografia de Claudiomir Gonçalves retirada do facebook Anápolis na Rede.

Figura 54: Antiga casa de José Fernandes Valente após a demolição, em 2021.



Fonte: Amaral, 2021.

Ademais, é de suma relevância mencionar a família Pina, cujo nome a própria rua faz homenagem. Os Pina vieram de Pirenópolis para a cidade em 1911 em busca de novos negócios e prosperidade, “a localização geográfica do município parecia, desde o princípio, ideal para o comércio e providencial para as transações comerciais” (FERNANDES, 2019, p.40).

O primeiro membro da família Pina a se transferir para Anápolis foi Aquiles de Pina, em 1911, seguido pelos irmãos Agostinho de Pina, Carlos de Pina, João da Conceição Pina, Joaquim Propicio de Pina (Pina Jr.), Eufêmia de Pina, Luiz Antônio de Pina, Luiz Abadia de Pina (Lulu) e Maria Abadia de Pina (casada com o agrônomo Luiz Caiado de Godoy). (FERNANDES, 2019, p.40)

A família é marcada por grande influência política e econômica na cidade. Aquiles de Pina (1894-1968), figura 55, foi deputado estadual no período legislativo de 1929-1930. No campo dos negócios foi o “maior comprador e vendedor de arroz do Estado, montou uma eficiente estrutura comercial para promover a distribuição para os mercados Rio de Janeiro e São Paulo (SILVA, 1997, p.67). Por seu reconhecido poder na cidade e também por defender o mandato de Washington Luiz ²⁷ contra os revoltosos de 1930, toma o título de Coronel (SILVA, 1997). A Companhia Faria e Colemann que inaugura a rede elétrica na cidade em 1924, amplia seus negócios obtendo como principal sócio Aquiles de Pina em 1931, melhorando a capacidade produtiva da empresa (FERNANDES, 2019).

Figura 55: Cel. Aquiles de Pina.



Fonte: Acervo Iconográfico do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho.

²⁷ Último presidente do Brasil (1926-1930), antes do Golpe de estado de Getúlio Vargas em 1930.

Outro membro importante desta família era Carlos de Pina (1902-1966), fundou a primeira Companhia Goiana de armazéns Gerais, também participa da criação do “primeiro sindicato patronal da região, a Associação Industrial e Comercial de Anápolis (ACIA), que vai dirigir desde sua criação, em 1936, até 1943” (FERNANDES, 2019, p.74). Além disso, foi prefeito da cidade em dois mandatos, 1947-1951 e 1955-1959, fazendo grande progresso em seus governos, como a construção do Mercado Municipal, atual patrimônio cultural edificado de Anápolis. Residiu nesta rua, segundo relatos encontrados no museu histórico (figura 54), e atualmente não existe mais esse exemplar de casa tradicional.

Por fim, o Antônio Luís de Pina, chamado comumente de Tônico de Pina, já mencionado por fundar A Rainha da Barateza em 1911, é um marco também nesta rua. Participou da criação do primeiro banco goiano em Anápolis, o Banco GOIAZBANC²⁸, sendo ele presidente, Aquiles de Pina conselheiro e Carlos de Pina suplente (SILVA, 1997). Neste trabalho sua figura está intimamente remetida com sua residência que ficava na Rua Cel. Aquiles de Pina em frente à Praça. Tinha inicialmente estilo tradicional, segundo relatos fotográficos (figura 59 e 60).

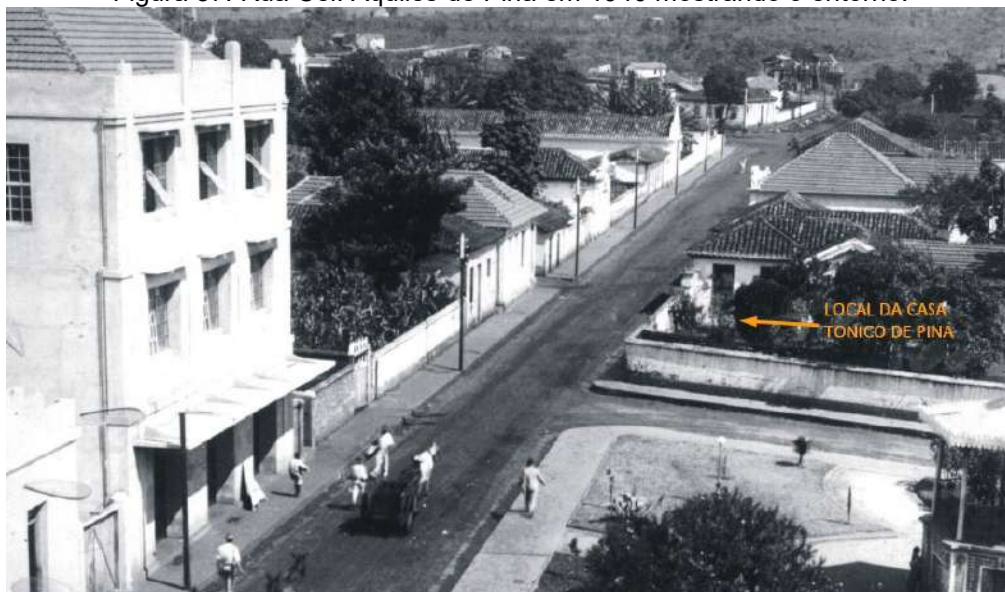
Figura 56: Fotografia de 1928 que mostra a esquina onde ficava a Casa de Tônico de Pina.



Fonte: Fotografia de Claudiomir Gonçalves retirada do facebook Anápolis na Rede, intervenções: Amaral, 2022.

²⁸ Mencionado no capítulo 1 com sede na Rua Manoel D' Abadia.

Figura 57: Rua Cel. Aquiles de Pina em 1940 mostrando o entorno.

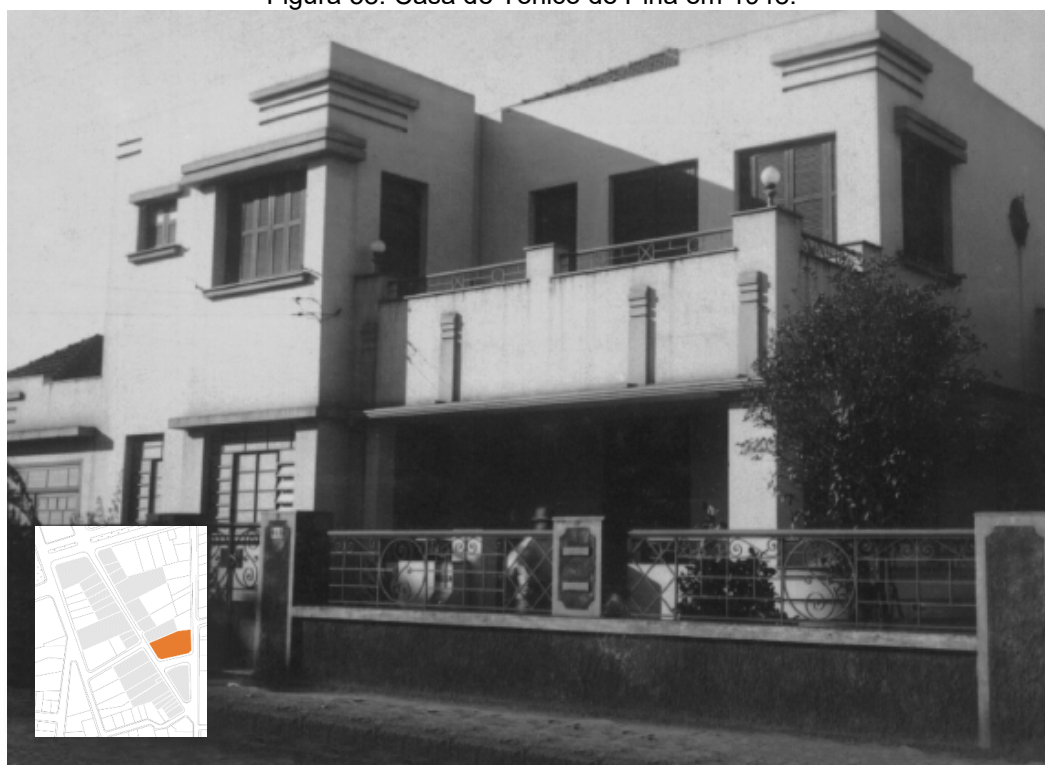


Fonte: Gonçalves (2021, p.103), intervenções: Amaral, 2022.

A residência muda completamente de forma, sem relatos de quando ocorre essa alteração, se tornando uma casa de pavimentos em estilo *Art Déco* (figura 58). E ainda posteriormente sofre algumas modificações, como representa a figura 59, mas também sem datas específicas. O que se percebe é a retirada de alguns elementos que compunha a fachada deixando-a mais limpa, a sacada fica com formato arredondado, todas mudanças de materiais e estilos com tendências modernistas²⁹, advindas da construção de Brasília. O muro, com detalhes em ferro, permanece, sofrendo apenas alterações nas suas colunas, retirando texturas.

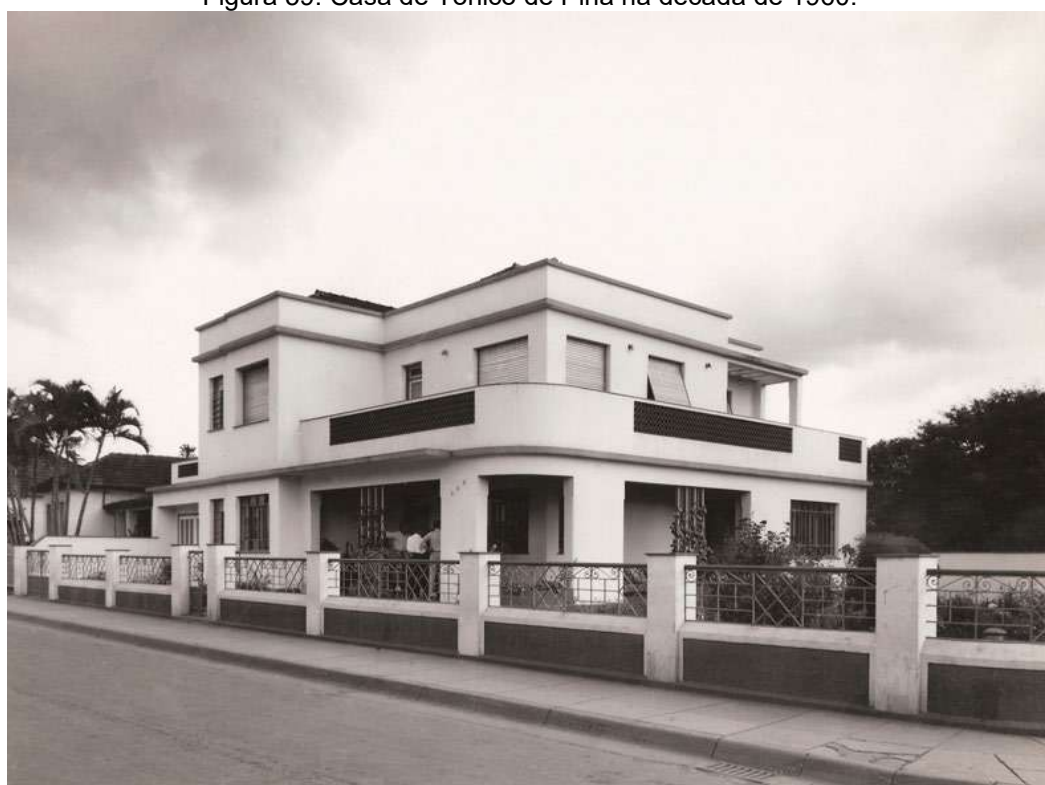
²⁹ Tinha como característica uma arquitetura racionalista e funcionalista, com formas e projetos geométricos simples e contra qualquer tipo de ornamentação.

Figura 58: Casa de Tónico de Pina em 1948.



Fonte: Gonçalves (2021, p.169).

Figura 59: Casa de Tónico de Pina na década de 1960.



Fonte: Acervo Iconográfico do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho.

O edifício sofreu muitas alterações durante o tempo e já havia sido utilizado nos anos 2000 como consultórios médicos, na figura 60 percebe as alterações de pintura. Já em 2018 o local estava sem uso (figura 61) e foi escolhido para dar abrigo a 2ª edição da Mostra Kzulo de Arquitetura, Design de Interiores e Paisagismo na cidade. Segundo a reportagem do G1 em 2018, a temática da amostra era “A linha do tempo – O passado, presente e futuro de Anápolis” contando a história de Anápolis com 29 ambientes assinados por 63 arquitetos. Na matéria a organizadora do evento, Gioconda Farias diz:

A casa ia ser demolida e nós intervimos com uma proposta de revitalização para acontecer a mostra e, assim, devolver à incorporadora que irá construir um prédio, fazendo com que a casa fique dentro do empreendimento, como temos em São Paulo e Nova York. (G1, 2018)

Figura 60: Antiga Casa de Tonico de Pina abrigando uso de consultórios médicos em 2011.



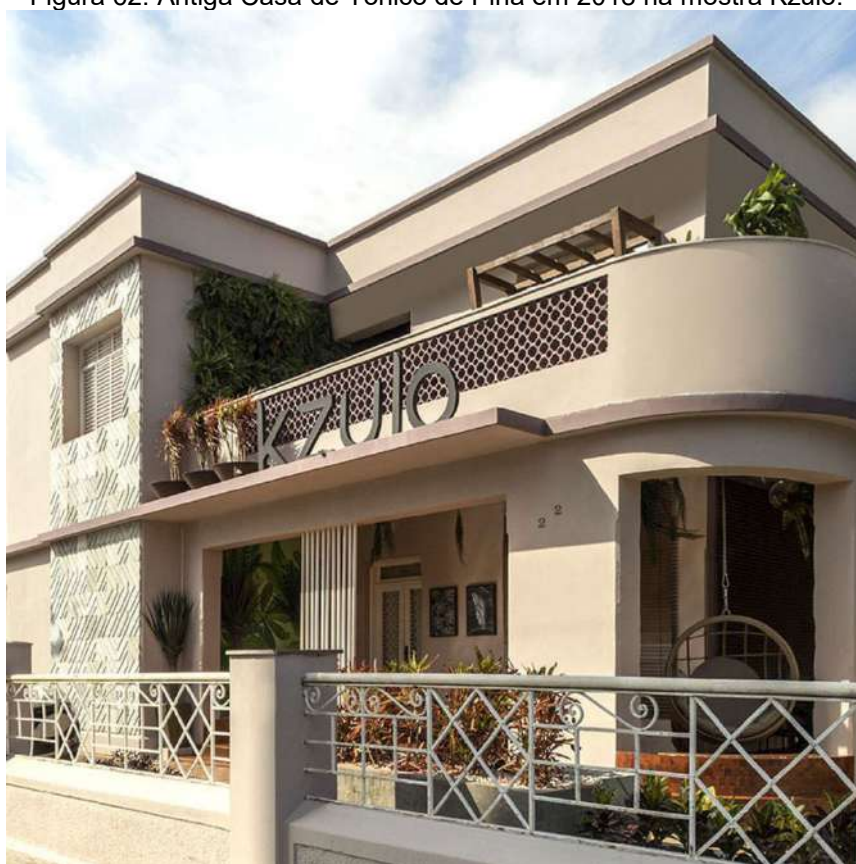
Fonte: Google Maps street view.

Figura 61: Antiga Casa de Tonico de Pina em 2018 sem uso.



Fonte: Fotografia de Vitor Mendes.

Figura 62: Antiga Casa de Tonico de Pina em 2018 na mostra Kzulo.

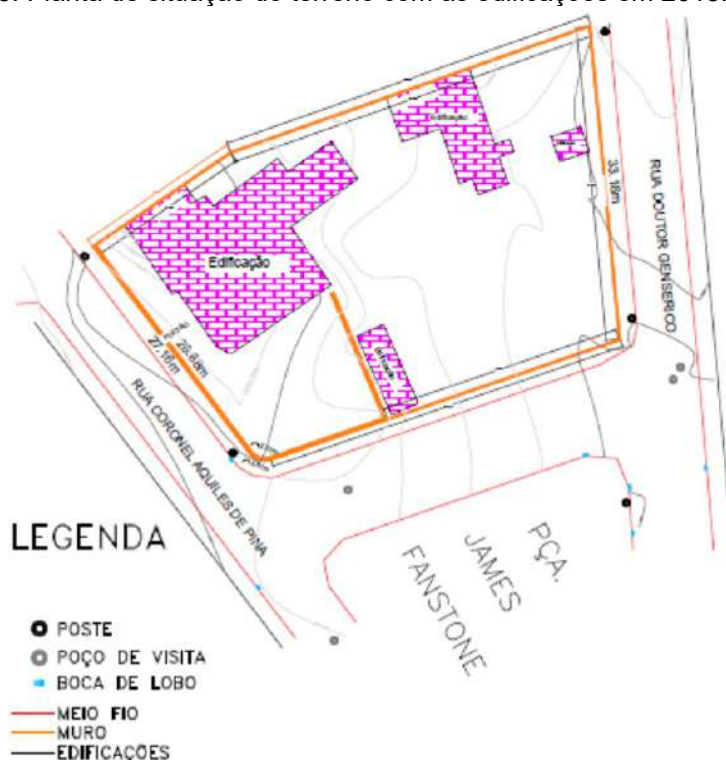


Fonte: Acervo fotográfico da mostra Kzulo.

De acordo com o laudo técnico de reforma realizado pela ARP Engenharia e Avaliações Ltda concedido a essa pesquisa pelo escritório UNO Arquitetura e Engenharia. A edificação possuía uma área construída de 497,47 m² com área total de 1.529,00 m² de terreno e um amplo jardim na fachada principal e árvores de grande porte ao fundo. Tinha como elementos construtivos alvenaria de tijolo maciço e esquadrias de ferro com vedação em vidro e revestimentos variados sendo eles, piso cerâmico em cor branca, vermelho, verde e pisos em tacos de madeira e o teto era em lajota.

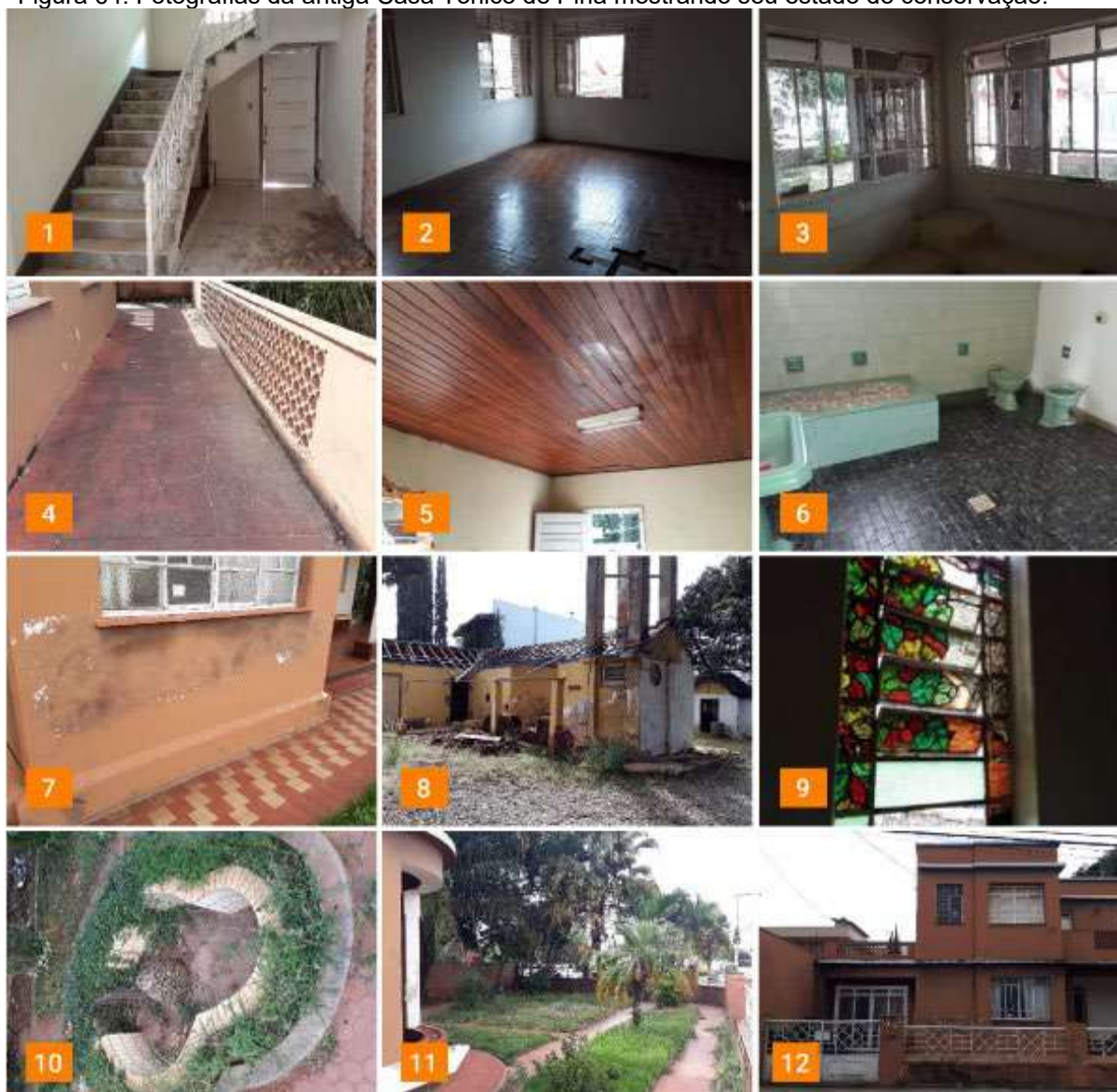
Na vistoria, o resultado final do laudo é que o edifício em seu conjunto (figura 63), estava em estado de abandono e com patologias pela falta de manutenção. No relatório classifica a edificação sendo construída por volta de 1937 e que mesmo em meio ao tempo não apresentava riscos ou anomalias construtivas graves. No relatório fotográfico (figura 64) percebe que na parte externa existia um jardim com uma fonte e ainda um edifício anexo. Além do mais, nas imagens é perceptível o estado de descuido que o imóvel estava.

Figura 63: Planta de situação do terreno com as edificações em 2018.



Fonte: Relatório técnico para mostra Kzulo feito por Rogério G. Soares.

Figura 64: Fotografias da antiga Casa Tonico de Pina mostrando seu estado de conservação.



LEGENDA:

1- Escada com revestimento em mármore
 2- Ambiente com tacos de madeira danificados
 3- Hall de entrada e suas esquadrias

4- Sacada do pavimento superior detalhe para os cobogós
 5- Forro em tipo paulista
 6- Banheiro com louças sanitárias verdes
 7- Parede externa da edificação

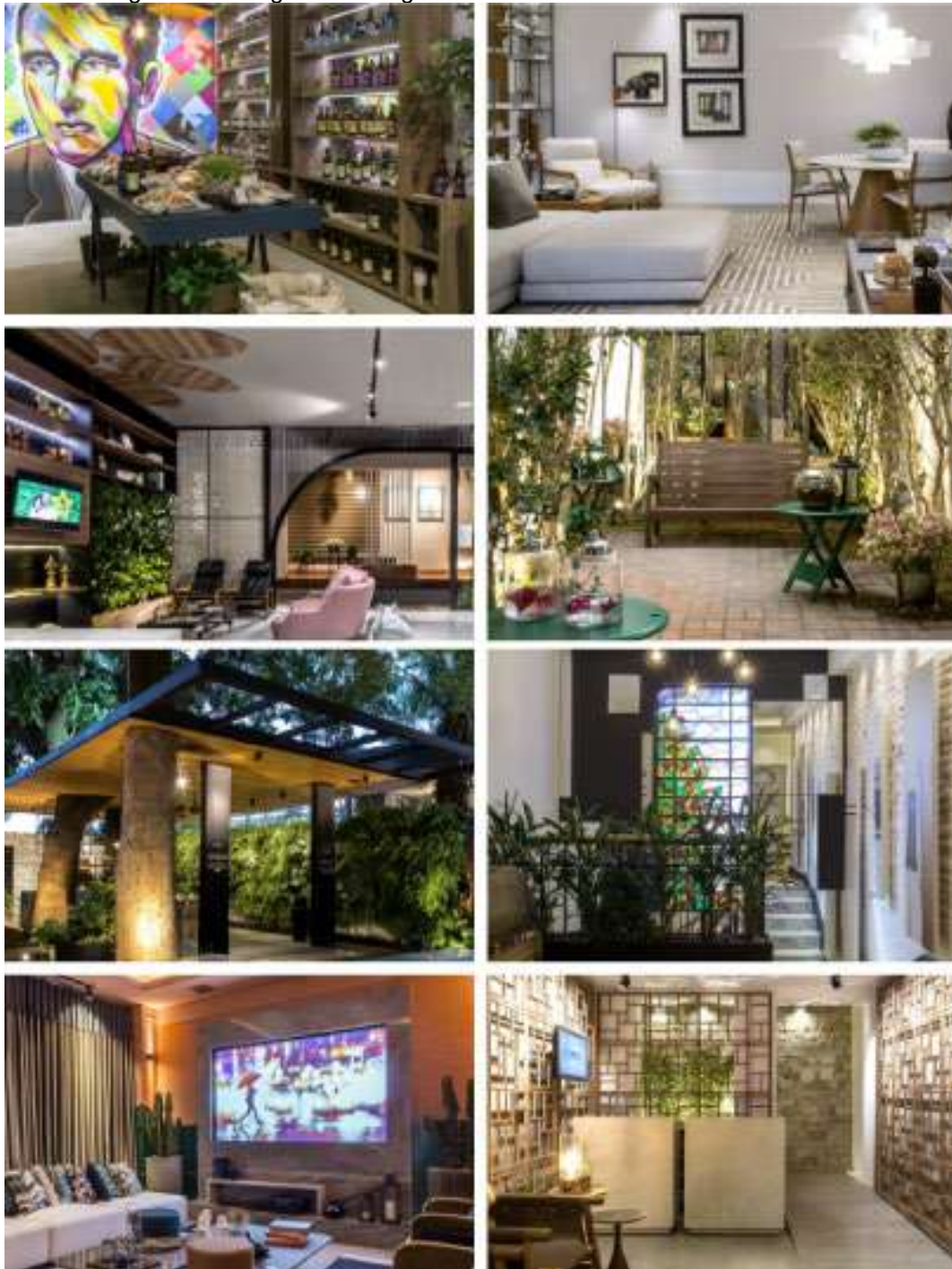
8- Edificação do jardim
 9- Vitral da escada
 10- Fonte desativada do jardim
 11- Jardim lateral do edifício
 12- Fachada lateral

Fonte: Relatório técnico para mostra Kzulo.

O resultado final da mostra foi ambientes que compunham o melhor que havia de tendência construtiva na cidade para época. De acordo com o site da mostra, tiveram cerca de 3000 visitantes. Em uma análise sobre as fotografias dos ambientes (figura 65) apreende que pouco se reconhecia da casa antiga, alguns revestimentos permaneceram e outros, aparentemente, foram substituídos ou ofuscados por materiais mais “modernos” já que faz parte dos anseios do mercado imobiliário. Na fachada (figura 66), a pintura e o portão

principal foram alterados e também foi acrescentado alguns revestimentos. Foi feito um anexo que pouco comunicava com a ambiência da residência. No geral, a temática, ao que tudo indica, ficou muito mais no futuro que no passado.

Figura 65: Fotografias de alguns ambientes da mostra Kzulo em 2018.



Fonte: Acervo fotográfico da mostra Kzulo.

Figura 66: Fotografias da fachada pós a mostra em 2019.



Fonte: Google maps street view.

Dessa forma, após o término da mostra ainda em 2018, o edifício permaneceu sem uso levando a trágica demolição em 2020 (figura 67). É possível considerar certas hipóteses em que a edificação já estava fadada ao fim, como já indicava a organizadora da mostra na entrevista ao G1. Mesmo com a tentativa de reviver esse patrimônio trazendo novas tendências e conhecimento da história, não foi suficiente para preservá-lo. Aqui se volta para o principal motivo da destruição, a falta de pertencimento dos proprietários e dos anapolinos. A memória já havia se perdido antes mesmo da demolição, mais uma vez, nesta rua, as inovações, o anseio pela prosperidade, o mercado imobiliário venceu.

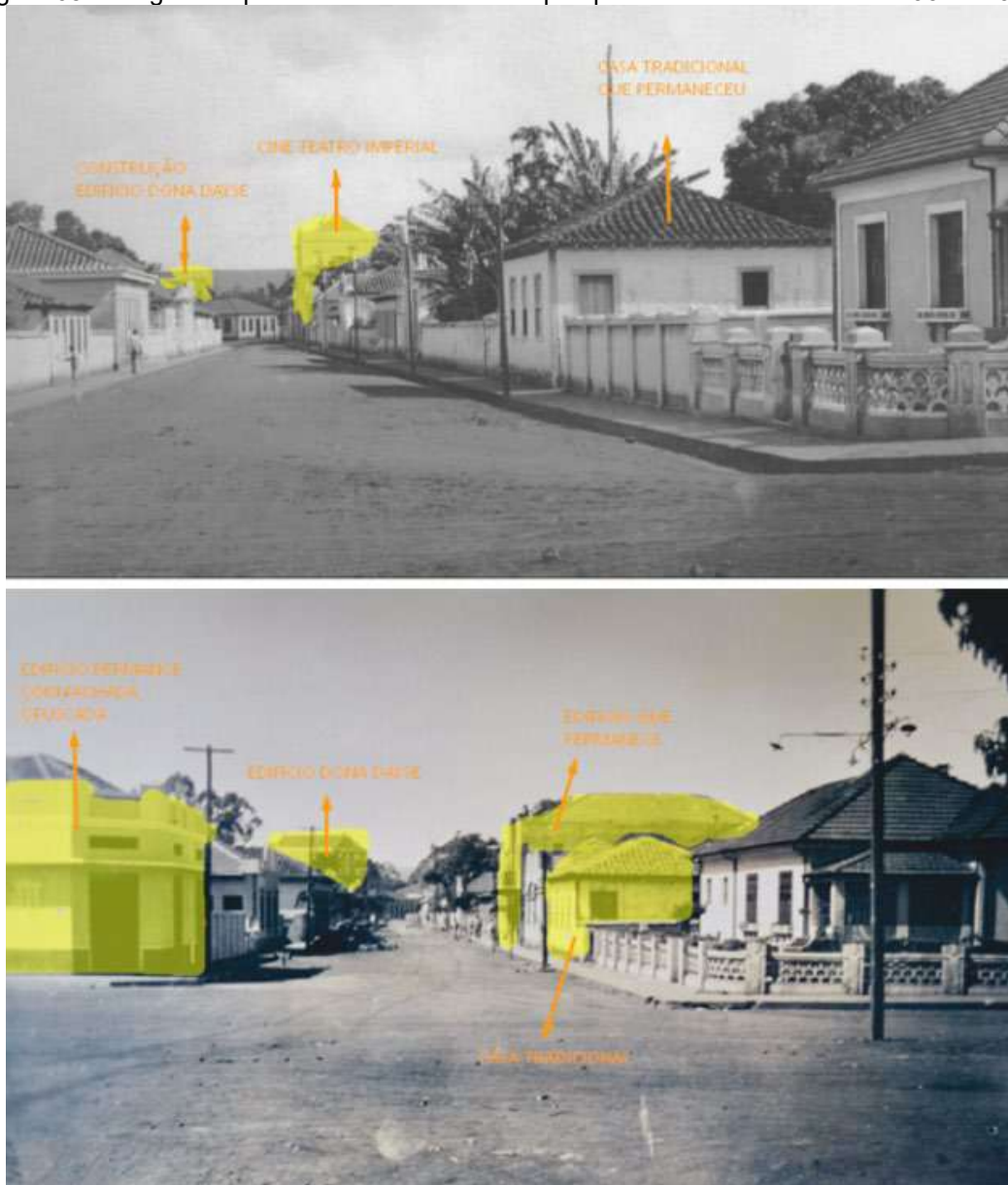
Figura 67: Antiga casa de Tônico de Pina demolida em 2020.



Fonte: Amaral, 2020.

Ademais, transformações e perdas são comuns em ambientes urbanos aptos ao desenvolvimento. É interessante analisar como a paisagem da Rua Cel. Aquiles de Pina é envolta de personagens importantes e marcos edificados significativos para apreensão da história Anapolina. Em mais fotografias percebe a permanência e mudança desse lugar que mesmo com tantas alterações, atualmente, ainda carrega uma história física muito marcante. No fim da rua existe um exemplar único de caráter tradicional que é um vulto nesse local até os dias atuais onde se vê na figura 68 à direita, e na figura 69 mostra sua persistência.

Figura 68: Fotografias que mostram uma mesma perspectiva do final da rua em 1937 e 1942.



Fonte: Gonçalves, 2021, p.92 e 113, intervenções: Amaral, 2022.

Figura 69: Casa em estilo tradicional, a mais antiga da rua em 2011.

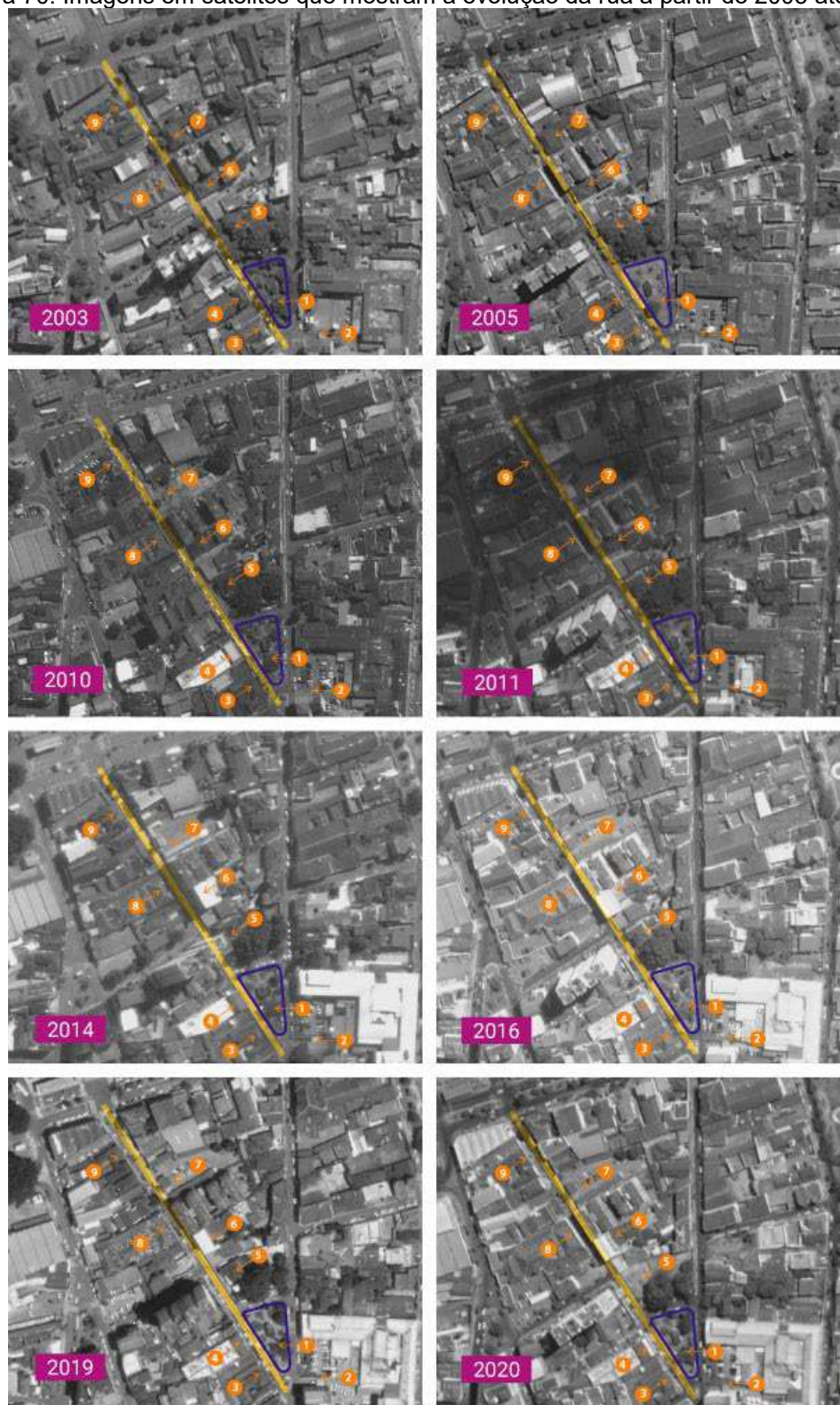


Fonte: Acervo Iconográfico do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho, fotografia de Daniel Alves.

E ainda, ao analisar alguns mapas retirados do histórico do Google Earth a partir de 2003 (figura 70), nota-se que esse espaço da rua Cel. Aquiles de Pina sofre alterações de vegetação, onde cada vez mais foi perdendo suas árvores e três demolições significativas, no período de 2003 à 2020, dos edifícios da antiga Loja A Rainha da Barateza se tornando um estacionamento, a casa de José Fernandes Valente, se tornando um prédio de três pavimentos e por fim, a casa de Tônico de Pina ainda sem construção definida.

O que se percebe até aqui é que a rua já possuiu muitas tipologias e personagens importantes para cada época. É relevante mencionar que as mudanças na paisagem aconteceram paulatinamente, conforme o poder aquisitivo dos proprietários e também com as tendências de cada período. Não foi encontrado muitas fotografias entre a década de 1970 e 1990, por isso a análise de algumas construções ficaram incertas. Provavelmente muita da característica tradicional desse lugar começou a transfigurar a partir da década de 1960, onde os discursos de exploração econômica capitalista chegam mais fortemente no território do Cerrado Goiano, se fazendo mais presente o desenvolvimento e o anseio de prosperidade e modernidade (VICENTINI, 2016).

Figura 70: Imagens em satélites que mostram a evolução da rua a partir de 2003 até 2020.



Legenda:

- Trecho da Rua Cel. Aquiles de Pina
- Trecho da Praça James Fanstone

- 1 Praça James Fanstone
- 2 Hospital Evangelico Goiano
- 3 Antiga Casa de Graciano
- 4 Antigo Cine Teatro Imperial
- 5 Antiga Casa de Tonico de Pina
- 6 Antiga Casa José Valente
- 7 Antiga A Rainha da Barateza
- 8 Antiga CCA
- 9 Casa com estilo tradicional

Fonte: Google Earth, intervenções: Amaral, 2022.

Sendo assim, com base nas análises fotográficas e teóricas desse lugar de memória, constituindo uma ambiência significativa como um conjunto histórico urbano da cidade de Anápolis, surgem anseios de compreender como se dá esse local atualmente. Percebe a relevância histórica da rua através dos fatos expostos, porém, a apreensão dos anapolinos sobre seus patrimônios e edifícios históricos, acontece de forma insciente. Prova disso são as inúmeras transformações drásticas que essa paisagem já foi acometida. No próximo capítulo a imagem atual será revelada, trazendo a forma que esse lugar se encontra e algumas perspectivas futuras.

CAPÍTULO 3

-

3. PARA ONDE SEGUIR? REMINISCÊNCIAS, TRANSFORMAÇÕES E PERCEPÇÕES DA PAISAGEM ATUAL

3.1 Análise da paisagem: entre a forma e o conteúdo

A paisagem é elemento fundamental para a compreensão do espaço urbano. É de suma importância discutir a imagem das cidades como forma de compreender seu desenvolvimento e apropriação dos indivíduos, e ainda, preservá-las para as gerações futuras. O aspecto histórico sempre fora um tema de constante debate sobre os planejadores do espaço urbano. É importante resgatar esses elementos por meio de pesquisas e materiais que preservem a memória coletiva das cidades.

Observa-se que as cidades são distintas entre si por inúmeros motivos e consequências. Cada uma tem como característica sua forma urbana espacial, que muitas vezes é única, porém, por processos ideológicos que acometem não só os espaços, mas as próprias pessoas, vem se tornando semelhantes em alguns pontos, principalmente pelos problemas.

Compreender as cidades pelos seus processos, histórias, culturas, enfim, entendê-las em sua totalidade de complexidades é um estudo que abrange interdisciplinaridade. Segundo Whitacker e Miyazak (2012, p.310) a morfologia, a partir da perspectiva da geografia, torna-se um procedimento importante para o estudo das cidades, deixando claro que a “morfologia é um estudo da forma urbana, não a forma em si”. Nesse sentido, a análise não pode se limitar apenas ao tecido, mas ir além dos processos que aprofundam o entendimento dos espaços urbanos.

Lamas (2004), no âmbito do estudo de arquitetura e urbanismo, ressalta que a formulação de um desenho urbano de qualidade, passa pelo conhecimento do processo de formação da cidade e a pesquisa sobre a forma urbana como

entendimento da formação dos espaços. Ler a cidade, é saber interpretar como se dá esse espaço na história.

As formas não têm apenas a ver com concepções estéticas, ideológicas, culturais ou arquitetônicas, mas encontram-se indissociavelmente ligadas a comportamentos, à apropriação e utilização do espaço, e à vida e comunitária dos cidadãos (LAMAS, 2004, p. 28).

Segundo Santos (2006, p. 66) a paisagem “é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza”. Ao olhar as formas, o desenho da cidade, sua conformação e adaptação ao meio urbano, é visível ver em suas paisagens, marcos, elementos históricos, traços econômicos importantes para o desenvolvimento, mudanças que ficam marcadas no meio urbano. Sendo assim, “a partir do reconhecimento dos objetos na paisagem, e no espaço, somos alertados para as relações que existem entre os lugares” (SANTOS, 2006, p. 45). Essas relações são consequências dos processos que fazem com que as cidades sejam quem elas são em suas particularidades e semelhanças.

Ao se tratar do aspecto histórico na paisagem, Santos (2006) elenca o termo rugosidade para definir as reminiscências que permanecem. Define como, aquilo “que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares” (SANTOS, 2006, p.92). Ou seja, aquilo que se vê de elementos históricos podem traduzir um passado e suas relações sociais. Desse modo, é imprescindível, para a leitura da paisagem urbana, um olhar atento sobre os variados aspectos que fazem cada lugar analisado, pois, “se apreender a forma apenas a partir da forma em si não é suficiente, temos que reunir esforços no sentido de assimilar os conteúdos das formas” (MIYAZAKI, 2013, p.25).

É importante mencionar o significativo papel da análise visual das paisagens como uma forma de entendimento urbano. Cullen (2006), trata em seus escritos sobre Paisagem Urbana, do ato de ver as paisagens e capturar com exatidão elementos que fazem as cidades. A exemplo ele cita uma análise tendo por base três aspectos, a visão serial, sendo as imagens e impressões

percebidas de um trajeto ou elemento estudado; visão local, se trata de apreender as reações sobre o objeto em determinado local de visão; e por fim, a visão conteúdo, a constituição da cidade, elementos físicos que a definem.

Lynch (2018), agrega conhecimento também em sua forma de análise, retratando a importância da legibilidade das paisagens como uma forma de conhecer a imagem da cidade, nesse diagnóstico o autor releva alguns pontos de estudo formal: vias, limites, bairros, pontos nodais e marcos. E ainda, como uma atualização, Panerai (2006), em seu livro *Análise Urbana* vem trazer uma nova forma de percepção sobre as cidades contemporâneas marcadas pela velocidade, espraiamento, espaço e temporalidade. Sendo assim, o autor caracteriza como, percursos, pontos nodais ou núcleos, setor, limites, marcos.

Porém, perceber os espaços urbanos vai além de mapeá-los ou categorizá-los, é principalmente conseguir senti-los. Yi-Fu Tuan (1983), fala sobre a experiência, a maneira como a pessoa conhece e constrói a realidade, na perspectiva experimental sobre a análise dos fatos, emoções, pensamentos, sensações, posições e momento histórico, que o observador tem sobre o objeto, muda totalmente a percepção. Com isso, cada paisagem trará diferentes interpretações e vivências.

Jacobs (2011), retrata bem em seu livro, essa experiência e vivacidade dos espaços públicos, a autora faz um estudo sobre a consequência do urbanismo moderno, espraiado e segregado, para as cidades. Em um momento ela menciona, tendo como ponto de vista sua própria experiência em seu bairro, como os espaços vivem e morrem dependo da forma como são percebidos e planejados. É aí que se faz presente a importância de se ter experiências, memórias, conexões ao se estudar um objeto urbano.

Em síntese, por meio do exposto sobre o relato da formação da Rua Cel. Aquiles de Pina na história da cidade, se vê agora necessário adentrar ao objeto de análise, perceber essa paisagem atual se faz interessante em meio a uma ambiência histórica tão particular na cidade. Ademais, no primeiro momento, a perspectiva adotada nessa pesquisa foi da percepção pessoal sobre o objeto, tomando como base os teóricos já mencionados nesta dissertação, com a intenção de explorar e expor essa paisagem através de fotografias. E posteriormente, a apreensão de um olhar dos sujeitos que veem essa rua através das redes sociais. Vale mencionar que as fotos presentes nessa análise foram

capturadas no período da pesquisa, com intuito de absorver melhor as transformações deste local.

O ato de caminhar pela cidade, suas ruas e bairros, é uma ação importante para a conexão dos usuários com os espaços. Infelizmente, o que se vê é a falta de atratividade e segurança para os pedestres em meio a tantos fluxos rápidos de automóveis, além de que a vida parece exigir menos atenção e mais rapidez do ser humano, ocasionando pessoas que não sabem viver e aproveitar o que a cidade propõe. Gehl (2015) em seu livro “Cidade para pessoas” trata bem sobre a importância de se resgatar a dimensão urbana nas cidades. Com isso, caminhar e perceber, nesse capítulo, foi essencial para a avaliação do objeto.

Os fluxos, que sempre estiveram envoltos ao termo rua, são significativos para a apreensão da paisagem urbana. Aqui, o ato de caminhar foi escolhido para a melhor percepção da Rua Cel. Aquiles de Pina, que se encontra favorável ao pedestre com sua via de mão única e estreita. Além disso, apreender esse espaço requer atenção aos mínimos detalhes, já que se trata de um pequeno trecho, porém com inúmeras especificidades que permaneceram no tempo.

3.2 A rua e seu entorno: percepções e entendimento da paisagem atual

Os espaços urbanos, como dito, são mais que simples elementos físicos e formais, elencam histórias e variados processos sociais. Na Rua Cel. Aquiles de Pina é visível toda a diversidade cultural histórica que atualmente traz uma certa vivacidade para esse local. As transformações ao longo do tempo fizeram parte da identidade urbana da cidade, porém, nessa rua o passado, de certa maneira, permaneceu por alguns momentos. Ali, atualmente, os fluxos que formaram seu passado, ainda permanecem através dos comércios locais, da

lanchonete do Coreto modificado, da praça James Fanstone, dos usuários diários do ainda marcante Hospital Evangélico Goiano.

A rua é formada de uma via única para carros com um lado para estacionamento, traz certa segurança ao pedestre que perambula entre suas calçadas estreitas. No entorno já se percebe as transformações do tempo, com as demolições e renovações em fachadas. As ruas de seu entorno imediato são a Dr. Genserico com a Rua Manoel D' Abadia e a Av. Xavier de Almeida (figura 1). É essa ambiência que captura o olhar dos transeuntes mais atentos à paisagem histórica.

Nesse momento, a proposta se baseia sobre a percepção urbana da Rua Cel. Aquiles de Pina através da pesquisa de campo para o estudo local e de percepção da paisagem. O modo de análise se deu pela captura de imagens entre 2021 a 2023, período que se fez essa pesquisa, para a compreensão total do objeto, e a formulação de mapas para o entendimento da forma com a imagem. Nesse processo o ato de caminhar, sob diferentes ângulos foi importante.

Obtendo como suporte metodológico os clássicos da percepção urbana Lynch (2018) e Cullen (2006) e a atualização de Panerai (2006), porém, utilizando o método empírico de percepção pessoal da rua. Sabe-se que nem sempre é fácil, numa leitura empírica do lugar, analisar as dinâmicas que incluem as composições territoriais e das paisagens observadas, pois elas se projetam em espaços e temporalidades com movimentos humanos e constantes transformações sociais, culturais e econômicas. (SANTOS; VONG; FONTANA, 2018).

Após seu resgate histórico, é considerável agora demonstrar sua paisagem atual para a melhor percepção do objeto, e com isso, revelar o que chama a atenção desse passado. Por agora, mapas e fotos poderão falar por si o que o texto vai tentar demonstrar.

Figura 71: Localização da Rua Cel. Aquiles de Pina e entorno, mostrando os ângulos das fotografias, 2022.



Fonte: Mapa retirado do Google Earth, fotografias Amaral, 2022.

O trecho de análise se baseia especificamente na rua Cel. Aquiles de Pina e no entorno imediato da Praça James Fanstone. No geral, é perceptível analisar que a ambiência local se trata de comércios e residências de cunho familiar, onde a maioria são de pequeno porte. Essa é uma marca interessante ao analisar o objeto já de início através dos três pontos de visualização marcados na figura 71. A praça é o ponto focal, que capta o fluxo de pedestres e de usuários do hospital ao lado. O coreto (figura 72) recebe esse fluxo através da lanchonete que funciona em horário de segunda a sexta das 5h às 17h, e sábado até 12h. Porém, é perceptível que devido seu ambiente não proporcionar mesas e conforto de permanência aos usuários, é um comércio de fluxos rápidos.

Figura 72: Fotografias do coreto na Praça James Fanstone, 2022.



Fonte: Arquivo pessoal.

O Hospital Evangélico Goiano (HEG), figura 73 item 1, ocupa grande parte da quadra entre a Rua Dr. Genserico e a Rua Desembargador Jaime, possui um serviço hospitalar completo e por isso têm fluxos intensos dia e noite. Seus acessos se dão pelas três ruas que o envolve, sendo a entrada setorizada para cada tipo de atendimento. O interessante é perceber que na paisagem se torna um edifício que dialoga com a escala humana, possuindo uma comunicação público e privado de significativa harmonia. Em agosto de 2022 completou 95 anos de existência e serviço aos anapolinos, sem dúvidas uma referência de saúde para a cidade durante muitos anos.

Figura 73: Mapa com a localização do Hospital Evangélico Goiano e seu entorno através de fotografias.



Fonte: Mapa do Google Earth. Intervenções e fotos, Amaral, 2022.

Os fluxos da rua e seu entorno se baseiam muito em torno do Hospital, além disso, muitos pontos de comércio são vendas de produtos farmacêuticos e afins. O coreto, como já mencionado, recebe muito do movimento de passantes na parte do dia, e a noite, em frente o HEG se encontra um pequeno churrasquinho (figura 73, item 2) que movimentava o entroncamento das ruas, e que segundo relatos pessoais, tem funcionado há mais de 40 anos, denominado de churrasquinho do gordo, apelido do dono.

O HEG também é o gerador de fluxos no domingo, percebe-se através da figura 74 que os carros ficam próximo à praça e ao hospital. A ambulância sinaliza as emergências e na praça, provavelmente, os bancos são ocupados por aqueles que esperam. A banca de jornal está aberta, e a sensação que dá é que faltam comércios, lanchonetes, especificamente, para lidar com esses fluxos diários do HEG. Até mesmo o coreto, que é uma lanchonete, seria propício nos fins de semanas para fornecer mais vivacidade ali. Potencial noturno e até mesmo no domingo, a rua tem ocasionada pelo hospital e seus fluxos.

Figura 74: Rua Cel. Aquiles de Pina e seu entorno no domingo.



Fonte: Amaral, 2023.

Ao olhar na esquina paralela do HEG, à direita se percebe a casa antiga casa de Manoel D' Abadia que permanece com seu estilo eclético (figura 75) com uma árvore de flores rosa magenta e possui uma beleza agradável aos que tem um olhar atento ao passado. O interessante é observar a variedade tipológica dos edifícios nesse entorno. Essa casa é um exemplar bem

conservado e toda essa experiência histórica que a rua proporciona é algo único na cidade.

Figura 75: Fotografias da casa de Manoel D' Abadia em 2022.



Fonte: Amaral, 2022.

Ao olhar para a esquerda, em frente à praça (figura 76, item 1), observam-se fachadas com vestígios históricos. Foram capturadas fotografias ao longo de um ano, e foi possível notar as transformações ocorridas. Suas fachadas estavam ocultas por letreiros que obscureciam a história do edifício. No entanto, devido à reforma, as propagandas foram removidas, permitindo uma visão ampla. Até o momento, os edifícios estão à venda, e o futuro deles pode ser tanto agregar história com novos usos quanto, infelizmente, a demolição, como se vê no caso da Casa de Tônico de Pina.

As mudanças nos espaços urbanos são, na maioria das vezes, inevitáveis. As cidades são organismos vivos que passam por mutações, permanências e readequações. Nessa rua, esses processos não poderiam ser diferentes. O antigo Cine (figura 76, item 2) ainda está no local, mas descaracterizado e permanece sem uso, com placas de aluga-se. É crucial enfatizar a necessidade de que bens de interesse histórico estejam em uso, independentemente de pertencerem à função original ou não. A vitalidade do passado nesses locais depende da utilização e funcionalidade, pois, sem isso, a decadência é certa.

Figura 76: Mapa com da Rua Cel. Aquiles de Pina e fotografias que mostram edifícios de interesse histórico.



Fonte: Mapa do Google Earth. Intervenções e fotos, Amaral, 2022.

As mudanças acontecem e, muitas vezes, são drásticas, como no exemplo da antiga Casa de Tônico de Pina (figura 76, item 3), agora sem vestígios, apenas fotográficos. A árvore, o muro baixo com detalhes ornados de ferro, um quintal vasto, se foram, deixam um vazio na paisagem desse lugar. O que permanece agora são memórias, um pesar pela história e ainda a dúvida receosa sobre o que substituirá esse emblemático edifício.

Figura 77: Permanência e transformação do muro da antiga Casa de Tônico de Pina.



Fonte: Amaral, 2023.

E ao se tratar dos vestígios, o muro baixo da casa ornado com detalhes semelhantes a esquadrias antigas de janelas, era um fator interessante, não só por sua singela beleza, mas porque permaneceu por um bom tempo na paisagem demolida (figura 77). Era como se tivesse ali ainda os restos de uma história que queria continuar, ficou e deixou-se perceber por muitos porque era o centro das atenções no cenário de entulhos. Ficou ali por mais de um ano, já que a casa fora demolida em julho de 2020. Em outubro o fim total, e assim o novo muro de blocos de concreto, típicas vedações que minam a vivacidade da rua, toma conta para fechar o ciclo da Casa de Tônico de Pina nessa paisagem (figura 77).

Figura 78: Mapa com a localização da Rua Cel. Aquiles de Pina e fotografias que mostram edifícios de interesse histórico.



Fonte: Mapa do Google Earth. Intervenções e fotos, Amaral, 2022.

Mais adiante, (figura 78) ao lado da casa demolida, se vê dois exemplares que merecem atenção. No item 1 da figura 78 uma casa com caráter modernista, com revestimentos em ladrilhos e madeira, bem conservada. A casa no final de 2022 já se encontrava à venda, e na foto tirada em junho possuía vestígios de pessoas em situação de rua usufruindo da calçada e em agosto colocaram uma grade de proteção contra esses abrigos, possivelmente, para facilitar a venda da casa (figura 79). No item 2, uma intervenção de anexo sobre um edifício que detinha aspecto histórico de estilo eclético, e que aparentemente parece inacabado e traz certa estranheza pela opção de projeto. Um aspecto que cabe reflexão se dá sobre como lidar com alterações sobre esses edifícios históricos sem descaracterizá-los ou torná-los objetos intactos.

Figura 79: Calçada da casa modernista, à esquerda em junho com itens que mostram abrigo de pessoas em situação de rua; e à direita, em agosto com uma grade limitando esse abrigo.



Fonte: Amaral, 2023.

É sempre interessante tratar as cidades como objetos de constantes mudanças, e por isso políticas públicas e até mesmo ações educativas que priorizem ações que analisem as dinâmicas reais das cidades e edifícios que remetam o passado, sabendo lidar com a preservação e o desenvolvimento (CASTRIOTA, 2009). O outro edifício de análise, item 3, tem sua fachada histórica em sua maior parte inalterada. Claramente precisa de alguns restauros, mas ainda imponente na paisagem. Seu uso é de estacionamento e tem sua entrada pela outra rua.

Figura 80: Mapa com a localização da Rua Cel. Aquiles de Pina e fotografias que mostram edifícios de interesse histórico.



Fonte: Mapa do Google Earth. Intervenções e fotos, Amaral, 2022.

Na sequência, figura 80 no item 1, se vê um prédio, com nome de Edifício José M. Vasconcelos, de 3 andares com traços da arquitetura modernistas com pilotis que elevam o térreo e deixa a passagem pública com sensação de privada (figura 81), elementos da arquitetura moderna, ali se vê usos mistos de serviços e residências. No item 2, uma residência de caráter modernista com elementos arquitetônicos marcantes, casa elevada do nível da calçada e pilares em V, traz uma ambiência agradável, em que às vezes, quando se passa ali, percebe que os moradores usufruem da varanda com suas cadeiras de balanço para ver o movimento da rua, atitudes essas típicas de um centro de cidade média. Ao lado, item 3, um salão de beleza, com nome de Espaço Jocélia Ribeiro, com elementos *Art Déco* que faz bom uso do edifício e de seu traçado histórico sem ofuscá-lo com painéis de propaganda.

Figura 81: Calçada do Edifício José M. Vasconcelos.



Fonte: Amaral, 2023.

Um fato importante de se mencionar, nos estudos fotográficos feitos para essa pesquisa, foi encontrado a foto do edifício que seria a famosa casa comercial Rainha da Barateza em 2011 (figura 82), e era localizada ao lado do atual prédio referente a figura 80 do item 1. Atualmente o edifício com caráter tradicional não existe mais e serve como estacionamento. Mais uma situação de descaso para com os edifícios históricos nos centros da cidade que na maioria das vezes se tornam estacionamento para os anseios do carro.

Figura 82: À esquerda, o antigo edifício referente à Rainha da Barateza em 2011. À direita o mesmo local já com outro edifício em 2022.



Fonte: Museu Histórico de Anápolis “Alderico Borges de Carvalho” / Arquivo pessoal.

Na figura 83, percebe-se na sequência dois edifícios de caráter histórico que merecem atenção, mas principalmente o do item 2, já que por se tratar de uma tipologia tradicional do início construtivo da cidade, onde em algumas fotos antigas já se observa essa casa, é relevante para analisar como sua permanência tem um significado para essa rua. Muitos detalhes dessa construção merecem estudos, pois percebem-se modos construtivos tradicionais como sua própria fundação. Por estar sem uso seu estado está bem degradado, necessitando de restauro, atenção e cuidados.

Figura 83: Mapa com a localização da Rua Cel. Aquiles de Pina e fotografias que mostram edifícios de interesse histórico e entorno.



Fonte: Mapa do Google Earth. Intervenções e fotos, Amaral, 2022.

Além do que, da esquina da Av. Xavier de Almeida (figura 84), já consegue perceber a diversidade urbana desse trajeto, além de um movimentado ponto de comércio com uma lanchonete e mesas abaixo de uma árvore, um local favorável para o descanso no centro, e ainda na mesma esquina, possuem barraquinhas

de vendedores ambulantes com frutas e acessórios, algo típico de centros urbanos apesar de sua ambiência proporcionar uma experiência distinta do caos.

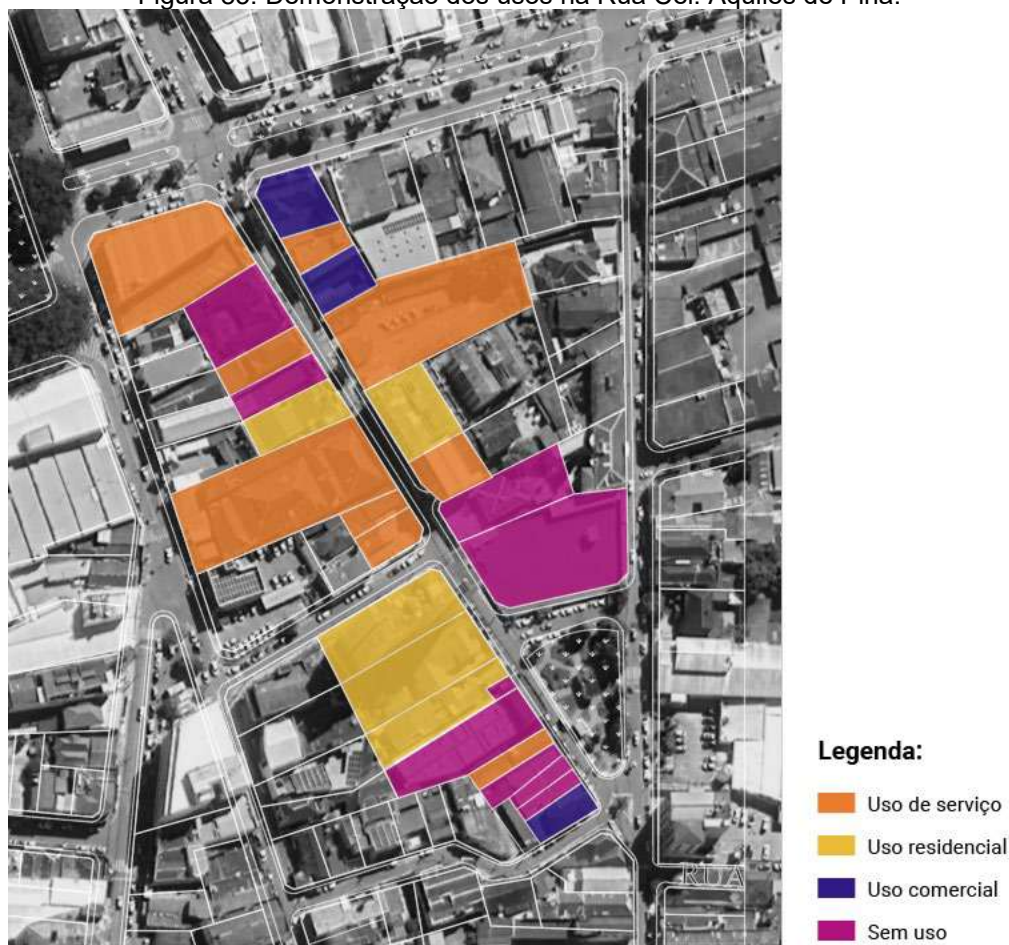
Figura 84: Pontos de comércio no fim da Rua Cel. Aquiles de Pina com a Av. Xavier de Almeida em 2023.



Fonte: Amaral, 2023.

A figura 85, exemplifica bem os usos que a rua abriga, sendo 9 de serviços, o Banco Santander, 3 usos de estacionamentos e salão de beleza e também farmácia e laboratório. Somente 4 usos comerciais, sendo lanchonetes e o coreto. Possui também 5 edifícios de usos residenciais, sendo 2 prédios em altura, vale ressaltar que esse tipo de uso não é comum nos centros urbanos, ocasionando assim, um desuso noturno que deixam esses locais perigosos a noite. E por fim, 9 edificações sem uso, sendo a maioria os bens de interesse histórico como a antiga casa tradicional, a casa modernista, o antigo palacete de Graciano Antônio e o Cine Teatro Imperial. O abandono desses edifícios é preocupante já que favorece a deterioração.

Figura 85: Demonstração dos usos na Rua Cel. Aquiles de Pina.



Fonte: Google Earth, Amaral, 2023.

Aqui cabe ressaltar o valor imprescindível da memória individual e coletiva que a sociedade deveria ter para que assim o sentimento de pertencimento faça parte da vivência com a cidade e seu desenvolvimento, como saliente Costa e Steinke (2013, p. 192), “talvez esteja na memória coletiva e individual, na rememoração, o principal suporte da permanência das ações e dos objetos culturais, para o uso e para o abuso da sociedade de classes”. Além do que, só a partir do pertencimento, que a sociedade se vê representada pelos seus bens históricos, sejam eles materiais ou imateriais.

O que se entende, até aqui, é como a ambiência local se difere a poucos metros de um centro tipicamente urbano de cidades médias. Realmente, é como se ali, na Rua Cel. Aquiles de Pina, o tempo parasse por variados períodos para trazer memórias vivas da cidade. Porém, esses bens materializados só permanecem ali não por forças públicas, mas como uma forma de resiliência natural em meio a tantas transformações. Pode se dizer que se tratou da cidade

que foi se desenvolvendo e onde os edifícios de caráter histórico não fossem “atrapalhar”, eles permaneciam ou se modificavam.

Apreender um pouco dessa paisagem atual é de suma importância, pois foi onde toda a pesquisa começou, do olhar, da curiosidade, das relações e memórias compartilhadas. Apesar das várias mudanças que a rua presenciou e ainda presenciará, captar essas imagens serve para interpretar a imagem que esse lugar tem aos olhos de alguns transeuntes mais atentos. Perceber para atinar as memórias e curiosidades.

3.3 Narrativas sobre a rua: memórias e perspectivas

O ato de caminhar foi significativo para a pesquisa e com intuito de alcançar novos olhares, os meios digitais também corroboraram com o texto. Através das redes sociais, o Facebook e Instagram, foi possível notar um grande número de pessoas que tinham interesse em conhecer sobre a história da cidade através de fotografias. Isto posto, por meio de algumas pesquisas de imagens da rua nas redes mencionadas, conduziu novas percepções dos usuários sobre as fotos.

Nesse momento cabe uma reflexão sobre a “matéria da experiência” (BOSI, p.21, 1979), das memórias compartilhadas através das vivências pessoais, que por sua vez serão sempre únicas. Como diz Chaui (BOSI, p. 20, 1979) a memória é “reflexão, compreensão do agora a partir do outrora; é sentimento, reaparição do feito e do ido, não sua mera repetição”. Cada lembrança compartilhada se torna um diálogo de história, que faz com que essas recordações se tornem vivas no presente.

Nesse sentido, com objetivo de conseguir captar algumas memórias e visões sobre a Rua Cel. Aquiles de Pina e seus edifícios, resgatou alguns comentários relevantes sobre as imagens publicadas em diferentes contas que visam resgatar memórias através de fotos antigas da cidade. Foi encontrado esse conteúdo no facebook na conta “Anápolis na Rede”³⁰, que também estava

³⁰ Disponível em <https://www.instagram.com/anapolisnarede/> e <https://www.facebook.com/Anapolisnarede>

no Instagram, e as contas “Anápolis antiga”³¹ e em uma conta de notícias “Portal 6”³². A finalidade foi identificar fotografias da Rua Cel. Aquiles de Pina e analisar os comentários mais relevantes e com isso obter narrativas e percepções diferentes sobre essa paisagem.

Alguns comentários chamam atenção por reter memórias e relatos históricos únicos compartilhados por meio de lembranças marcantes. Algo interessante foi a menção do Bar do Zezinho, que aparentemente ficava em frente ao cinema, funcionava de dia e de noite e tinha comidas que ficaram nas memórias de alguns (figura 86 e 87). E também a Sorveteria Elite, que supostamente estava próximo à praça, e vendia “sorvetes deliciosos” (figura 86, 87 e 88). Entre os comentários o principal sentimento relatado é o de saudades, seja da época ou de lugares, além disso, teve comentários que descreveram o abandono do centro e seus prédios, caracterizando-o como faroeste na figura 86.

Figura 86: Postagem no Instagram com a fotografia da Praça James Fanstone em 2022.

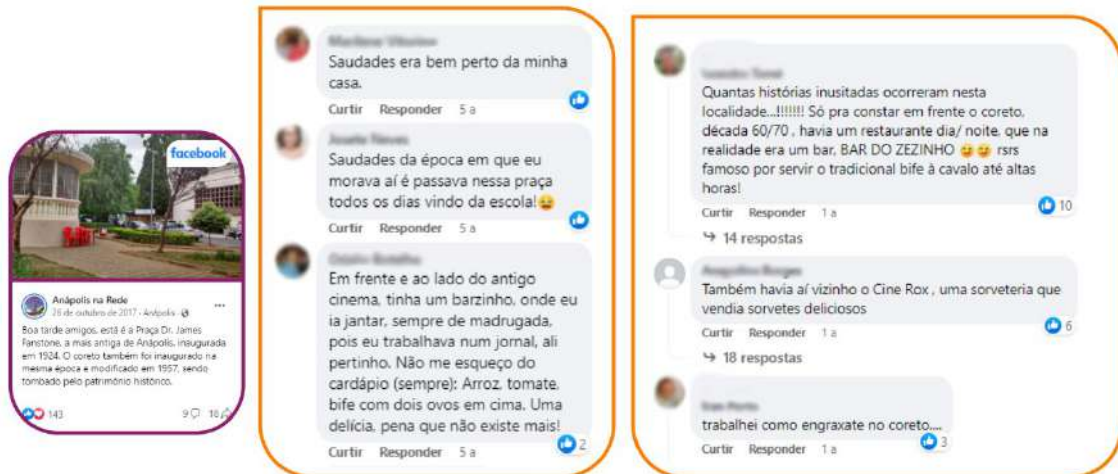


Fonte: Instagram Anápolis na Rede.

³¹ Disponível em <https://www.instagram.com/anapolisantiga/>

³² Disponível em <https://www.instagram.com/portal6noticias/> e <https://www.facebook.com/portal6anapolis>

Figura 87: Postagem do facebook da foto da Praça James Fanstone com o Coreto em 2017.



Fonte: Facebook Anápolis na Rede.

Figura 88: Postagem da foto do Cine Roxy em 2021 no Facebook.



Fonte: Facebook Portal 6.

A foto do Cine Roxy no Portal 6 em 2021 no Facebook (figura 88), obteve uma repercussão interessante, com cerca de 115 comentários. O cinema, como já mencionado anteriormente, foi um prédio importante para a rua, além do que o seu próprio uso proporcionava memórias marcantes para a época, como é o exemplo na figura 88, que menciona que teve seu primeiro beijo nesse lugar. Outra fotografia marcante foi a da casa tradicional, no Portal 6 no Instagram

(figura 89) também ocasionou bastante repercussão, e no Facebook no Anápolis na Rede (figura 90), alguns comentários foram selecionados e o que mais chama atenção é o pesar do abandono sobre esse edifício, que é visivelmente relevante para a história da cidade e que pode, futuramente, ter seus dias contados.

Figura 89: Postagem com foto da Casa Tradicional na Rua Cel. Aquiles de Pina no Instagram em 2021.



Fonte: Instagram Portal 6 notícias.

Figura 90: Postagem no Facebook mostrando a Casa Tradicional na rua em 2013.



Fonte: Facebook Anápolis na Rede.

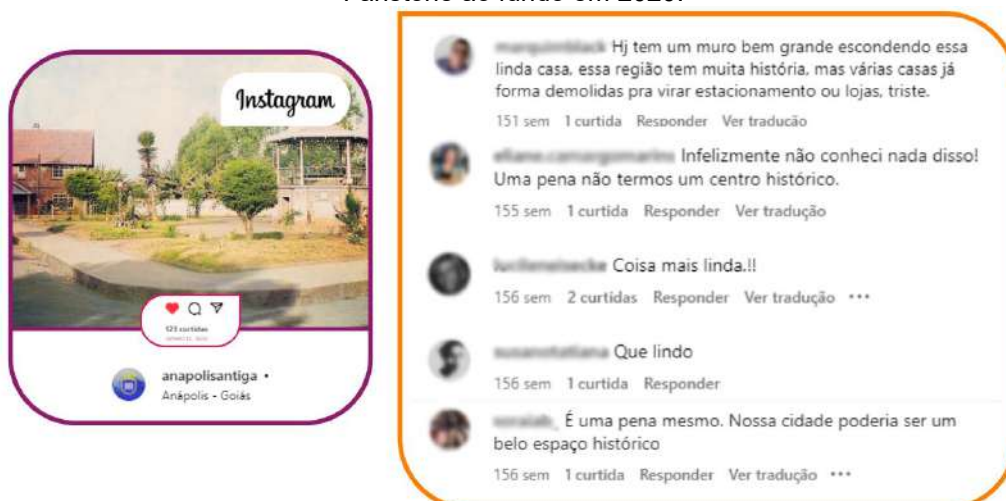
Outro fato notável é a menção ao Doutor James Fanstone, personalidade que já foi exposta nesta pesquisa, e que se sabe que foi importante não só para a rua com a construção do Hospital, mas para cidade. O comentário na figura 91, relembra que James Fanstone é uma inspiração. As memórias e os desejos que a história fosse mais conhecida, foi uma das discussões presentes na figura 92, foi intrigante ver o anseio desses comentários em busca de mais cuidado para com a história local, acarretando até a ideia de um “centro histórico”.

Figura 91: Postagem no Instagram falando do Hospital Evangélico Goiano em 2023.



Fonte: Instagram Anápolis na Rede.

Figura 92: Postagem no Instagram mostrando a Praça James Fanstone com a Casa de James Fanstone ao fundo em 2020.



Fonte: Instagram Anápolis Antiga.

Além das lembranças, as transformações causam espanto e indignação, ainda na figura 92, é possível ver um comentário relatando o descaso para com as demolições. E na figura 93, é interessante ver como a repercussão da construção em 2013 da antiga casa de Jose Valente, são de menções de indignação para com a falta de conhecimento diante desse passado, comentários como “Anápolis está ficando sem memória” faz com que se pense até quando os patrimônios, que possuem algum interesse histórico, irão resistir.

Figura 93: Postagem no Facebook mostrando a transformação da antiga Casa de José Valente em 2013.



Fonte: Facebook Anápolis na Rede.

Outra situação que merece atenção foi o resultado da demolição da Casa de Tonico de Pina, as postagens, figura 94 e 95, motivaram alusões de aversão ao ocorrido. Palavras que foram usadas para definir tal feito, “absurdo”, “cidade sem passado”, “triste”, “ganância”, entre outras, puderam produzir algumas reflexões sobre a demolição de um bem que visivelmente era relevante para a cidade. É possível perceber que essas transformações, que já foram mencionadas na pesquisa, também são alvos de espanto aos anapolinos por se tratar de algo recorrente na cidade.

As perdas materiais e imateriais, ficam cada vez visíveis e as ações de preservação se tornam poucas. O que se percebe é que as revoltas mencionadas, ainda sim, representam um número reduzido de pessoas que realmente se importam e conhecem a história da cidade para conseguirem salvaguardar esses bens históricos. Com isso se torna cada vez mais urgentes ações que visam educar a sociedade Anapolina para um conhecimento histórico que gere pertencimento.

Figura 94: Postagem relatando a demolição da antiga Casa de Tônico de Pina em 2020 no Instagram.



palmeirasauani A ganância por dinheiro é tanta que o povo anda destruindo as antiguidades da cidade por dinheiro.
5 sem · Responder · Ver tradução

kzao93 Derrubaram tbm a casa ao lado da do Anapolino, absurdo!!!
58 sem · Responder · Ver tradução · ...

gifferramosani A desfiguração da casa pela mostra kazulo foi o primeiro passo para o fim dado a casa.
150 sem · 2 curtidas · Responder · Ver tradução

marcosantoni Casas históricas de Anápolis. @mostrakzulo tomou conta dela e da casa do anapolino de Faria e cobrou um absurdo pra velas. fez pra burguês, e no final apagaram a história. Eu não tive como velas infelizmente.
150 sem · 4 curtidas · Responder · Ver tradução

marcosantoni História ruída nos escombros!
150 sem · 2 curtidas · Responder · Ver tradução · ...

palmeirasauani Texto cirúrgico. PARABÊNS!!! Morei nela por 6 anos com minha avó. Ernesta e ver a demolição foi mesmo de partir meu coração, assim como da minha família!! E agora... ruínas dessa especulação imobiliária! Um verdadeiro descaso com a cidade que assim vai destruindo sua história, tenho dito!!!❤️
150 sem · 8 curtidas · Responder · Ver tradução

marcosantoni Que tristeza!
150 sem · 1 curtida · Responder

marcosantoni Que triste 😞 descaso ! Cidade sem passado ... !
150 sem · 1 curtida · Responder · Ver tradução

marcosantoni Um absurdo, Perda de qualidade pra Anápolis.
150 sem · 1 curtida · Responder · Ver tradução

marcosantoni Muito triste mesmo! Trabalhei lá, quando era clínica❤�
150 sem · 1 curtida · Responder · Ver tradução

palmeirasauani Infelizmente a memória de Anápolis vai sofrendo golpes fortes e com isso uma História rica se perde em entulhos...
150 sem · 3 curtidas · Responder · Ver tradução

marcosantoni Muito triste!!!! 😞😞
150 sem · 1 curtida · Responder · Ver tradução · ...

marcosantoni Um dos atos que mais me entristeceu na cidade foi ver essa casa demolida. Uma pena a prefeitura não preservar nossa história na vdd um descaso.
150 sem · 2 curtidas · Responder · Ver tradução

Fonte: Instagram Anápolis Antiga.

Figura 95: Postagem mostrando a demolição da antiga Casa de Tonico de Pina em 2020 no facebook.



Fonte: Instagram Anápolis na Rede.

No geral, nota-se que existem poucas iniciativas que buscam preservar os patrimônios culturais da cidade. Porém, há algumas atuações que merecem créditos, pois são relevantes para o futuro histórico não só desta Rua, mas da cidade. Através de pesquisas feitas pela internet, foi encontrado alguns trabalhos de resguardar e informar sobre o passado anapolino.

Uma dessas obras é o projeto Patrimônio Cultural Anápolis apoiado pela Secretaria de integração social, esporte, cultura e lazer do município, que teve o intuito em 2022 de divulgar os patrimônios e relatos históricos da cidade, é possível encontrar 8 vídeos no YouTube e também algumas informações no Instagram sobre essa ação. Ali, é possível ver entrevistas de historiadores e pesquisadores que visam enaltecer esse passado desconhecido por muitos.

Outra atitude relevante, é do pesquisador Claudiomir Gonçalves, que deu uma entrevista nesse projeto falando do seu trabalho de resgate fotográfico e divulgação nas redes sociais. Ele inicia seu projeto em 2008 sem pretensões financeiras, mas com anseio de resguardar imagens da cidade. Sua conta inicia-se no Facebook com o nome de “Anápolis na Rede”, que foi objeto de análise desta pesquisa, e posteriormente migra para o Instagram. Suas postagens

geram comentários de curiosos e amantes desse passado, além disso, as transformações na paisagem, demonstradas nas imagens, chamam atenção de todos seus seguidores.

O mais relevante de sua obra são as informações que fazem com que os anapolinos entendam um pouco da história através dessas imagens e textos explicativos. Essa pesquisa de Claudiomir Gonçalves se expande para um *ebook* de imagens e relatos históricos da cidade intitulado, “Anápolis no fluir dos anos”, no qual faz parte das referências bibliográficas deste manuscrito.

A prefeitura, em fevereiro de 2023, implantou em 33 locais da cidade placas de identificação turística com QR Code que explicam o que cada lugar é. A ação tem o objetivo de “valorizar a cultura, potencializar o lazer e resgatar a história de maneira mais acessível” PREFEITURA DE ANÁPOLIS, 2023. As placas sinalizam os pontos turísticos da cidade, tendo alguns pontos históricos marcados. Essa atitude mostra o desejo, ainda ínfimo, da valorização histórica de Anápolis. A praça James Fanstone (figura 96) foi identificada e ao acessar o link do QR Code tem uma breve história desse local. A placa na cor marrom indica que a Praça James Fanstone é um atrativo turístico da cidade e com isso, segue as normas de sinalização do Ministério do Turismo.

Figura 96: Placa de identificação com QR Code na Praça James Fanstone em 2023 elegendo-a como um atrativo turístico da cidade.



Fonte: Amaral, 2023.

A Rua Cel. Aquiles de Pina se encontra em um local privilegiado cuja ambiência facilita a apreensão histórica. Como já mencionado, suas

reminiscências são marcantes, ainda que muitos não percebam. E é notável que ali, compondo seu lugar de memória, possui um marco e um pequeno museu que reflete um pouco desse passado relevante e que faz, mesmo de maneira singela, um reencontro com o passado.

Como o exemplo do busto do Coronel Aquiles de Pina (figura 97) que fica nas extremidades da Praça James Fanstone com os dizeres “Ao grande líder benfeitor da cidade e do estado Cel. Aquiles de Pina a homenagem de Anápolis. Eurípedes B. Junqueira – Prefeito Municipal em 21.03.75”. Tal marco, mesmo que despercebido aos olhares apressados de muitos pedestres, compõe um exemplar de artefatos que fazem alusão à história da rua.

Figura 97: Busto do Coronel Aquiles de Pina construído em 1975 na Praça James Fanstone.



Fonte: Amaral, 2023.

Outro elemento importante é um pequeno memorial que se encontra dentro do Hospital Evangélico Goiano, ao adentrar no edifício, se depara com várias imagens e itens que contam a história do casal Fanstone e sua trajetória na cidade com o HEG (figura 98). É uma experiência única entrar nesse local e já ver um pouco de seu passado. Um pequeno museu contando uma parte importante da rua, já que o hospital sempre foi um marco nessa ambiência. Ter esse memorial ali, representa uma parte de tudo que a rua pode oferecer com

seu conjunto histórico, um museu ao ar livre. Evidentemente, a proteção e manutenção desse “patrimônio é essencial, uma vez que possibilita à sociedade o acesso a memórias de um passado relevante da história do município” (CARVALHO et al., 2023, p. 52).

Figura 98: Espaço de acervos e imagens históricas do HEG e família Fanstone no edifício do hospital em frente à Praça.



Fonte: Amaral, 2023.

Por aqui o trajeto chega ao fim, porém sem cessar os variados assuntos e potencialidades que a Rua Cel. Aquiles de Pina consegue abordar. Aqui se encontra inúmeras reminiscências sobre a história da cidade que fazem parte das experiências vividas neste local. “A paisagem incorpora o ser humano, seus hábitos e histórias, fazendo parte do cotidiano, fundindo-se com o sentimento de experiência, pois o homem está dentro da paisagem e faz parte dela” (HOPPE, 2019, p. 25). Há variadas tipologias em uma só rua, produto do tempo e costumes, e é essa diversidade que chama a atenção dos atentos que passam por ali.

Essa experiência única de memória local em um trecho tão pequeno proporciona aos transeuntes história pura. Estar presente e perceber essa história é um privilégio em uma cidade que cada vez mais vem perdendo e se tornando desconhecida aos próprios anapolinos. As futuras gerações vão vivenciar novas transformações nesse espaço, talvez mais percas, porém memórias e fotografias permanecerão para contar suas crônicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cidades são livros que guardam histórias de variados períodos e grupos, nelas permanecem vestígios que marcam sociedades e indivíduos. Os seres humanos se tornam personagens importantes na produção desses espaços. A identidade de cada indivíduo se reflete em suas ações, moldando o ambiente urbano e social em que vivem. É nesse aspecto que fica evidente o valor humano na sociedade e a sua individualidade como produtora do seu meio. Cada indivíduo com sua experiência, circunstância e vida, contribui como um elemento chave na construção das cidades através do tempo.

Para cada tempo existe uma produção do espaço diferente que varia de acordo com os anseios da época, as ideologias e acontecimentos existentes que afetam os indivíduos. Todas essas transformações se dão por ânsias variadas e a cada período toda concepção cultural se torna relevante para a sociedade.

Após a ampliação do conceito de patrimônio, o valor humano imaterial e todas suas relações sociais ganharam poder e sentido. O lugar tem uma dimensão sentimental, e assim, estudá-los baseia-se em compreender a história que ali existiu, as vidas que ali viveram, a diversidade humana que esteve presente e só depois poder entender o que foi materializado.

Foi assim que a pesquisa se deu, tendo como objeto a rua, local de fluxos e de textura urbana. A Rua Cel. Aquiles de Pina, em Anápolis (GO) foi a minha vivência nesse estudo. Esse conjunto urbano, considerado como um importante bem patrimonial da cidade, se faz vivo através de várias memórias materializadas. Nesse sentido, esta pesquisa trouxe um olhar para os fluxos, os personagens, os bens materializados que fizeram parte da história da cidade.

Dos tropeiros, migrantes e comércios à Rua Cel. Aquiles de Pina, caminhos que se cruzaram e deram origem a uma parte da cidade. Neste lugar as marcas ficaram e outras se transformaram em lembranças. Da casa comercial mais famosa da cidade, do hospital mais famoso do estado pelo seu elevador, do primeiro jardim público de Anápolis com seu coreto ao centro, do berço da família Pina e de alguns prefeitos da cidade, eis que permaneceu sendo um lugar de memória anapolino.

Foi possível apreender durante a pesquisa a relevância do Hospital Evangélico Goiano para esse local. O HEG atua como catalisador de fluxos em todos os momentos, principalmente por oferecer atendimento 24 horas. Mesmo aos domingos, a rua permanece movimentada em função do hospital. O interessante é analisar como a praça serve como um ponto de apoio para esse uso, sendo um local de espera e descanso. Também é perceptível a falta de mais comércios e estabelecimentos que poderiam aproveitar o potencial do HEG para dar ainda mais vitalidade à rua, tanto durante a noite como nos finais de semana.

Passar por essa rua é perceber a resiliência do tempo através de seus edifícios e vivências locais. A ambiência histórica existente nesse lugar é algo único para a cidade média de Anápolis, praticamente um museu vivo. Transformações vêm e vão, pois, assim se fazem as cidades, porém, em meio à identidade cultural de uma sociedade como preservar sem barrar as evoluções? Nessa discussão algumas considerações são importantes.

O anseio pelo novo pode ser considerado uma das identidades da cidade, sua trajetória com demolições e alterações visando o que era moderno para cada época, sempre esteve visível em sua paisagem urbana. Na rua, existiu muitos desses casos sendo o mais atual a demolição da casa de Tônico de Pina em 2020. E todo esse anseio cosmopolita se torna prejudicial na medida que as percas históricas, materiais e imateriais, não afetam a sociedade como deveria.

Gradativamente se percebe uma cidade que quer mais se atualizar ao invés de requalificar ou reutilizar. Sua paisagem urbana é de descaso em muitos pontos. Desleixo de tantos e cuidado de poucos pela falta de pertencimento. Fica claro cada vez mais a frase de Santo Agostinho “só se ama aquilo que se conhece”. Conhecer é necessário para preservar e cuidar. Além das memórias já existentes entender tal história gera vínculo, e por consequência, se cria novas memórias.

É ideal ser uma pesquisa viva a todos que convivem conosco, ir para além dos textos acadêmicos. Suscitar pertencimento, conhecimento e curiosidade nas pessoas. A rua Cel. Aquiles de Pina é um objeto que materializa muitas possibilidades de conhecimento sobre Anápolis. Através de sua ambiência, tem o poder de levar aos interessados uma viagem no tempo.

Porém, é mais que urgente um cuidado do poder público sobre esse local. Destaca-se que ali na praça James Fanstone existe um bem tombado que não possui nenhuma ação para tratar da salvaguarda de seu envoltório. A rua deveria ser tratada como um conjunto histórico, não para barrar o desenvolvimento ali, mas para utilizar toda sua personalidade histórica como um potencial turístico da cidade.

Os anapolinos não se sentem anapolinos ao optar por esquecer a história ao invés de preservá-la. Os próprios governantes se realmente se sentissem pertencentes a essas memórias, trariam outro olhar para o aspecto histórico de Anápolis. Os fatos históricos auxiliam os indivíduos a se identificarem e se estabelecerem em suas particularidades culturais, e também a evoluírem buscando novas histórias. Por isso, é necessário readequar o desenvolvimento ao passado, pois ambos podem andar juntos.

A fotografia compõe um elemento importante na preservação da imagem histórica tanto material como imaterial. Essa pesquisa obteve um aporte fotográfico essencial para capturar o que o passado queria dizer na Rua Cel. Aquiles de Pina. E todo o trabalho que está acontecendo nas redes sociais, tanto de divulgação de imagens históricas, como de novas fotos mostrando as mudanças, são de extrema importância para análises futuras. As fotos têm esse poder de recriar memórias e cada vez mais se torna necessário essas capturas.

Vale ressaltar que foi positivo encontrar, por meio das redes sociais, tantas memórias e comentários dos cidadãos sobre a história da cidade. Houve muitas comoções em relação às demolições e perdas materiais que Anápolis vem sofrendo. É curioso perceber que existem muitos anapolinos que se identificam com a história da cidade, no entanto, mesmo assim, o que se observa são poucas ações de preservação.

Cada vez mais, a qualidade urbana, em toda sua dimensão, vem perdendo valor nas cidades. Algumas ações, incluindo a desvalorização da escala humana no planejamento urbano, a substituição dos encontros nos espaços urbanos para os espaços virtuais, a falta de memória e pertencimento da sociedade, a imagem urbana cada vez mais caótica, a cidade como mercadoria onde o capital tem mais valor do que o ser humano. Enfim, inúmeras problemáticas que evidenciam a negligência geral sobre os espaços urbanos e as pessoas.

Para onde seguir? Com o conhecimento e pertencimento dá para ir à qualquer lugar! É mais do que necessário pertencer à cidade de Anápolis e verdadeiramente conhecer para criar novas e resguardar as antigas memórias. Um local que possui inúmeros potenciais econômicos e que por negligência dos poderes administrativos não usufruem. Ser e pertencer é disso que precisamos para cuidar desse lugar de tantos, mas por poucos conhecida.

REFERÊNCIAS

ALVES, Daniel Araújo. **De Antas a Anápolis: a História de Formação do Município**. 234. ed. Goiânia: Kelps, 2014. v. 700. 106p.

AMORIM, W. M. Estratégias de Sobrevivência: famílias de imigrantes italianos em Nova Veneza. **Ateliê Geográfico**, Goiânia-GO, v. 2, n. 3, p.160-178, dez/2008. Disponível em:
<https://revistas.ufg.br/index.php/ateli/article/view/5342> Acesso: 14 jan. 2022.

Anápolis – Capital Econômica de Goiás. **VIDA NA GM BRASIL**. São Paulo, Ano XII – nº 66, p. 8- 11, Jan/Fev 1960.

ANÁPOLIS 2018. **Mostra Kzulo**, Anápolis, 2018. Disponível em:
<https://mostrakzulo.com.br/mostras/anapolis/edicao-2018/> Acesso em: 14 de dez. 2022

ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ARIMATHÉA, Amador de. **Anápolis suas ruas – seus vultos – nossa história**. Goiânia: Papillon Gráfica e Editora, 2007.

AZEVEDO, Heloísa P. Lima. **Estudo de desempenho dos espaços públicos para o pedestre: um estudo de caso no centro de Taguatinga**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de Brasília, Brasília, 1992.

BARBOSA, O. X; Santos, J.C.V. Cafés e turismo nos quintais do centro histórico da Cidade de Goiás. **Dos Algarves: A Multidisciplinary e-Journal**, 2022, 70-89. Disponível em: DOI: 10.18089/DAMeJ.2022.41.4 .
<https://www.dosalgarves.com/index.php/dosalgarves/article/view/294/295>. Acesso em 22 de jan. de 2022.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada Ave-Maria**. 44.ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 1957.

BORGES, Humberto Crispim. **História de Anápolis**. Goiânia: Kelps, 2011.

BOTELHO, Adriano. A cidade como negócio: produção do espaço e acumulação do capital no município de São Paulo. **Cadernos MetrÓpole**, n. 18, p. 15-38, 2007. Disponível em:
<https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/issue/view/598> . Acesso em: 19 out. 2021

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 1. ed. São Paulo: T. A. QUEIROZ EDITOR LTDA, 1979.

- BUTTROS, Savilly Aimée Teixeira. **O coreto da praça Cesário Alvim em Ouro Preto: Análise histórica, estilística e construtiva**. 2017. Monografia (Tecnóloga em Conservação e Restauro) - Graduação e Pós-graduação do Instituto Federal de Minas Gerais, Ouro Preto, 2017. Disponível em: <https://restauro.ouropreto.ifmg.edu.br/wp-content/uploads/sites/33/2019/01/TCC-Savilly-Buttros.pdf>. Acesso em: 23 out. 2022
- CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade e a organização do espaço**. Revista do Departamento de Geografia, v. 1 (1982), p. 105-111, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/47072> . Acesso em: 18 out. 2021
- CARNEIRO, Camila Kelly. **Um registro sobre as transformações e tenacidades na Paisagem Urbana: o caso da Rua Pouso Alegre – Belo Horizonte**. Dissertação (mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.
- CARSALADE, F. L. **A pedra e o tempo: arquitetura como patrimônio cultural**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.
- CARVALHO, R. N.; CASTRO, J. D. B.; SANTOS, J. C. V.; ROSA, C. A. L.; COSTA, P. A.; SILVA, J. F. S.; VASCONCELOS, B. M. *Gonzaga`s house in Caldas Novas, Goiás: past and presente in the tourist city*. **CONCILIUM**, Vol. 23, Nº 14, p. 50-65, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.53660/CLM-1603-23J25>. Acesso em 7 de ago. 2023.
- CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Patrimônio cultural: conceitos, políticas, instrumentos**. São Paulo: Annablume, Belo Horizonte: IEDS, 2009.
- CHAVES, Vanessa. Mostra Kzulo de Arquitetura reúne 29 ambientes para contar a história de Anápolis. **G1**. Anápolis, mar. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/mercado-imobiliario/noticia/mostra-kzulo-de-arquitetura-reune-29-ambientes-para-contar-a-historia-de-anapolis.ghtml> Acesso: 14 de dez. 2022.
- CHIAROTTI, Miriam Vanessa de Moraes; CHIAROTTI, Tiziano Mamede. *In: Caderno de Pesquisas – Museu Histórico de Anápolis “Alderico Borges de Carvalho”*, Anápolis, Ano 3, nº 1 e 2, 2011.
- CHOAY, Françoise. **Alegoria do património**. 3.ed. Lisboa: Edições 70, 2014.
- CHUVA, Márcia Regina Romeiro. **Os arquitetos da memória: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil (anos 1930 – 1940)**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- COSTA, Everaldo Batista da; STEINKE Valdir Adilson. **Cidades históricas do estado de Goiás, Brasil: uma agenda de pesquisa**. Ateliê Geográfico, Goiânia, v. 7, n. 2, p.164-195, agosto 2013. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/atelie/article/view/18518>. Acesso em: 20 out. 2022
- CULLEN, G. **Paisagem Urbana**. Lisboa: Edições 70, 2006.

CUNHA, Wânia Chagas Faria. **Dinâmica regional e estruturação do espaço intraurbano: um estudo sobre as influências do DAIA na economia anapolina a partir de 1990**. Dissertação (Mestrado) apresentada ao Instituto de Estudo Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, 2009.

DI PAOLI, Cláudia Moreno; SERRA, Túlio Lopez. História da arquitetura do edifício-sede do Hospital Evangélico Goiano. *In: Caderno de Pesquisas – Museu Histórico de Anápolis “Alderico Borges de Carvalho”*, Anápolis, Ano 4 e 5, nº 1 e 2, 2013.

DUTRA E SILVA, Sandro. **No Oeste, a terra e o céu: a expansão da fronteira agrícola no Brasil central**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2017.

ESTEVAM, Luis Antonio. **O tempo da transformação Estrutura e dinâmica na formação econômica de Goiás**. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 1997.

FERREIRA, Haydée Jayme. **Anápolis, sua vida, seu povo**. 2. ed. Goiânia: Kelps, 2011.

FERREIRA, William Rodrigues. **O espaço público nas áreas centrais: A Rua como referência**. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

FRANÇA, Maria de Sousa. A formação histórica da cidade de Anápolis e a sua área de influência regional. *In: Separata dos anais do VII Simpósio Nacional – ANPUH: Belo Horizonte, 2 a 8 de setembro de 1973*.

FREITAS, Anna Clara Mendonça. Patrimônio, Memória e Art Déco Escola de teatro e dança de Anápolis. **Cadernos de TC – Arquitetura e urbanismo UniEvangélica**, Anápolis, 2019.

GAUDEMAR, Jean-Paul. **Mobilité du Travail et Accumulation du Capital**. Paris, François Maspéro, 1975.

GONÇALVES, Claudiomir Justino. **Anápolis no fluir dos anos Vol I (1798 – 1951)**. Goiânia: Kelps, 2021.

GONSALES, Célia Helena Castro. Cidade moderna sobre cidade tradicional: movimento e expansão – parte 2. **Arquitextos**, São Paulo, ano 05, n. 059.04, Vitruvius, abr. 2005. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.059/473> Acesso em: 20 de jun. 2023.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

HOPPE, Maria Clara Ortega Pichinin. **A rua: Percepção da paisagem urbana**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2019.

IPHAN. **Carta de Atenas**. Atenas, 1931. Disponível em: < <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Atenas%201931.pdf> >. Acesso em 10. Jan 2022.

IPHAN. **Carta de Atenas**. Atenas, 1933. Disponível em: <
<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Atenas%201933.pdf>>. Acesso em 10. Jan 2022.

IPHAN. **Carta de Veneza**. Carta Internacional sobre a Conservação e Restauração de Monumentos e Sítios. II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos. Veneza, 1964. Disponível em: <
<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>> Acesso em 10. Jan 2022.

IPHAN. **Compromisso de Salvador**. II Encontro de Governadores para Preservação do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Natural do Brasil. Salvador, 1971. Disponível em <
<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Compromisso%20de%20salvador%201971.pdf>> Acesso em: 15. Jul 2023.

IPHAN. **Declaração de Amsterdã**. Congresso do Patrimônio Arquitetônico Europeu. Amsterdã, 1975. Disponível em:
<<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Declaracao%20de%20Amsterda%CC%83%201975.pdf>>. Acesso em: 22. Jul 2022.

IPHAN. **Recomendação de Nairóbi**. Recomendação relativa à salvaguarda dos conjuntos históricos e a sua função na vida contemporânea. NAIRÓBI, 1976. Disponível em:
<<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Recomendacao%20de%20Nairobi%201976.pdf>> Acesso em: 15. Jul 2023.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. Tradução de: Carlos S. Mendes Rosa. – 3 ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

LAMAS, José M. Ressano Garcia , **Morfologia urbana e desenho da cidade**. 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo, Editora da Unicamp, 1990.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Tradução de: Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. V.1, fev. 2006. Título original: La production de l'espace Paris: Éditions Anthropos, 2000.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LEITE, Ricardo Lage. Evolução dos cinemas em Anápolis: final da década de 1920 a meados de 1950. *In: Caderno de Pesquisas – Museu Histórico de Anápolis “Alderico Borges de Carvalho”*, Anápolis, Ano 2, nº. 1, 2010.

LEROI-GOURHAN, A. **Le geste et la parole**, 2 vols., Michel, Paris (trad. portuguesa: Edições 70, Lisboa, 1981- 83).

LUZ, Janes Socorro da. **A (re)produção do espaço de Anápolis/GO: a trajetória de uma cidade média entre duas metrópoles, 1970-2009**. Tese [Doutorado]. Instituto de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2009.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. São Paulo, WMF Martins Fontes, 2018.

- MACHADO, Hamilton. **Imagens do comércio Anapolino no jornal “o Anápolis” (1930-1960): A construção da Manchester Goiana.** Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2009.
- MARX, Karl. **O Capital.** Livro I. Boitempo, v.2, 2011.
- MATOS, Sandra Corrêa. A visibilidade evangélica no meio social Anapolino. *In: Caderno de Pesquisas – Museu Histórico de Anápolis “Alderico Borges de Carvalho”*, Anápolis, Ano 2, nº 2, 2010.
- MEDEIROS, Maria Suelly da Silva. **A produção do espaço das pequenas cidades do Seridó Poriguar.** Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.
- MENESES, Marcela Ruggeri. **As múltiplas dimensões do processo de consolidação de Anápolis como centro regional.** Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.
- MENEZES, Ulpiano T Bezerra de. A paisagem como fato cultural. *In: Turismo e paisagem* / Eduardo Yázigi (org.) São Paulo: Contexto, 2002.
- MESCHICK, Ana Patrícia Oliveira. **Imaginários urbanos de Brasília: um paralelo entre a monumentalidade e a vida cotidiana.** 2022. 120 f. il. Dissertação (Mestrado em Design) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.
- MINAMI, Issao. Paisagem urbana de São Paulo. Publicidade externa e poluição visual. **ArquiteXtos**, v. 13, texto especial 74, jun. 2001. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.013/879> . Acesso: 21 out. 2021
- MIYAZAKI, Vitor Koit . **Estruturação da cidade e morfologia urbana: um estudo sobre cidades de porte médio da rede urbana paulista.** Tese (Doutorado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente (SP), 2013.
- MORENO, Júlio. **O futuro das cidades.** Editora: Senac - São Paulo, 2ª ed., 2002.
- MUNFORD, Lewis. **A cidade na história.** São Paulo: Martins fontes, 4ª ed., 1998.
- NICOLI, Sandra; GENOVEZ, Patrícia Falco; SIQUEIRA, Sueli Siqueira. MIGRAÇÃO, MEMÓRIA E TERRITÓRIO: Os descendentes de imigrantes italianos da microrregião de Aimorés/MG. **História e Perspectivas**, Uberlândia, (49), p. 371-406, jul./dez. 2013.
- NORA, Pierre; Tradução: AUN KHOURY, Yara. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S.l.], v. 10, out. 1993.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. **Genius loci: towards a phenomenology of architecture.** New York: Rizzoli, 1984.
- OLIVEIRA, Adão Francisco de. **Do Pântano ao Jardim: uma Nova Esperança. A produção social do espaço em Goiânia.** Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2002.

PANERAI, Philippe. **Análise Urbana**. Tradução de: Francisco Leitão. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

POLONIAL, Juscelino. **Introdução à história política de Anápolis, 1819-2007**. Editora Kelps, 2007.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. Trad. Eduardo Brandão. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. Preservar não é tomar. Renovar não é por tudo abaixo. In. **IX Encontro Anual da ANPOCS**. Rio de Janeiro, 1985. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/9-encontro-anual-da-anpocs/gt-10/gt23-7/6166-carlossantos-preservar/file>. Acesso em: 10 nov. 2022.

SANTOS, J. C. V. **Região e destino turístico**: sujeitos sensibilizados na Geografia dos lugares. São Paulo: Allprint, 2013.

SANTOS, J. C. V.; VONG, M.; FONTANA, R. de F. TURISMO E POLÍTICAS PÚBLICAS: uma análise teórica e comparativa entre Brasil e Portugal. **Geografia em Questão**, [S. l.], v. 11, n. 2, 2018. DOI: 10.48075/geoq.v11i2.20022. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/geoemquestao/article/view/20022>. Acesso em 22 de jul. de 2023.

SANTOS, J. C. V.; CLEMENTE, R. D. B. Um caminho urbano, suas edificações e comércios no interior de Goiás: a tradicional rua rio preto. **Revista Percursos – NEMO**, Maringá, v. 9, n. 1, p. 41- 68, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Percursos/article/view/49694>. Acesso em 15 mar. 2022.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. - 4. ed. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1998.

SAUER, C. O. **A Morfologia da Paisagem**. Tradução de: Gabrielle Corrêa Braga. Revisão de: Roberto Lobato Corrêa. Rio de Janeiro: Departamento de Geografia, UFRJ, 1925. Título original: The Morphology of Landscape.

SILVA, Ana Caroline Caixeta. **Do edifício histórico ao espaço urbano: um estudo sobre a Estação Ferroviária no Centro Pioneiro de Anápolis-GO**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais e Humanidades) - Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2019.

SILVA, José Fábio. **O progresso como categoria de entendimento histórico: um estudo de caso sobre a modernização da cidade de Anápolis-GO (1930-1957)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História, 2014.

SILVA, Júlia Bueno de Moraes. **O interior e sua importância no Projeto Centralizador do Brasil: Anápolis anos 20-30**. Dissertação [Mestrado].

Instituto de Ciências Humanas e Letras, Departamento de História, Pós-Graduação em História das Sociedades Agrárias. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 1997.

SILVA, Luiz Eduardo Rosa. **A CONQUISTA DOS OLHARES: história das salas de cinema de rua em Anápolis (1924 -1960)**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais e Humanidades) - Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2019.

SOARES, Murillo Oliveira. **Anápolis: uma cidade entre capitais (Goiânia e Brasília) e modernidades (1930-1960)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2019.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de: Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

VAINER, Carlos. Política migratória recente no Brasil. Notas para uma avaliação. *In: Cadernos PUR/UFRJ*, ano I, n. 1, 1986.

VARGAS, Lucas Gabriel Corrêa. **Representações Sociais do Progresso: Uma perspectiva a partir da chegada da estrada de ferro em Anápolis-GO**. Dissertação (Mestrado em Projeto e Cidade) – Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.

VICENTINI, Albertina. **Tal sertão, qual cerrado?**. Goiânia: UFG, 2016.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Stúdio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 2001.

WHITCAKER, A.; MIYAZAKI, V. O estudo das formas da cidade no âmbito da Geografia Urbana. Apontamentos metodológicos. **Revista de Geografia e Ordenamento do Território**, n.º 2 (Dezembro). Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território, 2012, p. 307-327.

Periódicos

Jornal Correio do Planalto, Anápolis, 1981.

Jornal O Anápolis, Anápolis, 1949.

Jornal O Anápolis, Anápolis, 1956.

Jornal Voz do Sul, Anápolis, 1931.

Jornal Voz do Sul, Anápolis, 1932.

ANEXOS

1. A Rainha da Barateza em 1932.



Fonte: Gonçalves (2021, p.64).

2. Praça João Pessoa em 1940 mostrando desenho dos jardins e coreto como destaque.



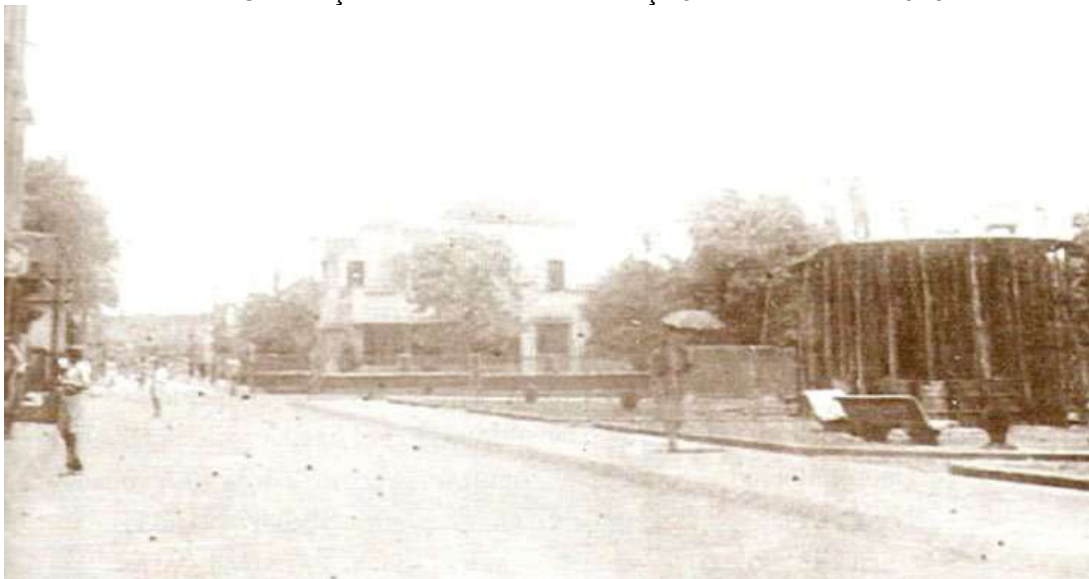
Fonte: Gonçalves (2021, p.107).

3. Desfile de 7 de setembro com apresentações no coreto em 1940.



Fonte: Gonçalves (2021, p.108).

4. Construção do novo coreto na Praça João Pessoa em 1948.



Fonte: Gonçalves (2021, p.169).

5. Coreto na Praça James Fanstone de noite, sem data.



Fonte: Acervo Iconográfico do Museu Histórico "Alderico Borges de Carvalho.

6. Hospital Evangélico Goiano em 1947.



Fonte: Gonçalves (2021, p.148).

7. Anexo do Hospital Evangélico Goiano, sem data.



Fonte: IBGE.

8. Cine Teatro Imperial em 1948.



Fonte: Gonçalves (2021, p.171).

9. Cine Teatro Imperial de frente à Praça em 1937.



Fonte: Acervo Iconográfico do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho.

10. Construção do edifício Sociedade Comercial de Automóveis (SCA).



Fonte: Gonçalves (2021, p.142).

11. Fachada da Companhia Comercial de Automóveis (CCA) em 1951.



Fonte: Gonçalves (2021, p.212).

12. O edifício da CCA na década de 60.



Fonte: Acervo Iconográfico do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho.

13. Casa de Manoel D' Abadia em 1951.



Fonte: Gonçalves (2021, p.217).

14. Rua Cel. Aquiles de Pina e a Casa de Tonico de Pina em 1948.



Fonte: Gonçalves (2021, p.169), fotografia de Garcez.

16. Casa de Tônico de Pina em 1949 e entorno.



Fonte: Gonçalves (2021, p.193).